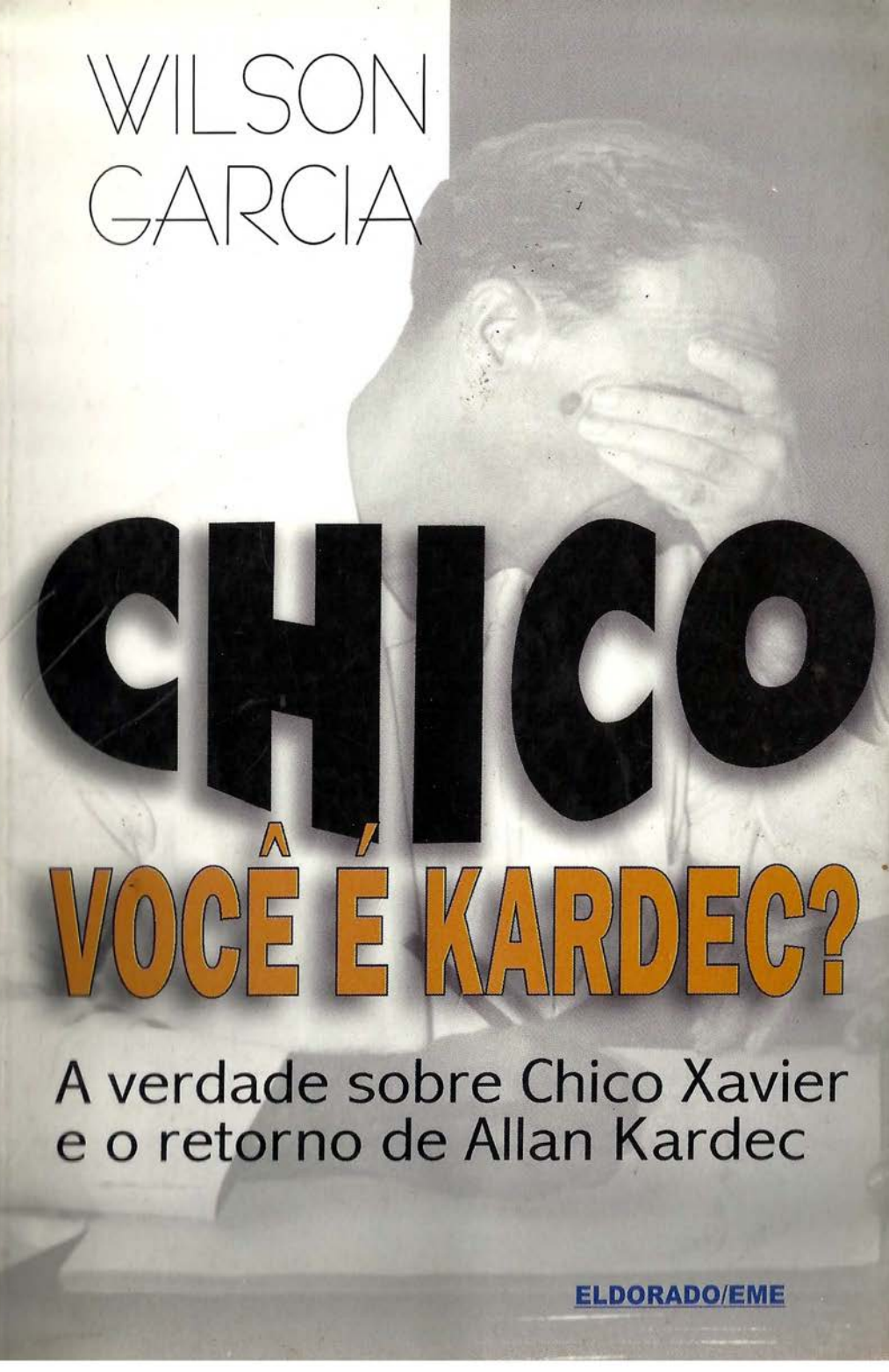


WILSON
GARCIA

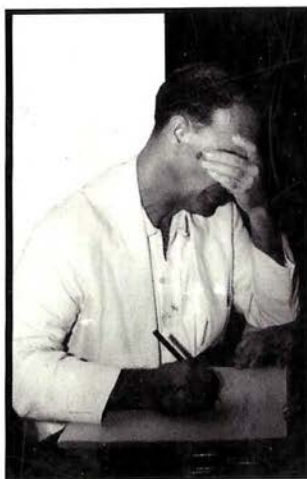


CHICO

VOCÊ É KARDEC?

A verdade sobre Chico Xavier
e o retorno de Allan Kardec

ELDORADO/EME



Chico Xavier:
"Não somos aquilo
que os outros
imaginam que
somos."

ISBN 85-7353-129-0



9 788573 531299

CO-EDIÇÃO
ELDORADO/EME

Chico é diferente.

Os anos vão se suceder, até que um dia os conhecimentos da obra de que é medianeiro se esgotem e sejam suplantados por outros, da mesma maneira que ocorre com Allan Kardec, cujo rasgo profundo no sistema de pensamento do homem exigirá séculos para ser de fato absorvido. E se nada mais dos dois houvesse a destacar, bastaria lembrar que suas obras estão interligadas definitivamente, sendo Chico o médium por meio de quem os Espíritos prosseguiram na obra que Kardec organizou, segundo um sistema destinado a educar o pensamento humano.

O mundo maravilhoso das vidas passadas

Há uma curiosidade em geral sadia naqueles que buscam as raízes dos fatos. O desejo de conhecer a origem da vida é, como sempre foi, a causa de grandes descobertas e extraordinárias conquistas. Mas, vasculhar o passado não é apenas prazeroso para o pesquisador paciente e predisposto a alcançar determinadas realidades; atende também às expectativas da curiosidade pura e desinteressada, com origem nos mortais mais simples e anônimos.

CHICO,

VOCÊ É KARDEC?

CO-EDIÇÃO
ELDORADO / EME

Edição e Distribuição:



Fone/Fax: (019) 491-7000
Caixa Postal 1820
13360-000 - Capivari-SP
E-mail: editoraeme@ncap.com.br

WILSON GARCIA

CHICO

VOCÊ É KARDEC?

A verdade sobre Chico Xavier
e o retorno de Allan Kardec

Copyright 1999, Wilson Garcia

1ª edição
3.000 exemplares
Novembro de 1999

Edição conjunta:

Editora Eldorado Espírita de São Paulo
Editora Mensagem de Esperança (EME)

Projeto gráfico:
Jonas Narivicius

Capa:
W. Garcia

Revisão:
Maria Júlia Oliveira Zucolin

DIGITALIZAÇÃO:
PENSE – Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense
Dezembro de 2013

Ficha Catalográfica

Garcia, Wilson
Chico, Você é Kardec?, Wilson Garcia, 1ª edição
novembro/1999, Capivari - SP, Editora Eldorado/EME.
ISBN 85-7353-129-0
183p.
1 - Espiritismo - Reencarnação
2 - Biografia sobre Chico Xavier/Kardec
CDD 133.9

*“A HISTÓRIA É FEITA
PELOS HOMENS-ESPÍRITOS
E NÃO PELOS
HOMENS-CORPOS.”*

JOSÉ HERCULANO PIRES

SUMÁRIO

O Círculo de Abred da Reencarnação	11
--	----

CAPÍTULO I

De onde nascem as águas da vida	23
O mundo maravilhoso das vidas passadas	24
Nova referência ao retorno de Kardec	32
A sucessão de Kardec e a obra complementar	36
O que se pensa sobre o assunto	38
O retorno segundo os biógrafos	40

CAPÍTULO II

O passado suscita curiosidades e conduz a pesquisas	45
O ponto de partida para ligar Chico Xavier a Kardec	51
Kardec prossegue, na opinião de Adelino da Silveira ...	55
A mensagem do Espírito Hilário Silva	57
Chico/Kardec na visão do Dr. Jarbas Varanda	60
A médica Marlene Nobre e a tese Chico/Kardec	63
Mensagem de Kardec indicaria seu retorno próximo ...	68

CAPÍTULO III

A opinião contrária das lideranças espíritas	73
Análise dos argumentos prós e contras	77
A mensagem “A Volta de Allan Kardec”	79
Duas outras mensagens de Hilário Silva	89

Apenas com Água e Visão de Eurípedes	90
Todos os rios caminham para o mar	96
A lógica da emoção e a emoção da lógica	100
Na berlinda, Chico nada confirma	108
De preces e outros argumentos inconsistentes	116
Teria sido uma farsa o casamento de Kardec?	121
As diferenças psicológicas de Kardec e Chico Xavier .	130
As mensagens que Kardec não teria enviado	137
No clima do passado, uma opinião e uma declaração discutíveis	148

CAPÍTULO IV

O que Chico de fato disse a seu respeito	155
Chico não aceita ser confundido com Allan Kardec ...	166
Bibliografia	173
Notas.....	178
Obras do Autor	181

O Círculo de Abred da Reencarnação

“Uma vez, uma senhora chegou perto dele feliz da vida. Tinha feito uma descoberta.

– Fui mártir. Morri na arena devorada por um leão. E você, Chico?

– Ah, eu fui a pulga do leão”.¹

Segundo o jornalista Marcel Souto Maior, Chico “ficava cansado daquele monte de heróis à sua volta. De vez em quando, um amigo abria um sorriso e se apresentava a ele, orgulhoso, como um ex-Napoleão, um ex-rei, um ex-apóstolo. Ninguém enchia a boca para dizer: “Fui um perdedor”. Todos tinham histórias edificantes para contar. Chico ouvia as revelações grandiloquentes e, às vezes, não resistia a uma ironia:

– Eu, aqui, no meio destas cabeças coroadas, com a cabeça decepada.

Ficou feliz da vida quando um vizinho comunicou:

– Lá em casa há mais uma criadinha às ordens. Nasceu uma menina e dizem que é o espírito de uma índia que reencarnou.

Chico quase bateu palmas.

– Graças a Deus. Até que enfim nasceu uma índia.

Só sentia vontade de vaiar quando alguém especulava sobre as vidas passadas dele. Certo, ele teria sido Flávia mesmo. E daí? Qual a importância disto? O tema, para ele, era pura perda de tempo. Cada um deveria se preocupar com esta vida”.

Por seu trabalho e por seus exemplos, Chico Xavier, o médium de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, e depois de Uberaba mas, essencialmente, o médium do mundo tornou-se uma das figuras mais conhecidas e amadas de nosso tempo. Por isso mesmo, falar dele e de sua obra é um risco muito grande, especialmente quando se pode ter por obrigação dizer coisas que possam parecer críticas a ambos, obra e Chico.

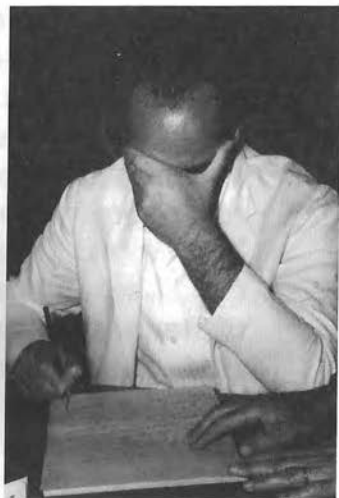
Não é essencialmente este o caso aqui. Mas pode a alguns parecer. A verdade é que Chico monopolizou a atenção do Brasil desde os primeiros anos de sua idade adulta, mais precisamente quando o livro “Parnaso de Além Túmulo” saiu do domínio do anonimato literário e caiu no gosto dos críticos, isso pelos idos de 1932. Lá se vão quase setenta anos de história.

A multidão que desde então passou a amar o Chico e a lhe dever algum tipo de favor (embora ninguém devesse de fato dever alguma coisa aos médiuns) pode ser vista até hoje, nas imensas filas que se formaram em Pedro Leopoldo, Uberaba e por esse Brasil afora, por onde tenha passado o médium. Nenhum mortal viu coisa igual em país

algun do mundo, em se tratando de um médium. Em 1978, na Bienal do Livro, que ainda era realizada no Pavilhão do Ibirapuera em São Paulo, a pretexto do lançamento de um livro, Chico Xavier mobilizou admiradores até quase cinco horas da manhã, numa sessão de autógrafos que havia começado no dia anterior, por volta das dezesseis horas. Quem ali presenciou o fato viu como os editores estrangeiros reagiram: com enorme espanto!

Chico é fora de dúvida. Jamais, no mundo inteiro, um médium respondeu aos seus deveres com tanta responsabilidade e dedicação, sem desmerecer nenhum dos extraordinários médiuns que o antecederam com obras psicográficas admiráveis, de grande consumo.

Chico é diferente. Se sua tarefa tinha como ponto primordial servir sem ser servido, ninguém o alcançou no mesmo *métier*, se o principal aspecto de seu trabalho consistia em entregar ao homem uma pilha de obras deveras necessárias para o entendimento do mundo, estaria ele aprovado; mas, se o que de mais importante tinha a fazer era dar um exemplo de como se vive por um ideal anos a fio, a despeito das incompreensões e de todas as mais insinuantes manobras da co-



**Chico
psicografando
quando
ainda
residia em
Pedro
Leopoldo**

modidade, Chico foi incomparável.

Os anos vão se suceder, até que um dia os conhecimentos da obra de que foi medianeiro se esgotem e sejam suplantados por outros, da mesma maneira que ocorre com Allan Kardec, cujo rasgo profundo no sistema de pensamento do homem exigirá séculos para ser de fato absorvido. E se nada mais para ambos houvesse que destacar, bastaria lembrar que as obras dos dois estão interligadas definitivamente, sendo Chico o medianeiro por meio de quem os Espíritos prosseguiram na obra que Kardec houvera organizado, segundo um sistema que mais educa que delimita o pensamento.

Mas, a grande discussão deste fim de século XX, em que Chico Xavier supera as mais prudentes profecias e permanece ligado ao corpo físico, é sobre ser ele ou não a reencarnação do Codificador Allan Kardec. A tese foi proposta há muitos anos e enganosamente permaneceu apagada; enganosamente, porque, de fato ela jamais foi abandonada, pois dormitava no leito daqueles que especulam sobre o retorno do Codificador no corpo do médium mineiro. De momento a momento, revitalizava-se com o aparecimento aqui e ali de fatos que pareciam indícios. Os mais decididos contraditores, dentre eles alguns que tiveram longo e largo contato com Chico, chegam mesmo a afirmar com destemor que há por parte do Chico uma parcela de culpa nessa questão, uma vez que ele estaria, de uma forma ou de outra, alimentando a fogueira das ilusões e indiretamente fomentando a tese. De outro lado, a con-

trabalançar a questão, outros não menos insuspeitos amigos de Chico são unânimes em dizer que o médium fica tão contrariado quando o assunto surge que chega a cortar relações com aqueles que defendem a tese de que ele e Kardec são a mesma personalidade reencarnada.

A acreditar-se nas palavras do jornalista Marcel Souto Maior, no livro citado, têm razão. Diz ele que Chico “sempre mudava de assunto quando alguém ameaçava sondá-lo sobre suas próprias vidas anteriores. Mesmo assim, as especulações animavam conversas reservadas entre os espíritos. Os amigos aprenderam a arriscar, às escondidas, palpites sobre a última encarnação de Chico na Terra. Entre os nomes mais cotados, sempre esteve o de José Anchieta, parceiro de Manoel da Nóbrega (o Emmanuel)”.²

Não há como ficar imune à discussão, quando se tem uma parcela, por mínima que seja, de participação no tema que se chama Espiritismo. O grande desafio que se coloca aos estudiosos é encontrar meios de estudar o assunto com isenção de ânimo, levando em consideração os dois lados e acrescentando aí os demais pretendentes a herdeiros do pedagogo francês, já que estes também participam da discussão e, no caso presente, são terceiros interessados, para usar de uma linguagem jurídica. Outro desafio a vencer é manter o respeito às diversas opiniões, mesmo quando estas se apresentam despojadas de qualquer senso crítico, tendendo mais a um posicionamento emotivo e pessoal, às vezes até respaldado por evidentes influências de personalidades invisíveis

cujas intenções são de trazer ao ambiente em que as idéias são colocadas uma certa confusão.

O tema da reencarnação está colocado na Doutrina Espírita como um dos pilares que a sustentam; tudo o que lhe diz respeito interessa de certa forma ao Espiritismo. Apresenta-se sob dois aspectos igualmente importantes: o filosófico e o científico. Entre os dois situa-se o do interesse pessoal ou grupal, mas esse aspecto precisa ser colocado no seu devido lugar, por se tratar de uma questão que não passará do nível em que surge - o da mera curiosidade - apesar de aparecer aqui e ali como ingrediente motivador de livros e trabalhos diversos. Neste caso, servirá, quando abordado, para que o estudioso possa formar uma idéia clara de seu valor apenas circunstancial.

Embora a reencarnação não tenha sido inventada pelo Espiritismo, foi a partir dele que a teoria ganhou espaço e passou a ser pesquisada em termos científicos, já desde os tempos de Kardec, ocupando a atenção de estudiosos sérios, como Gabriel Dellanne, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano e, mais recentemente, Ian Stevensson e o professor Hemendra Nat Banerjee. Este último, estando no Brasil, foi visitar Chico Xavier em companhia do Dr. Hernani Guimarães Andrade, mas não estava interessado em pesquisar sua reencarnação.³

O que a pesquisa científica traz como contribuição à filosofia da reencarnação admitida pelo Espiritismo é o fato de confirmá-la ou não nos casos estudados. Uma vez que isso não possa ser

concretizado, qualquer tese deverá ser colocada no seu devido lugar, aguardando melhores condições para sua definição. Porém, se uma dessas duas condições for devidamente preenchida, não se terá mais o que discutir. Isso de forma alguma invalida os esforços empreendidos por aqueles que, com seriedade, se lançam a analisar o assunto e de modo particular concluem numa ou noutra direção. O que se espera aí é, no mínimo, uma posição honesta: casos em que a reencarnação não esteja comprovada devem ser devidamente esclarecidos, cabendo ao estudioso a sinceridade desse esclarecimento, para que sua opinião particular não seja tomada inadvertidamente à conta de uma verdade. Este foi o caminho trilhado pelos estudiosos do passado, o que contribuiu para que se tornassem referência no assunto.

A questão Chico-Kardec tem sido colocada muito no plano emocional, o que explica de certa forma as posições apaixonadas e pouco propícias à discussão. É possível que não seja resolvida no plano científico, mas sua análise pode e deve levar a uma posição pelo menos de resguardo da opinião doutrinária, desde que convenientemente aceita com boa vontade. Isto é plenamente possível, embora pareça a alguns muito pouco provável. A explicação é que, desde que Chico alcançou o estágio em que se situa atualmente, de admiração somente votada aos grandes e raros homens, tornou-se quase impossível contornar os meandros formados pela avassaladora massa dos seus adoradores, massa essa que, como qualquer outra, não pode ser tratada somente no plano da

razão, mas também não pode ser manipulada pelo lado emocional. E isto, segundo aquelas opiniões, é o que mais tem acontecido, especialmente pelas manifestações de algumas lideranças, cujo posicionamento contribuiria para aumentar a carga emocional.

Se isso é de fato verdadeiro, pouco se poderá fazer.

Em nosso estudo, porém, preferimos acreditar que os espíritas inteligentes, cultores da fé racional, poderão auxiliar com grande influência a opinião pública, a fim de colocá-la numa posição equilibrada ante a situação, na esperança de que isso contribua para o discernimento doutrinário, base das mudanças individuais e sociais que se espera ocorra. Essa esperança se funda na certeza de ser o Espiritismo uma doutrina que promove uma ruptura no pensamento humano, a partir da qual pode ser melhor absorvido e, portanto, incorporado culturalmente.

Se a maioria dos espíritas e dos admiradores da doutrina codificada por Kardec preferirem o caminho contrário, dando mais valor à emoção em detrimento do equilíbrio entre sentimento e razão, aí então, não somente Chico será Kardec, mas, qualquer um poderá ser qualquer coisa, porque estaremos vivendo o tempo das ilusões que o Espiritismo não terá conseguido suplantat.

Chico se fez uma criatura extraordinária. Como homem e como médium. E como toda criatura extraordinária, tem seu lado complexo, misterio-

so, indevassável. À distância, esse mistério se torna ainda maior e quem o admira com sofreguidão apenas à distância ficará, deveras, horrorizado com a sabedoria popular que diz que “para um criado de quarto não há homem perfeito”.

Fred Jorge saiu de São Paulo para ver o Chico, preocupado. Será que o famoso médium o receberia? “Fomos ver um dos maiores homens do Brasil” – diz. “O mais discutido e o mais querido. Considerado um dos maiores médiuns do mundo. Esperávamos ver alguém impertinente, superocupado, sem disposição para nos receber, para perder tempo com estranhos. Encontramos mais do que um amigo. Não um irmão para nós. Um irmão para todos! Um manancial suave e puro, perdido na floresta de dores e sofrimentos deste mundo!”. Este retrato está no livro “Chico Xavier, sua verdadeira história”, que Fred Jorge publicou em 1972.⁴

Com a obra, produzida às carreiras para consumo rápido, Fred Jorge se juntou às mais de duas dezenas de escritores que já procuraram descrever essa criatura que um dia, lá se vão mais de 80 anos, afirmou para o padre de sua cidade que estava trocando a família católica pela do desconhecido e mal-afamado francês Allan Kardec. Em todos os trabalhos biográficos, contudo, a questão da vida anterior de Chico Xavier ficou relegada, ora ao esquecimento, ora a meras anotações. Com razão. Além do disse-que-disse dos bastidores nada se sabia. Hoje, que o assunto está posto publicamente, sob a chancela de lideranças de expressivos seguimentos do movi-

mento espírita, torna-se obrigatório enfrentá-lo. E como a vida do famoso médium está por demais apresentada, podemos optar por tratar apenas do tema em si, com escaramuças quando necessário pelo campo de sua mediunidade.

Ainda assim, sabemos estar pisando num terreno movediço. Temos, contudo, a nosso favor, a sinceridade de propósito e o amparo do Codificador, que garante a qualquer estudioso o direito (e por que não o dever?) de auscultar os fatos, analisar os conteúdos e tomar uma posição honesta. Isto vale tanto para a questão da mediunidade, quanto para a da reencarnação.

* * *

Depois que tomou conhecimento de sua vida pretérita como druida, Allan Kardec teve aumentado seu interesse pela doutrina daquele povo. Publicou na “Revista Espírita” estudos sobre o assunto para tornar mais conhecidos os princípios druídicos que tão perto estavam dos que o Espiritismo vinha apresentar. Ao tocar na importante questão de Deus sob a visão dos druidas, Kardec destacou: “Há três círculos de existência: *o círculo da região vazia (keugante)* onde - exceto Deus - não há nada vivo nem morto e nenhum ser que Deus não possa atravessar; *o círculo da migração (abred)* onde todo ser animado procede da morte, que o homem atravessou; e *o círculo da felicidade (gwenved)*, onde todo ser animado procede da vida, que o homem atravessará no céu”.

Em termos druídicos, pois, o Círculo de Abred se refere à vida na Terra, onde os Espíritos transmigram, isto é, vivem vidas sucessivas em corpos diferentes, atravessando a morte constantemente para ressurgir mais além e prosseguir sua saga. Como diz o texto reproduzido por Kardec na revista de abril de 1858, “as declarações das tríades relativas às condições inerentes ao Círculo de Abred derramam as mais vivas luzes sobre o conjunto da religião druídica. Sente-se que nela perpassa um sopro de superior originalidade. O mistério que à inteligência oferece o espetáculo de nossa existência atual adquire nela uma feição singular, que não se encontra em parte alguma. Dir-se-ia que um grande véu, rompendo-se aquém e além da vida, deixa a alma nadar de repente, com uma força inesperada, através de uma extensão indefinida, de que jamais foi capaz de suspeitar por si mesma na sua prisão entre as portas espessas do nascimento e da morte”.

Estamos todos, Chico, Kardec e nós, mergulhados no Círculo de Abred, mas agora com o mistério druídico desfeito, pelo menos quanto a inúmeras indagações que então ficavam apenas para os seus iniciados. Podemos contar com as luzes lançadas sobre a reencarnação pelos Espíritos, esclarecendo medianamente inúmeros aspectos da existência para deixar este mergulho que é renascer no planeta azul com muito mais fôlego. Quis o destino que um ex-druida fosse o autor dessa façanha esplendorosa, como a confirmar que o fio da meada da vida que começou

não se sabe onde, prossegue sem se romper pelo infinito dos universos.

O AUTOR

CAPÍTULO I

De onde nascem as águas da vida

“SIM, PLATÃO, É VERDADE: NOSSA ALMA
É IMORTAL; É UM BEM QUE LHE FALA, UM
DEUS QUE NELA VIVE. DE QUEM SENÃO
DELE PODERIA VIR ESSE GRANDE PRES-
SENTIMENTO, ESSE DESPREZO PELOS BENS
MUNDANOS, ESSE HORROR DO NADA?”

VOLTAIRE

Há dois pilares que sustentam o edifício doutrinário denominado Espiritismo, sem os quais não sobreviveria muito tempo: a mediunidade e a reencarnação. Não são os únicos pilares do edifício, mas são importantes e definitivos para sua sustentação. A mediunidade encaminha para a realidade invisível, que deixou de ser virtual ou imaginária para se transformar num valor palpável, decisivo para o homem poder compreender o mundo em que está situado e as relações que

estabelece com outros planos existenciais. A reencarnação se insere neste contexto como o fundamento da justiça e da evolução humana, providenciando o devido entendimento da continuidade da vida ao longo das eras, nos diversos mundos materiais construídos a partir da energia pura e destinados às experiências inúmeras dos conteúdos espirituais, as individualidades imortais denominadas Espíritos.

Ao estabelecer os fundamentos desses dois pilares, o Espiritismo garantiu a construção de uma idéia coerente para o ser e o destino, com abrangências nas vidas passadas e nas futuras. As conseqüências morais resultantes das teorias da mediunidade e da reencarnação se estendem a todos os demais princípios do Espiritismo e só podem ser compreendidas em sua extensão a partir dessas teorias.

O MUNDO MARAVILHOSO DAS VIDAS PASSADAS

Há uma curiosidade em geral sadia naqueles que buscam as raízes dos fatos. O desejo de conhecer a origem da vida é, como sempre foi, a causa de grandes descobertas e extraordinárias conquistas. Mas, vasculhar o passado não é apenas prazeroso para o pesquisador paciente e predisposto a alcançar determinadas realidades; atende também às expectativas da curiosidade pura e desinteressada, com origem nos “mortais” mais simples e anônimos.

Em alguns compartimentos da sociedade, essa

curiosidade tem sido motivo de condenação, arrastada por uma visão de pecado, especialmente quando o objeto de desejo se situa na zona nebulosa do mundo invisível. Ocorre que a curiosidade não pode ser condenável em si mesma; talvez não devesse ser condenada jamais! Sendo o móvel das ações em diversas circunstâncias da vida, mesmo quando dirigida àquilo que não oferece nenhum benefício, em lugar de ser objetivamente condenada deveria ser estimulada com vistas a manter a criatura disposta a prosseguir cultivando-a, com certeza aprimorando as aspirações, todavia nunca eliminando-as em razão da existência da curiosidade.

Foi a curiosidade que fez Allan Kardec se lançar à solução de muitos pontos e aspectos da vida invisível quando, depois de muito insistir com ele, alguns amigos o convenceram de que devia participar das experimentações mediúnicas que causavam certo alvoroço na sociedade de Paris, em meados do século XIX. Uma vez participando,



*Allan Kardec
aprofundou os
conhecimentos
sobre a
reencarnação*

descobriu um filão do mais puro ouro que um homem então poderia desejar: o conhecimento do invisível e suas relações com o visível. Antes, porém, de se lançar na escavação desse terreno rico, quis confirmar a sua autenticidade; desejou, também, resolver centenas de pequenas questões relacionadas ao terreno e esta curiosidade se mostrou intensa, contínua e responsável pelo encontro das soluções.

Por exemplo: tempos antes de definir sua participação na obra espírita, Kardec alimentava inúmeras dúvidas. A curiosidade o levou a colocar essas dúvidas e uma delas se referia à possibilidade de ter ele um guia espiritual ou Espírito protetor. Pelo diálogo anotado em “Obras Póstumas”⁵ se pode inferir não só essa curiosidade como, também, as questões e formas como eram colocadas.

Depois de perguntar se havia no mundo dos Espíritos algum que se interessasse por ele e obter uma informação positiva, Kardec quis saber: “Será o Espírito de algum parente ou de algum amigo?”, obtendo por resposta: “Nem uma coisa nem outra”. A curiosidade dele prosseguiu na forma de perguntas sucessivas, pelas quais ficou sabendo que o seu Espírito protetor teria sido na Terra “um homem justo e de muita sabedoria”. Isso poderia ser suficiente para a satisfação de qualquer um, mas Kardec tinha em mente conseguir outras informações, seja para resolver suas necessidades pessoais, seja para formar uma visão de conjunto do terreno onde estava pisando. Não conseguiu ele arrancar nenhuma informação quanto ao nome do seu Espírito protetor, de

forma a poder identificá-lo entre os personagens da história. O máximo que obtive foi uma indicação bastante subjetiva: “Para ti chamar-me-ei Verdade”. E ponto final.

A curiosidade de Kardec era inesgotável, porém. Na esteira das questões que apresentou, desejou obter informações sobre se o Espírito de sua mãe vinha de alguma forma visitá-lo por vezes. Os Espíritos afirmaram: “Vem e te protege quanto lhe é possível”, mas Kardec estendeu a questão e queria saber também, entre outras coisas, se quando sonhava com ela – e o fazia constantemente – não era isso o efeito de sua própria imaginação. A resposta satisfaz completamente: “Não; é mesmo ela que te aparece; deves compreendê-lo pela emoção que sentes”. Por uma nota acrescentada em suas recordações, esclareceu Kardec: “Isto é perfeitamente exato. Quando minha mãe me aparecia em sonho, eu experimentava uma emoção indescritível...”.

Por esse pequeno exemplo se pode ter uma idéia, ainda que pálida, da ansiedade do Codificador em solucionar as dúvidas que se sucediam em sua mente. Este fato foi positivo nele, assim como é nas pessoas sérias e sinceras e naquelas desejosas de resolver questões de importância para o bem geral, como é o caso dos pesquisadores nos variados campos da sociedade humana.

Entramos, agora, no terreno que nos interessa: a reencarnação de Kardec. Todo estudioso acaba sabendo que a relação do Espírito encarnado com o desencarnado, dentro dos processos

naturais em que a comunicação se faz via pensamento na vida diária, produz resultados diversos. No caso específico do Codificador e da sua curiosidade, algumas informações chegavam espontaneamente e outras vinham como respostas às suas indagações. A primeira vez que ouviu falar de uma possível futura reencarnação sua ocorreu ainda muito cedo, antes mesmo de ser publicado “O Livro dos Espíritos”. E veio de forma espontânea, no contexto de uma advertência que o Espírito Zéfiro lhe fazia com relação ao trabalho que estava executando e a necessidade de preservar-se de uma série de situações: “Segundo o que vejo, és muito capaz de levar a bom termo a tua empresa e tens que fazer grandes coisas. Nada, porém, de exagero em coisa alguma”. Essa foi a advertência.

O fato aconteceu em uma sessão na casa do Sr. Baudin, no dia 17 de janeiro de 1857, praticamente três meses antes do lançamento de “O Livro dos Espíritos”. A informação do Espírito que, no dizer de Kardec, “não era um Espírito superior, porém muito bom e muito benfazejo”, está escrita da seguinte forma:

“Mas, ah! a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo! Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra. Terás que voltar, *reencarnado noutro corpo*, para completar o que houveres começado e, então, dada te será a satisfação de ver em plena frutificação a semente que houveres espa-

lhado pela Terra.”⁶

O objetivo da informação dada pelo Espírito parece bastante claro: pretendia de certa forma estimular Kardec quanto ao trabalho que realizava, indicando-lhe que teria oportunidade de prosseguir-lo em outra existência. Era certo que a obra demandaria muito mais tempo para ser executada, embora naquela ocasião não se pudesse prever com clareza as reais dimensões do trabalho ainda em início. “O Livro dos Espíritos” não havia sido lançado, mas estava a caminho e, como se sabe, sua primeira edição nem de longe fazia supor a repercussão que teria posteriormente. Com certeza, por mais que descortinasse a importância do resultado de seus estudos e pesquisas, Kardec não tinha a noção exata do futuro, como é comum acontecer com os seres humanos em circunstâncias semelhantes.

Mas havia outros fatores e inconvenientes que era preciso perceber. Kardec, que nascera em três de outubro de 1804, tinha então 53 anos. Como “O Livro dos Espíritos” deveria ser lançado dali a três meses com cerca de metade das questões que comporiam depois a edição definitiva, tinha muito trabalho pela frente. Quando Zéfiro afirma a ele que deveria retornar à vida física para ver o êxito maior do trabalho e completar a obra, fala de forma genérica e não propriamente profética, como quem está mais ou menos a par da extensão do trabalho e do tempo que demandará até ser finalizado.

As comunicações dos Espíritos, como de resto

a comunicação entre os homens de forma geral, têm o seu lado objetivo e o subjetivo. Ao perceber essa nuance, Kardec registrou-a especialmente em “O Livro dos Médiuns”, referindo-se a ela com ênfase. Um dos detalhes, que aqui vale a pena estudar, diz respeito ao tempo. Este nem sempre é contado entre os Espíritos da mesma forma que entre os homens na Terra. Na revelação de Zéfiro, acima, não há referência objetiva ao tempo, isto é, não fala ele se a reencarnação de Kardec acontecerá num momento ou noutro. Diz, apenas, que “a verdade não será conhecida de todos, nem crida, senão daqui a muito tempo”, acrescentando: “Nessa existência não verás mais do que a aurora do êxito da tua obra”.

“Daqui a muito tempo” é uma afirmação bastante subjetiva. Pode, entretanto, ser interpretada como um tempo realmente muito longo, em termos terrenos, se levarmos em conta que a verdade precisará alcançar “todos” os seres humanos, verdade – diga-se – da qual o Espiritismo é uma parcela importante. Mas, se apenas a “aurora”, ou seja, o nascer da obra que realizava seria visto por Kardec, podemos inferir que, estando com 53 anos e vivendo numa época em que a expectativa média de vida não deveria ultrapassar 60 anos, não restava tanto tempo ao Codificador para completar o trabalho.

Ainda em relação à questão do tempo, veja-se o seguinte: em 24 de janeiro de 1860, quase três anos depois do aparecimento do livro inicial do Espiritismo, Kardec conversa com o Espírito denominado Verdade a respeito de uma previsão

que um outro Espírito fizera espontaneamente, na cidade francesa de Limoges, dizendo que o seu trabalho duraria ainda cerca de dez anos. Kardec queria saber se aquele tempo era correto e como um Espírito, comunicando-se numa cidade que ele jamais fora, poderia saber dessas coisas. A resposta esclareceu o assunto e deixou material para se pensar. Disse o Espírito Verdade:

“Nós sabemos o que te resta a fazer e, por conseguinte, o tempo aproximado de que precisas para acabar tua tarefa.” Um pouco mais à frente, disse: “Entretanto, não é absoluto o prazo de dez anos; pode ser prolongado por alguns mais, em virtude de circunstâncias imprevistas e independentes da tua vontade.”⁷

Com isso, Kardec tinha a previsão de que poderia completar o seu trabalho naquela vida mais ou menos em 1870. Como desencarnou em 30 de março de 1869, pode-se dizer que a previsão se confirmou. Já em dezembro de 1866, fazia referência à insistência dos Espíritos para que publicasse o livro “A Gênese” ainda em 1867, obra esta que praticamente completava o seu trabalho.

Ora, uma previsão que se demonstrou correta permite inferir que os Espíritos podem falar do tempo de maneira objetiva. Mas, ao esclarecer que o “prazo de dez anos” não era absoluto, o Espírito Verdade deixava patente a possibilidade de interferência de fatores incontrolláveis, o que levaria a prolongar o prazo. Poderiam os Espíritos prolon-

gar, também, a vida de Kardec? Essa é uma outra discussão, certamente longa, de um assunto que não pode ser analisado de afogadilho e fica, portanto, para apreciação futura. De qualquer forma, a questão tempo pede sempre, em se tratando de revelações mediúnicas, que se analise com critério o assunto.

NOVA REFERÊNCIA AO RETORNO DE KARDEC

Estava Kardec reunido em sua casa, em 10 de junho de 1860, com alguns amigos, servindo de médium a Sra. Schmidt, quando se manifestou o Espírito Verdade. O Codificador desejou saber sua opinião sobre a informação que acabara de receber, vinda de Marselha, dando conta de que num seminário católico local o Espiritismo estava sendo estudado. O Espírito confirmou a informação, mas alertou para o fato de que o estudo era feito em busca de encontrar meios para combater a doutrina, e não por simpatia. Kardec deveria se preparar para os duros tempos que se avizinhavam.

De fato, pouco mais de um ano depois, em 21 setembro de 1861, um acontecimento doloroso marcava a guerra em andamento promovida pela Igreja contra o Espiritismo: em Barcelona, Espanha, os padres católicos mandaram queimar em praça pública um carregamento de livros espíritas encomendados pelo livreiro Lachâtre, para venda. O fato ficou conhecido como “Auto-de-fé de Barcelona” e, mais do que um prejuízo causa-

do ao movimento espírita era, de fato, um atentado à liberdade de pensamento e expressão.

Na referida mensagem, o Espírito Verdade faz nova referência a uma possível reencarnação de Kardec na Terra. Vejamos como a coisa aconteceu. Ao falar dos duros tempos que se aproximavam, o Espírito fez a seguinte exortação: “Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós “por um pouco”. Kardec ficou intrigado com esse “por um pouco” e quis saber do Espírito o que significava. Recebeu a seguinte explicação, que destacamos em virtude de representar certamente o principal argumento para os partidários da idéia de que Kardec já reencarnou:

“Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver à Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência. Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo. Entretanto, há trabalhos que convém que os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los.”⁸

Kardec não colocou em dúvida a predição do Espírito. Antes, fez alguns cálculos e anotou:

“Calculando aproximadamente a duração

dos trabalhos que ainda tenho de fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro.”

Algumas questões podem ser levantadas aí, para uma apreciação futura. Não paira nenhuma dúvida de que o Espírito confirmou o que havia dito com “por um pouco”, ou seja, que haveria um tempo de certa forma curto entre a desencarnação de Kardec e seu retorno. Com base na questão controvertida do tempo, pode-se perguntar: quanto é “por um pouco” e o que significa “não permanecerás longo tempo entre nós”? Estávamos em 1860 e, segundo as informações que depois se confirmaram, Kardec dispunha de um período aproximado de 10 anos ainda para permanecer, daí ter o Espírito afirmado: “se fosse possível não sairias daí”. A questão temporal poderia ficar solucionada se levarmos em consideração a afirmativa: “ausentar-te-ás por alguns anos”, pois, parece que o Espírito fala de um período de tempo familiar aos encarnados. Alguns anos, embora indefinido, diz respeito a vários períodos de 12 meses, conforme conhecemos.

Outra questão se refere à colocação: “quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo”. Com certeza, há uma alusão aí à infância e juventude de Kardec, quando não esteve ele diretamente vinculado ao trabalho es-

pírita. Essa vinculação se iniciou quando já estava com 50 anos (1854). Se as previsões fossem confirmadas, Kardec deveria trabalhar desde a infância ou, no mínimo, desde a juventude.

O Espírito deixou claro que era preciso cumprir “a lei da Natureza”, ou seja, Kardec deveria retornar ao mundo dos Espíritos, uma vez que a vitalidade do seu corpo físico caminhava inevitavelmente para o esgotamento. Em razão disso, fica razoavelmente elucidada a afirmativa final de que seria dado a ele o tempo necessário para concluir os trabalhos em andamento, conclusão essa importante. Não seria razoável acreditar que os Espíritos Superiores poderiam prorrogar sua vida física indefinidamente; há limites para tudo, inclusive, para as ações dos seres mais evoluídos. O pico seria conseguir que o corpo físico do Codificador suportasse a presença do Espírito encarnado até o limite extremo; com a colaboração de Kardec, isso poderia significar algo em torno de 65 anos, pouco mais. Se os cuidados com a saúde não fossem levados devidamente a sério, o resultado seria certamente sua desencarnação antes dessa idade, portanto, em prejuízo de um tempo considerado necessário para que o trabalho assumido chegasse ao seu ponto ideal.

A nota de Kardec sobre a revelação de seu retorno ao corpo físico e os cálculos aí apresentados são curiosos. Para ele, parecia claro que reencarnaria no final do século XIX ou, no máximo, no princípio do século XX. Considerou os 10 anos que ainda possuía pela frente, que terminariam por volta de 1870, um período entre uma

encarnação e outra (algo em torno de trinta anos pouco mais) e a necessidade de vencer o espaço formado pela infância e juventude (mais ou menos 20 anos) para então estar em condições de prosseguir o trabalho.

Em que teria se baseado Kardec para obter esses números não se sabe, mas, certamente, estava considerando o período que passaria no mundo dos Espíritos, que não deveria ser “longo tempo”; mais precisamente, seria de “alguns anos”.

A SUCESSÃO DE KARDEC E A OBRA COMPLEMENTAR

Uma vez que estamos analisando a questão da reencarnação de Kardec, parece oportuno juntar aí a do seu sucessor, ou seja, aquele que deveria substituí-lo no comando do trabalho depois de sua partida. Não obrigatoriamente para saber quem seria este substituto, mas pelo menos para verificar as ligações entre uma coisa e outra e as conseqüências de um possível retorno seu. A discussão do tema havia sido lançada. Alguns se perguntavam quem seria o seu sucessor e o próprio Kardec se viu questionado mais de uma vez, de modo que, quando houve oportunidade, levou o assunto aos Espíritos, via mediunidade. A oportunidade surgiu no dia 22 de dezembro de 1861, em reunião realizada em sua residência, através da intermediação do Sr. D'Ambel, um médium bastante ativo e, sem dúvida, confiável.

O Espírito que abordou o assunto confirmou as próprias palavras de Kardec, dizendo que ele

não era insubstituível, como também não era o único ser humano capaz de desempenhar a missão. “Se o seu desempenho se interrompesse por uma causa qualquer, não faltariam a Deus outros que te substituíssem”, afirmou. Dizendo que o substituto surgiria no momento oportuno, o Espírito deu duas declarações interessantes: 1 – a tarefa do substituto seria penosa em outro sentido, uma vez que teria “de sustentar lutas mais rudes”, acrescentando: “A ti te incumbe o encargo da concepção, a ele o da execução, pelo que terá de ser homem de energia e de ação”; 2 – seriam duas situações diferentes, com a participação de personalidades também diferentes: “tu possuis as qualidades que eram necessárias ao trabalho que tens a realizar, porém não possuis as que serão necessárias ao teu sucessor”.

A quem se referia o Espírito jamais se soube. Após sua desencarnação, Kardec foi sucedido pelo Sr. P.-G. Leymarie que, juntamente com Madame Amélie Gabrielle Boudan, viúva de Kardec, dirigiu a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a revista e a divulgação das obras deixadas pelo Codificador.

De qualquer maneira, parece claro que entre sua partida e seu possível regresso, Kardec deveria contar com alguma segurança em matéria de prosseguimento do trabalho realizado. Se sua volta deveria se concretizar, nas circunstâncias previstas e com a finalidade de dar continuidade à doutrina, qualquer acontecimento que pusesse em risco o trabalho iria, fatalmente, alcançá-lo mais adiante. A previsão de que retornaria ao cor-

po físico estava feita. Resta, portanto, trabalhar em cima desta hipótese para ver até onde ela se realizou ou não.

O QUE SE PENSA SOBRE O ASSUNTO

O livro “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, foi, como seu título deixa claro, lançado após seu retorno à vida invisível e preparado a partir da reunião de escritos que deixou, a maioria então desconhecidos. Assim, a questão da sua reencarnação em novo corpo físico foi abordada com mais ênfase depois da partida do Codificador e justamente no livro referido. Desde então, porém, ela vem sendo objeto de estudos e discussões, com os homens se dividindo em dois grupos: o dos que sustentam a sua volta e o dos que descrevem da interpretação dada aos textos.

A primeira vez, contudo, que o assunto veio a público foi através do livro “O Céu e o Inferno”, que o Codificador lançou em 1865, quatro anos antes do retorno à espiritualidade do seu autor. Ali, o Espírito então há pouco desencarnado, que gozava de grande estima por parte de Kardec, Antoine Demeure, se refere ao Codificador em três ocasiões distintas. Médico de grande conceito, quase imediatamente à desencarnação retomou o controle da consciência e prosseguiu ativo, em boa parte na condição de médico. Cuidou de Kardec nessa condição, conforme atesta nas comunicações, evitando que a fadiga resultante do trabalho pudesse abreviar-lhe a existência. En-

tre um conselho e uma advertência para que Kardec cuidasse do corpo físico, o Dr. Demeure aduziu a seguinte informação:

“De acordo com as minhas observações e com os informes colhidos em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo se der a sua desencarnação, tanto mais breve reencarnará para completar a sua obra.”⁹

A fim de evitar mal-entendido, o bom médico esclareceu que:

“Se, portanto, por excesso de trabalho, não atendendo à imperfeição do seu organismo, antecipar a partida para aqui, será passível da pena de homicídio voluntário.”

A revelação do Dr. Demeure sobre o retorno de Kardec aparece de forma normal no texto da mensagem, sem destaque e sem ênfase. Havia muito pouco tempo que tinha deixado o corpo físico: seu passamento se deu no dia 25 de janeiro de 1865 e a comunicação a dois de fevereiro seguinte. Essas datas podem ser importantes para uma análise mais acurada da situação que nos interessa aqui. De qualquer modo, a informação estava lançada ao público: segundo o Dr. Demeure, o retorno ao plano da matéria do Codificador se confirmava, o que validaria as predições antecedentes, feitas pelo Espírito Verdade e por Zéfiro.

Até aqui, contudo, a questão se situa no plano das revelações mediúnicas e a volta de Kardec,

caso se confirmasse, mereceria estudos e pesquisas mais aprofundadas. Isso é, pelo menos, o que pensaria um severo pesquisador da reencarnação. As mensagens dos Espíritos sobre o assunto mereciam crédito, especialmente pela reconhecida competência moral de seus autores, valendo, pois, como um ponto de partida caso houvesse interesse de alguém em prosseguir no estudo. Como mensagens, valem pela informação, porém não são conclusivas, mesmo porque Kardec poderia voltar ao corpo físico, mas então não se saberia onde, como e revestido de que personalidade.

Para uma análise mais acurada, será preciso levar em consideração outros fatores como: características dos três Espíritos comunicantes - Zéfiro, Verdade e Demeure - suas palavras e o contexto em que deram as mensagens.

O RETORNO SEGUNDO OS BIÓGRAFOS

O primeiro escrito biográfico sobre Allan Kardec foi publicado na “Revista Espírita” e não aborda a questão. Trata-se de um relato resumido sobre a figura do Codificador, publicado para registrar sua desencarnação. O segundo resulta de uma conferência realizada por Henri Sausse no dia 31 de março de 1896, em Lião, na França, marcando a comemoração do 27º aniversário da passagem do Codificador. Também não fala do assunto.

A terceira biografia já data do nosso século e

possui um conteúdo mais denso. Foi escrita por André Moreil e publicada em 1961, em Paris. A edição brasileira foi publicada pelo saudoso livreiro Frederico Geaninni, proprietário da Edicel, com prefácio do escritor, jornalista e filósofo José Herculano Pires, que ressaltou o valor do livro. Moreil se refere às mensagens de “Obras Póstumas” relativas ao retorno de Kardec. Sobre a primeira, faz a seguinte anotação: “Em 17 de janeiro, durante uma sessão em casa do senhor Baudin, sendo médium a Srta. Baudin, o Espírito ralha com ele”. Parece que Moreil entende que o Espírito Zéfiro, autor da primeira mensagem, deseja tranquilizar Kardec, diante de sua ansiedade de realizar o trabalho mais rápido e o fato de referir-se a uma possível volta ao corpo físico não teria sido relevante. A respeito da segunda menção sobre a volta de Kardec, Moreil apenas a reproduz, sem nenhum comentário.

A mais completa (embora questionável sob o ângulo ideológico) obra sobre Allan Kardec foi escrita a quatro mãos pelos brasileiros Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, este então presidente da Federação Espírita Brasileira, hoje desencarnado, e aquele filho do ex-presidente da instituição, Wantuil de Freitas. Trata-se de obra em três volumes, intitulada “Allan Kardec (Pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação)”. Seus autores analisam o assunto no capítulo II do segundo tomo, retomando as informações contidas em “Obras Póstumas”. São de opinião que o anunciado retorno de Kardec poderia ser compreendido como ao plano físico e não ao corpo físico, o

que tem um significado diferente porque não implicaria em reencarnação e sim numa continuidade de trabalho por meios invisíveis aos olhos humanos, o que não deixa de ter sentido, embora seja de fato uma conclusão pessoal.

Levantam, também, a hipótese de que o retorno não implica necessariamente em vir de forma imediata, poucos anos depois da desencarnação, podendo acontecer ao longo dos séculos, dentro daquele sentido a que nos referimos atrás, em relação ao tempo. Como acentuam: “Há obras que são retomadas pelos Espíritos para elas escolhidos, no curso dos milênios, e ante as quais *alguns anos, pouco tempo, por um pouco* podem significar e geralmente significam *o tempo necessário*, que jamais será considerado longo ou demasiado por Espíritos superiores desencarnados”.¹⁰

Wantuil e Thiesen são de parecer que os termos do anunciado retorno de Kardec “têm o sabor das (palavras) do Cristo e desvelam o estilo dos antigos escribas do Evangelho, como Lucas e João”. Esta referência nos remete a passagens como (apresentadas pelos autores referidos): “*Um pouco* e já não me vereis e *outra vez um pouco* e ver-me-eis”, contidas em João, 16. Por fim, resumem eles da seguinte forma o seu pensamento quanto ao assunto:

“1) A volta de Kardec processar-se-á, no porvir, como a vinda de Jesus, anunciada no Evangelho, quando necessária, no tempo certo, que não sabemos avaliar; 2) Nesse assunto, cada adepto do Espiritismo decidirá

por si mesmo, em consequência, segundo suas luzes que houver alcançado, convindo que todos os cuidados sejam diligenciados e o máximo de consideração respeitosa seja mantido.”¹¹

Um pouco antes, contudo, dessas conclusões, os autores deixam claro que consideram o assunto espinhoso, exigindo responsabilidade: “As revelações envolvendo personalidades, de um modo geral, devem ser tratadas com a máxima cautela e severidade nas conclusões e se dizem respeito a Enviados do Alto – como é o caso do Codificador – todas as reservas serão sempre poucas, mesmo após haverem sido submetidas ao *critério kardequiano*”.¹²

Os mesmos autores ainda argumentam contra os que querem a volta de Kardec muito rápida, referindo-se às palavras de Zéfiro e Demeure, segundo as quais “Kardec veria em plena frutificação a semente: mas, se hoje ainda, mais de um século decorrido, encontramos-nos no tempo da florescência, que precede e anuncia a frutificação, como poderia Kardec, ao reencarnar no período por ele esperado e por alguns aguardado, topar com a frutificação? Não significa isto que a interpretação deve ser jungida a um tempo em escala assaz diversa da comum?”.

Toda a questão não se resume aos argumentos acima, porque há implicações outras que devem ser analisadas, o que será feito mais à frente para melhor compreensão do assunto. O que importa salientar agora é o fato de os biógrafos de Kardec

que tocaram no assunto de seu retorno ao plano físico entenderem de modo diverso esse retorno, descaracterizando-o como um processo reencarnatório de breve execução.

CAPÍTULO II

O passado suscita curiosidades e conduz a pesquisas

*“O INTERESSE QUE CEGA UNS É A LUZ DOS
OUTROS.”*

LA ROCHEFOUCAULD

A reencarnação suscita tantos interesses e tanta curiosidade que diariamente aparecem aqueles que apresentam o desejo de saber quem foi quem em vidas passadas. Há mesmo, entre os mais simples mortais adeptos da reencarnação, uma espécie de desejo íntimo de descobrir sua personalidade passada, senão para que isso facilite sua vida atual, pelo menos para satisfazer o próprio ego. A vida moderna facilita a procura de respostas às dúvidas dessa natureza, oferecendo um verdadeiro mercado de produtos diversos, com os quais se pode, aparentemente, resolver o problema. Podem não ter credibilidade muitos desses médiuns e videntes que anunciam nos jor-

nais os seus serviços, mas nem por isso a multidão de interessados deixa de procurá-los, na ânsia de obter respostas.

A doutrina espírita informa que o esquecimento do passado e, portanto, das personalidades que cada um viveu em outras vidas traz benefícios para o homem. Certamente por isso, a maioria, mesmo pagando os serviços de terceiros ou então ouvindo médiuns sérios, não consegue a menor informação precisa sobre as suas vidas passadas. Alguns poucos têm *insights* mais ou menos claros, outros conseguem se lembrar de fatos que, através de pesquisas, acabam levando a vidas anteriores e alguns outros, quando isso parece ter relativo significado para as experiências da vida atual, se lembram de detalhes genéricos de outras existências e as personalidades que encarnaram. A questão se complica às vezes por conta da imaginação de cada um, ou seja, muitas “lembranças”, bem como diversas experiências cotidianas se confundem e passam a impressão de coisas vividas, enganando as pessoas.

Todos os autores clássicos do Espiritismo se propuseram a estudar o assunto reencarnação, tal a importância dele para a compreensão da vida e do universo. Flammarion, Delanne, Denis, Aksakof, Bozzano e outros escreveram obras de estudo e pesquisa, nas quais o tema foi o objetivo principal ou secundário. Em qualquer época, a volta à vida física se constituirá de relevante sentido para o homem e quando mais nada da reencarnação houver a extrair, ainda assim ela será um ponto importante da história.

A literatura brasileira está repleta de obras em que o homem busca o liame existente entre as vidas presentes e passadas, nessa ânsia de esclarecer as razões dos fatos e entender o porquê dos comportamentos humanos ou resolver conflitos e traumas atuais. Nada mais compreensivo, portanto, que se queira descobrir quem foi este ou aquele personagem de destaque em suas outras existências. Os Espíritos que participaram da elaboração da doutrina espírita não se furtaram a dar informações sobre o assunto, revelando de modo espontâneo ou provocado algumas personalidades passadas e suas encarnações posteriores.

O Codificador teria sido um sacerdote druida ao tempo do Imperador romano Júlio César. Com base nisso, o professor Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec e com ele assinou as obras da doutrina que coordenou a estruturação teórica. A história registra um incontável número de informações semelhantes relativas a outras personalidades. O Cristo se referiu a João Batista como sendo a reencarnação de Elias, o que demonstra a antigüidade da questão, corroborada pela presença de conhecimentos sobre as vidas pregressas em doutrinas muito antigas, como as orientais na Índia, na Pérsia, na Grécia, etc.

Entre os pesquisadores contemporâneos que estudaram o assunto, como já salientamos, dois se destacaram: o americano Ian Stevenson e o indiano Banerjee. Das centenas de casos estudados por Stevenson, vários lhes pareceram indicativos de reencarnação. A partir daí elabo-

rou alguns livros, entre os quais “Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação”.

Outros autores estrangeiros, Como Brian Weiss e Carol Bowman, se utilizaram dos conhecimentos sobre o assunto e, às vezes, de informações de várias fontes, para referendar a sua convicção de que determinada personalidade foi este ou aquele em vidas anteriores.

O engenheiro Ernani Guimarães Andrade desenvolveu estudos no Brasil e escreveu várias monografias específicas de personalidades reencarnadas. Sendo o que é para o Espiritismo, a reencarnação não poderia suscitar menor interesse entre os seus adeptos e isto fica muito claro quando se analisam as dezenas de casos compondo os livros que traçam a biografia das personalidades marcantes do movimento espírita.

Na obra “A Extraordinária Vida de Jésus Gonçalves”, Eduardo Carvalho Monteiro liga o biografado às personalidades de Alarico e Richelieu; em “Eurípedes Barsanulfo, o Apóstolo da Caridade”, Jorge Rizzini diz que Eurípedes havia sido o conhecido santo católico Francisco de Assis; para Léon Denis, Joana D’Arc era não só uma grande médium como também a reencarnação de Judas Iscariotes, aquele que teria entregue Jesus aos judeus. Hermínio Miranda faz ligação entre a figura de John Kennedy e Abraão Lincoln, ambos ex-presidentes dos Estados Unidos da América. André Luiz e Emmanuel, os Espíritos mais presentes na obra de Chico Xavier, teriam sido, respectivamente, o médico sanitarista Oswaldo Cruz e o senador romano Públio Lêntulus. José Luiz

Antônio de Paula, em seu livro “Um minuto com Chico Xavier” afirma que André Luiz teria sido um médico, sim, mas de nome José Medeiros. Como se vê, a relação é muito extensa e faria sozinha muitos volumes.

Eduardo Carvalho Monteiro, agora no livro “Allan Kardec, o Druida Reencarnado”, revela que “de acordo com a pesquisa do Dr. Canuto de Abreu sobre os primórdios do Espiritismo, além da informação da encarnação de Kardec como druida em 1856, no ano seguinte, através da psicografia de Ermance Dufaux, os Espíritos revelaram outra encarnação do professor Rivail como John Huss”.¹³ Por conta do interesse contido no seu livro, voltado à personalidade do Codificador, Monteiro começa a ajustar as peças de um quebra-cabeça, dizendo: “Kardec como John Huss; Jerônimo de Praga na espiritualidade orientando o trabalho de solidificação da Doutrina Espírita; Léon Denis – por que não? – a reencarnação de John Wycliffe. É o que sugere Wallace Leal Rodrigues, na bela introdução que fez à edição brasileira de *Léon Denis na Intimidade*, da Sra. Claire Baumard”. E conclui: “Atribuir reencarnações sem provas cabais pode ser temerário, mas o caro confrade embasou-se em estudos e argumentos que, se não provam a afirmação, descortinam um encadeamento lógico de idéias”.¹⁴

A questão da volta de Allan Kardec ao corpo físico tem sido objeto de questionamento há muitos anos e já surgiram mais de uma dezena de pessoas que seriam, supostamente, a reencarnação do Codificador. Algumas, sem nenhuma

credibilidade, se revelaram a si próprias como sendo Kardec; outras, por ação de terceiros, foram reveladas. Foi assim que desejaram um dia fosse o jornalista José Herculano Pires a prova do retorno do mestre francês. Herculano achava graça disso e não dava a menor atenção para as pessoas do seu círculo ou de outros, que queriam-no Kardec reencarnado. Oswaldo Polidoro, neste momento ainda no corpo físico, segundo o relato de pessoas fidedignas, se dizia ser não só Kardec mas, também, Moisés e outros.

Em Niterói, o professor Erasto de Carvalho Prestes tinha certeza de que conhecera, e muito bem, o Codificador de volta. Era seu pai! Sobre isso, escreveu um pequeno livro, que ele mesmo publicou à falta de editor. Denominou-o “Eu conheci Allan Kardec Reencarnado”. Poucos argumentos e nenhuma prova.

Alguns Espíritos arriscam opiniões sobre as vidas de Kardec, como o faz Ramatis. Afirma ele que na Caldéia, Kardec foi Shiranosostri, tendo ainda reencarnado na Atlântida, no Egito (com o nome de Amenófis), na Índia, na Grécia, na Assíria, na Pérsia e na Escócia.

Na cidade de Birigüi, Estado de São Paulo, um senhor de nome João Lopes Hidalgo, lavrador, fora tido como a reencarnação de Kardec. Não tendo oportunidade de ir à escola, aprendeu a ler e a escrever tendo por mestre o próprio Cristo. Escreveu um volumoso livro intitulado “Profecia Natural Mediante Humano” em 1933 e, em 1939, criou a Irmandade do Puro Cristianismo. A explicação sobre a personalidade do Sr. Hidalgo rela-

ciona-o ao passado: “A primeira revelação foi feita com Moisés, a segunda com Nosso Senhor Jesus Cristo e a terceira com o Espírito de Elias, que reencarnou com o nome de João Batista e agora veio duas vezes para poder completar o seu trabalho. Na primeira mensagem da terceira revelação ele veio com o nome de Hipolite Leon Denizard Rivail, sendo o nome espiritual “Allan Kardec”, e na segunda mensagem com o nome de João Lopes Hidalgo, sendo o seu nome espiritual “Humano”, o Consolador do mundo”. Trata-se de um livro muito confuso, que não pode ser levado a sério.

A notícia mais antiga que possuímos a respeito de uma suposta reencarnação de Allan Kardec é fornecida por Léon Denis, em seu livro “O Gênio Céltico e o Mundo Invisível”. Refere-se ele a um francês de 30 anos de idade, natural da região do Havre, que teria nascido em 1897, portanto, seguindo à risca o raciocínio do próprio Codificador quanto à época do seu possível retorno. Denis não deu crédito à notícia, como veremos mais adiante no item referente às mensagens mediúnicas transmitidas por Kardec.

O PONTO DE PARTIDA PARA LIGAR CHICO XAVIER A KARDEC

Nascido em 1910 na cidade mineira de Pedro Leopoldo, o médium Francisco Cândido Xavier se tornou a maior expressão do Espiritismo no Brasil e um dos maiores nomes no cenário literário mundial. Os que defendem ser ele a reencarna-

ção de Allan Kardec formam um grupo considerável e suas opiniões têm mais ou menos os mesmos argumentos. São classificados como “chiquistas” e assumem esse jargão, alguns até com certa ironia. Desse grupo despontam pessoas como a Dra. Marlene Rossi Severino Nobre, Weimar Muniz de Oliveira, Adelino da Silveira, Arthur Massena, Dr. Jarbas Leone Varanda e outros. Conhecer o seu pensamento e analisá-lo é um imperativo para o tipo de trabalho aqui proposto. Se quisermos seguir uma ordem cronológica de manifestação pública da opinião dos que acreditam ser Chico Xavier Allan Kardec reencarnado, deveremos começar por Arthur Massena, passando a seguir por Adelino da Silveira, Jarbas Varanda e Marlene Nobre. Com isso, formamos um quadro que reúne os principais argumentos a favor da tese, todos eles com o mesmo ponto em comum: nenhuma preocupação com qualquer tipo de comprovação técnica do fato. A estes nomes precisa ser juntado o do médico-médium Antônio Baduy Filho, responsável por uma página escrita pelo Espírito de Hilário Silva, considerada por todos os que compõem o grupo de defesa da tese como prova espiritual da relação Chico/Kardec.

Arthur Massena, que não era médico mas jornalista, presidiu a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. Escreveu um artigo publicado no jornal “Desobsessão” de Porto Alegre, em outubro de 1972 e, posteriormente, em maio de 1978, reforçou sua opinião sobre a relação Chico/Kardec. O primeiro trabalho tem por

título “Allan Kardec está reencarnado no Brasil como Chico Xavier”; e o outro, “Chico Xavier, o grande evangelizador”.

Segundo Jarbas Varanda, no primeiro artigo “Massena informa-nos que a afirmativa de que Chico Xavier seria a reencarnação de Allan Kardec estava numa mensagem recebida por Levindo Mello, no dia 10 de maio, às 16 horas, deixando de dar publicidade à mesma por falta de maiores

informações conclusivas”. Massena argumenta com uma pergunta: “Se ele, Kardec, voltaria (...) quem teria mais gabarito espiritual, dentre os maiores médiuns do Globo, do que Chico Xavier para ser Allan Kardec reencarnado?” Tem também um parecer sobre a grandiosidade da obra que o novo Kardec deveria realizar, proporcional à da Codificação: “Se a obra de Allan Kardec, no século passado, o Espiritismo, é algo de monumental, não voltaria ele, evidentemente, para realizar, no século atual missão de proporções discretas, pró-



Chico Xavier começou suas atividades mediúnicas bastante jovem.

pria de Espírito de menor evolução, mas outra que com ela pelo menos ombreasse, e a obra de Chico Xavier, de evangelização mundial, em proporções ciclópicas, é a única que pode com ela emparelhar”.

No artigo publicado em maio de 1978, Massena retoma os mesmos argumentos do anterior, baseado em conclusões pessoais e na referida mensagem espiritual recolhida por Levindo Mello. Aduz, também, uma opinião que lhe parece responder àqueles que contra-argumentam dizendo que “Allan Kardec era do tipo paternal e Chico Xavier do tipo maternal”. Ei-lo: “1 – O Espírito reencarna tanto como homem quanto como mulher, pois precisa evoluir sob esses dois aspectos do ser humano”. Relaciona ainda outros dados nessa mesma linha de raciocínio que não são relevantes, para concluir: “Quando Kardec elaborou “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, há de ter começado a escrever com *ar paternal* (severo, durão, intransigente), mas, ao terminar, já deveria estar com *ar maternal* (de condescendência, compreensão, meiguice), tal a magia da reforma interior que a obra promove em quem a lê de ponta a ponta, meditadamente...”.

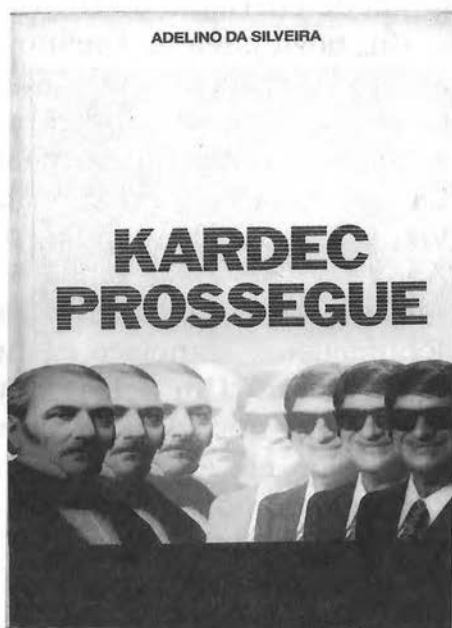
O pronunciamento de Massena funcionou como um abre-alas para outras manifestações no mesmo sentido. Aqui e ali apareceram opiniões contra e a favor, mas as que eram a favor se viram fortalecidas. Em 1990, o Sr. Adelino da Silveira externou sua opinião favorável através do livro “Kardec Prossegue”, publicado em São Paulo, cuja capa apresenta uma fusão fotográfica dos dois

personagens. O livro se tornou, também, um paradigma para os defensores da tese, sendo citado em várias ocasiões como obra importante para a questão.

KARDEC PROSSEGUE, NA OPINIÃO DE ADELINO DA SILVEIRA

O livro de Adelino da Silveira, publicado pela Cultura Espírita União em 1991, está dividido em três partes. Na primeira delas, o autor narra diversos casos relacionados a Chico Xavier; na segunda, apresenta respostas de Chico às questões que lhe foram colocadas e, na terceira, em apenas 9 páginas, os argumentos que o levaram a entender ser o médium a reencarnação do Codificador do Espiritismo.

Adelino encaminha o assunto a partir de uma pergunta “sobre a reencarnação de Allan Kardec”



Na capa do livro de Adelino da Silveira a fusão fotográfica unindo Chico ao Codificador

que ele teria feito ao médium: “Chico, Allan Kardec realmente reencarnou no início do século como está previsto no livro “Obras Póstumas”?” A seguir, transcreve a dedicatória feita pelo Dr. Denizard Souza, no seu livro “O Protocolo de Makalou”: “Dedicamos esta obra a Chico Xavier (Francisco Cândido Xavier), aquele que veio completar a Obra de Allan Kardec, a Sua Obra”, seguida do currículo do Dr. Denizard.

Em nova página, Adelino registra uma passagem ocorrida na casa de Chico Xavier, quando conversavam na ausência do médium sobre “quem teria sido ele no passado. Uns achavam que ele teria sido um dos apóstolos; outros Flávia, a filha de Emmanuel, no livro “Há Dois Mil Anos”; outros Lívia, do livro “Ave Cristo”; outros Alcione, do livro “Renúncia”; outros Sócrates, João Evangelista, Francisco de Assis, etc.”. A seguir, diz Adelino: “Um deles, voltando-se para mim, perguntou-me: - E você, quem acha que ele é? - Para mim ele é Kardec reencarnado”. A página termina com a revelação de que “com a chegada do querido amigo e mestre, o assunto ficou encerrado, porque ninguém se atreve a falar disso perto dele”.

Nas páginas seguintes, Adelino faz um breve resumo comentado das passagens sobre a reencarnação de Allan Kardec, contidas em “Obras Póstumas”, apresentando uma pequena relação de fatos que considera coincidências na vida de Chico Xavier e do Codificador, e um comentário feito por um casal de amigos do médium: “Ou Chico Xavier é Allan Kardec, ou o Espírito da Ver-

dade se enganou”. E encerra o livro com uma frase com a qual pretende esclarecer as razões para sua convicção acerca da suposta reencarnação de Kardec como Chico Xavier: “A esses responderei: eu me lembro e somente Jesus poderá anular a minha memória”.

A MENSAGEM DO ESPÍRITO HILÁRIO SILVA

Com o título “A Volta de Allan Kardec”, o jornal “Espírita Mineiro, na edição abril/maio de 1998 publicou mensagem psicografada por Antônio Baduy Filho”, cuja autoria é atribuída ao Espírito de Hilário Silva, recebida no dia 31 de outubro do ano anterior durante a realização da Confraternização de Mocidades e Madurezas Espíritas do Triângulo Mineiro, na cidade de Ituiutaba, a mesma onde reside e trabalha o médium e também médico. Eis os termos da mensagem:



O Dr. Jarbas Varanda viu na mensagem “uma pá de cal” jogada na questão Chico/Kardec

“Início do século XX. Nas regiões mais elevadas da Espiritualidade, acontecia importante reunião. Encontro significativo. Decisões de relevância. Presença marcante de Allan Kardec.

Discutia-se a volta do apóstolo espírita às lides terrenas. Época difícil na Doutrina Espírita. Controvérsia estéril entre os adeptos. Idéia de exclusividade da investigação científica e filosófica. O cientificismo, atuante no meio doutrinário, negava o aspecto religioso.

Urgia, pois, o testemunho do Espiritismo, comprometido com as lições da Boa Nova, semeando no coração dos homens o amor e a caridade.

Clima de emoção. Recolhimento. Expectativa.

Venerável preposto de Jesus, envolto de luz alvinitente, dirigiu-se a Kardec e falou com bondade:

– Chegou a hora, meu filho...

O Codificador respondeu, firme e respeitoso:

– Estou pronto e confiante.

Consta, nos registros do mundo espiritual, que ocorreu, a partir daí, sublime e emocionante diálogo, do qual transcrevemos, palidamente, alguns fragmentos:

– Renascerás em condições adversas...

– Obedecerei à vontade do Senhor.

– Começarás muito novo, entre aflições e dificuldades, e trabalharás com sacrifício e renúncia por longo tempo...

– Dedicarei cada minuto à seara do Bem.

– Não possuirás títulos acadêmicos...

– O único título que almejo é o de fiel servidor do Cristo.

- Encontrarás desconfianças e agressões...
- Buscarei na fé e na humildade a força para resistir.
- Terás a dor por companhia constante...
- Saberei aceitá-la com o amparo do Alto.
- Companheiros não te entenderão e se voltarão contra ti...
- Cumprirei meu dever e guardarei a consciência em paz.
- Não farás nada por ti mesmo, serás apenas instrumento...
- Agradecerei a Deus a oportunidade de servir.
- Não gozarás as alegrias e o aconchego do lar constituído...
- A Humanidade será minha família.
- Assumirás espinhosa missão no desdobramento da Codificação Espírita...
- Serei leal aos princípios doutrinários, ciente de que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus.
- A tarefa te exigirá devotamento e abnegação...
- Não hesitarei viver em plenitude o Evangelho e a Doutrina Espírita.

O iluminado benfeitor interrompeu o colóquio e, após elucidativos comentários sobre a nova etapa de trabalho, rogou as bênçãos do Senhor ao missionário de partida.

Seguiram-se calorosas demonstrações de solidariedade e, no final da primeira década deste século, em doce atmosfera de esperança, Allan

Kardec retornou ao plano físico, renascendo em pequena cidade do interior brasileiro.”

CHICO/KARDEC NA VISÃO DO DR. JARBAS VARANDA

Com o propósito de ouvir a opinião do Dr. Jarbas Leone Varanda sobre a mensagem acima, “A Volta de Allan Kardec”, a revista “Goiás Espírita” publicou entrevista por ele concedida, na edição de março/maio de 1998. A entrevista foi feita pelo então presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, Weimar Muniz de Oliveira.

Segundo o Dr. Jarbas, a mensagem teria sido “a manifestação do Alto acerca da tese levantada por Adelino da Silveira, de Mirassol (SP), de que Chico Xavier seria a reencarnação de Allan Kardec, confirmando-a e colocando uma “pá de cal” na polêmica questão!”. Entende ele que há uma correlação da mensagem com o livro “Kardec Prossegue”, escrito pelo Adelino, no qual o autor “sustenta a tese de que Chico Xavier é a reencarnação do Codificador, fundamentando-a em depoimentos dos Espíritos (...), constantes de “O Céu e o Inferno” (...) e “Obras Póstumas”.



**A revista da
Federação
Espírita de Goiás
deu destaque à
mensagem de
Baduy Filho e à
entrevista do Dr.
Jarbas Varanda**

Para responder às questões estabelecidas de modo contrário à tese da relação Chico/Kardec, o Dr. Jarbas reúne argumentos e opiniões. Sobre as diferenças apontadas quanto ao perfil psicológico de Kardec e Chico Xavier, afirma que são “apenas aparentes, se levarmos em consideração que os Espíritos Superiores podem, na multiplicidade de suas missões, limitar ou exteriorizar características já conquistadas em outras existências. (...) Chico Xavier é um Espírito Superior, ninguém pode duvidar, pois sua vida e seus exemplos demonstram à saciedade sua condição de superioridade ao meio em que vive. (...) Negar essa condição de Espírito Superior a Chico Xavier, pelo fato de sua vida ter sido pontuada de sofrimentos – características comuns de Espíritos imperfeitos – é esquecer a lição de André Luiz quando classifica a Dor como originária de três fontes: evolução, expiação e missão”.

Sobre o fato, por alguns levantado, de que Kardec teria dado ênfase aos aspectos filosófico e científico durante a elaboração da doutrina espírita, contrariando aquilo que se convencionou classificar de aspecto religioso, que seria a maior necessidade da atual humanidade terrena, o Dr. Jarbas acredita que o aspecto religioso “seria desenvolvido, como foi, nas vestes de Chico Xavier, desdobrando e complementando o pensamento dos Espíritos...”. A isto, aduz: “Assim, o Codificador veio completar a sua obra, dando ênfase ao aspecto religioso. Aliás, a obra mediúnica de Chico Xavier é Jesus e Kardec de ponta a ponta”.

O Dr. Jarbas endossa as idéias do jornalista Arthur Massena sobre a relação Chico/Kardec, acrescentando aquilo que denomina “argumento irrespondível”: inexistência de comunicações de Kardec-Espírito. Diz ele: “na verdade, de longa data, registra-se a ausência de comunicações do Codificador, principalmente através de Chico Xavier, a maior “antena psíquica” do século XX...”. Aponta, então, para três questões que lhe parecem importantes: “Por que tal silêncio? Por que a ausência do Codificador desde a sua desencarnação? Não deveria ele continuar, na Espiritualidade, a sua obra, ditando livros visando desenvolver os ensinamentos dos Espíritos, principalmente através da mediunidade missionária de Chico Xavier, que melhor reuniu, como reúne, as condições espirituais de credibilidade na Terra para recebê-la?”.

Cabe destacar ainda uma afirmação do Dr. Jarbas sobre a tese. Deduz ele que “se Chico Xavier não for a reencarnação de Allan Kardec, então o Codificador, lamentavelmente, foi omissos no desdobramento da Codificação, deixando de oferecer sua contribuição através da obra mediúnica do médium de Pedro Leopoldo”.

Estes são os argumentos do Dr. Jarbas Leone Varanda, que refletem, também, as idéias do ex-presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, segundo se pode deduzir das perguntas que fez na entrevista acima referida, todas elas conduzindo claramente a respostas que parecia conhecer antecipadamente.

FOLHA ESPÍRITA

DIRETOR-FUNDADOR: KETIAS NOBRE (1974-1998)
ANO XXV - Nº 291 - R\$ 1,50 SÃO PAULO - JUNHO DE 1998

A VOLTA DE ALLAN KARDEC

Sob o seu título, O Espírita Missionário, jornal da União Espírita Missionária, acaba de publicar, no mês de maio, mensagem de Allan Kardec, recebida pelo médium Antônio Baduy Filho, em São Paulo, através de sua filha, a psicoparapsíquica e a reprodução da seguinte:

Início do século XX. Nas regiões mais elevadas da Espiritualidade, ocorrem importantes reuniões. Frequentes significativas. Decisões de relevância. Presença marcante de Allan Kardec.

Discutem-se a volta do Apóstolo espírita às lições terrenas. Época difícil na Doutrina Espírita. Cisma entre os adeptos. Lições de esotéricismo da investigação científica e filosófica. O simbolismo, assunto em debate desatado, surge o aspecto religioso.

Logo, pois, o trabalho do Espírita empenhado com as ideias da Boa Nova, sente-se um coração dorido, a dor e a caridade.

Criam-se escolas. Revolucionamento. Expectativa. Novidade principal de Jesus, enviado de luz, atraindo, catando a Eternidade e a Boa Nova.

Chegam a hora, entre filhos.

O Cuidado, não perdes, fante e respeito. Eternamente confiante.

Então, não desiste do trabalho espiritual, não.

— Encontrando desconfortos e agredidos...
— Buscando na fé o seu humilhação, a força para...
— Terá a dor por consciência constante...
— Saberei aceitar com o amparo de Allan...
— Comprometidos não se cansarão e se voltarão contra...
— Quem tem mais dor e guardará a consciência em paz...
— Não fará nada por si mesmo, será apenas instrumento...
— Agrederei a Deus a oportunidade de servir...
— Não girarei as alegrias e o acanhado do lar...
— A humanidade será minha família...
— Assimilação espiritualizada no desdobramento da Codificação Espírita...
— Fiel ao seu plano, não desistirei, ciente de que o Espiritismo é o Controlador prescrito por Jesus...
— A tarefa se exige devotamento e abnegação...
— Não hesitarei viver em paz com o Evangelho e a Doutrina Espírita.

— O trabalho espiritualizado não compete o trabalho...
— Agrederei a Deus a oportunidade de servir...
— Não girarei as alegrias e o acanhado do lar...
— A humanidade será minha família...
— Assimilação espiritualizada no desdobramento da Codificação Espírita...
— Fiel ao seu plano, não desistirei, ciente de que o Espiritismo é o Controlador prescrito por Jesus...
— A tarefa se exige devotamento e abnegação...
— Não hesitarei viver em paz com o Evangelho e a Doutrina Espírita.

Entrevista com Marlene Nobre

“NÃO SEI QUANDO O ADMIRO MAIS, SE COMO KARDEC OU CHICO”

Conrado Gonçalves Santos Dra. Nobre conversou em ex-... um minuto de silêncio e a...
... momento de...
... momento de...

Também na Folha Espírita a mensagem mediúnica ganha destaque de primeira página, ao lado da manchete da entrevista em que a Dra. Marlene expôs sua opinião sobre Chico/Kardec. A foto mostra, como na capa do livro do Adelino da Silveira, uma fusão com as imagens dos dois personagens

A MÉDICA MARLENE NOBRE E A TESE CHICO/KARDEC

As opiniões da Dra. Marlene Nobre estão na entrevista por ela dada ao jornal “Folha Espírita”, edição 291, de junho de 1998, do qual é a Editora-chefe. Médica, preside a Associação Médico-Espírita do Brasil. Como no caso anterior, do Dr. Jarbas, a Dra. Marlene deu a entrevista também para falar do assunto em decorrência da mensagem “A Volta de Allan Kardec”, recebida pelo Dr. Antônio Baduy Filho. Convém, portanto, conhecer suas observações e as conclusões a que chegou.

A mensagem foi recebida pela médica “com naturalidade e, porque não dizer, com um misto de alegria e alívio. Naturalidade, porque há 40 anos tenho certeza de que Chico Xavier é a reencarnação de Allan Kardec (...). Alegria e alívio pelo fato de poder exprimir-me abertamente sobre o assunto, expondo com clareza minhas convicções íntimas”. Esta certeza sobre a relação Chico/Kardec é oriunda, segundo a entrevistada, “de uma experiência pessoal e intransferível”. Por quatro anos, enquanto estudava em Uberaba, cidade em que reside o médium Xavier, participou das atividades que ele ali desenvolve, tendo com Chico uma convivência de certa forma íntima, juntamente com outras pessoas. Diz ela: “...muitos dos companheiros de Uberaba e de outras regiões, que conviviam conosco, (...) tinham certeza de que Chico Xavier era Allan Kardec”.

A Dra. Marlene relata, então, as experiências que viveu na ocasião, as quais fortaleceram sua convicção. Em uma noite de 1959, quando auxiliava o médium a atender as pessoas que se enfileiravam para falar com ele, teve um “insight”. Ao voltar-se para Chico, a fim de atender o seu chamado, diz: “Não o vi. Era Allan Kardec que eu via e, com naturalidade, respondi-lhe: - Professor! O que o senhor deseja? Se não disse isso, foi algo assim. Em questão de segundos, o ambiente de Uberaba havia desaparecido e eu parecia reviver uma cena do século passado. Em reforço, a Dra. Marlene junta uma passagem que teria ocorrido em 1976, quando da visita do médium Luís Antônio Gasparetto a Uberaba. Através des-

te, o Espírito de Toulouse Lautrec, em diálogo mantido com Chico Xavier, disse: “Merci, Allan” (Obrigado, Allan). Esta passagem, segundo a entrevistada, foi publicada em reportagem da “Folha Espírita” de outubro de 1976 e se encontra no livro “Lições de Sabedoria”.

De uma obsessão sofrida pela irmã de Chico Xavier, Maria Pena Xavier, Dra. Marlene tira outra informação que reforça sua convicção. Chico lhe teria dito que o Espírito obsessor de sua irmã falava: “Eu odeio a família de Allan Kardec”. O fato ocorrera muito antes do médium conhecer o Espiritismo, sendo que sua família era católica e jamais havia lido, na época da obsessão, as obras de Kardec. Diz a médica: “Tudo indica que esse Espírito acompanhava a vida da família há muito tempo”.

Há um detalhe para o qual a médica chama a atenção, parecendo-lhe importante: “Não tenho visto ninguém, nas inúmeras instituições que tenho visitado, fazer preces dirigindo-se diretamente a Allan Kardec, pedindo proteção a ele, como fazem ao Espírito de Bezerra de Menezes ou a outro Benfeitor Espiritual. Acredito que, inconscientemente, todos saibamos que Kardec está reencarnado”.

E o Chico, o que é que diz? Não confirma nada, objetivamente. “Chico sempre foi muito discreto – diz ela. Aos que lhe perguntavam sobre suas vidas anteriores, afirmava ser “cisco” e nada saber a respeito”. Mas, indiretamente, para ela muitas referências de Chico apontam para esta verdade: ele é Kardec de volta. Eis uma: Chico

contou a ela e a outros companheiros “detalhes curiosos sobre a correspondência de Allan Kardec com a escritora francesa George Sand. Ele sabia de cor períodos inteiros das cartas do Codificador e as respectivas respostas. Na ocasião, perguntei ao Dr. Canuto de Abreu, hoje desencarnado, o maior colecionador do que restou do acervo de Allan Kardec, após as duas guerras mundiais, se ele tinha essas cartas e ele me respondeu negativamente. Não sabia da existência delas. De onde o Chico tirava tudo isso?”.

Numa festividade que teria acontecido no plano espiritual, para comemorar o centenário de lançamento de “O Livro dos Espíritos”, segundo Chico Xavier teria contado à Dra. Marlene, “todos os trabalhadores do Brasil e de outros países foram festejar, em um Grande Encontro (...). O médium falou da comoção de toda a assembléia com a comemoração. Diante do relato, eu quis saber quem presidira tão importante conclave. Chico respondeu-me, simplesmente: “Léon Denis presidiu a reunião”. Mais um indicativo de que Kardec está reencarnado, se não estivesse, evidentemente, a direção do conclave seria dele”.

Muitas informações, portanto, dadas pelo médium mineiro seriam, segundo a médica, indicativos de que Chico é a reencarnação de Kardec. Refere-se ela ao seguinte acontecimento: O Dr. Canuto de Abreu ter-lhe-ia mostrado um documento escrito de próprio punho por Kardec, onde está relatado “mais ou menos o seguinte: depois que Zéfiro me contou que eu fui Platão é que pude compreender melhor minha missão”.

Ao contar isso para o Chico, Dra. Marlene notou sua naturalidade, como quem conhece o assunto há muito tempo, tendo o médium lhe recomendado ler “O Banquete”, de Platão, para melhor compreender a veracidade da informação.

Posteriormente, atendendo ao desejo manifestado por Chico, ela e seu marido, Freitas Nobre, acompanhados do casal Nena e Francisco Galves, foram com o médium visitar o Dr. Canuto de Abreu. Lá, teria Dra. Marlene se perguntado: “Se Platão não se casou, se Chico não se casou, por que teria Allan Kardec se casado?”. Ao reencontrar-se com Chico mais tarde, teria recebido dele a seguinte informação: “Allan Kardec não foi casado, de fato, com Amélie Boudet. Houve um acordo tácito entre os dois: Amélie, mais velha que ele nove anos, cuidaria de todos os afazeres domésticos e administrativos, enquanto ele ficaria inteiramente livre para trabalhar pela doutrina. Como você sabe, eles não tiveram filhos”.

Referendando a opinião expressa pelo Dr. Jarbas, a médica pergunta: “Não é curioso que, sendo a antena psíquica mais apurada do mundo, Emmanuel não nos dê notícias de Allan Kardec, por seu intermédio?”. Sobre a questão da diferença de perfil psicológico entre Kardec e Chico Xavier, ela afirma: “Não creio que, na Terra, sejamos peritos em perfil psicológico e planejamento de reencarnação. Creio que muitos vultos do Cristianismo já voltaram à Terra, em outros tempos, e não os reconhecemos”. Para ela, a dificuldade que existe para a aceitação de Chico como a reencarnação de Kardec “está no total

despojamento com que Chico se apresenta na atual encarnação. É difícil visualizar Kardec em uma criatura pobre, que fez somente o curso primário, que trabalhou e se aposentou como simples escriturário de uma repartição pública e apagou-se para que os Benfeitores Espirituais fossem exaltados”.

MENSAGEM DE KARDEC INDICARIA SEU RETORNO PRÓXIMO

Maria Gertrudes Coelho, em livro que escreveu e publicou em Araguari, Minas Gerais, afirma que em mensagem datada de 1907, dada em Portugal, Kardec prognosticou o seu retorno próximo ao corpo físico, com todas as indicações de que viria de fato como Francisco Cândido Xavier. Assim escreve a autora: “No livro “Obras Póstumas”, de Allan Kardec, há uma frase que diz sobre a possibilidade de seu retorno, no final daquele século, ou no princípio deste. No começo deste século, o conceituado médium português, Fernando de Lacerda recebeu uma mensagem de Allan Kardec, anunci-



*O médium português
Fernando de Lacerda,
envolvido
indevidamente na
questão Chico/Kardec*

ando que estava próxima a sua volta e que aquela era uma de suas últimas comunicações. As mensagens do espírito Allan Kardec foram encerradas e logo depois nasceu Chico Xavier, com a mesma seriedade que Kardec viveu sua existência e a Doutrina Espírita. Tenho plena convicção de que ele realmente é a reencarnação de Allan Kardec. Não temos notícia de outro médium que tenha desdobrado, como ele, o pensamento do Codificador”.¹⁵

A autora, como se vê, demonstra não conhecer bem o assunto. Utiliza-se visivelmente de informações recebidas de alguma fonte verbal. Em uma nota de rodapé ela explica o seguinte: “Mensagem XXIX do médium Fernando de Lacerda, em Lisboa em 06/05/1907, do livro: “Do País da Luz”, editado pela FEB”.

Em sua biografia “Fernando de Lacerda, o Médiun Português”, Manuela Vasconcelos registra alguns trechos do documento citado, sem nenhuma menção à possível parte de anúncio de um retorno. Mas no livro “Do País da Luz” a mensagem aparece por inteiro e contrariamente ao que diz Maria Gertrudes, não há nela nenhuma alusão, nem direta nem indireta, ao possível retorno ao corpo físico do Codificador. Cuida ele, apenas, de dar informações de ordem geral sobre o trabalho do médium português, através de conselhos voltados ao equilíbrio de sua vida íntima e do trabalho mediúnico, colocando-se ao dispor de Fernando de Lacerda, caso desejasse utilizar-se de seus préstimos. Kardec encerra a mensagem com as seguintes palavras: “Ponho-me à tua dis-

posição, para te utilizares do meu préstimo e da minha experiência, se nisso vires alguma vantagem; mas não me magoarei se me não utilizares”.¹⁶

Pode ter acontecido que a autora, Maria Gertrudes, tenha se informado mal com alguém ou, então, feito confusão por conta de uma leitura rápida e sem a devida acuidade. Há um parágrafo na mensagem em que o autor espiritual registra o seguinte: “Francisco Xavier, só e humilde, conquistou mais almas para o Cristianismo do que todos os cruzados, com os seus aguerridos exércitos e as suas poderosas armadas”. Teria, por acaso, o nome de Francisco Xavier ocasionado confusão com o do médium mineiro, que é também Francisco Xavier, apenas com Cândido ao meio? Seria um engano imperdoável para uma escritora, sem dúvida, mas perfeitamente explicável.

À vista disso, não consideraremos o livro de Maria Gertrudes Coelho para fins de estudo no presente trabalho, deixando apenas registrado o fato. Quem quiser se inteirar da mensagem poderá consultar a obra do médium português, disponível nas livrarias especializadas.

Chegamos assim ao final deste capítulo. As principais opiniões e os argumentos mais fortes favoráveis à tese da reencarnação de Kardec como Chico Xavier foram colocados. Cabe-nos, agora, ouvir as opiniões contrárias e fazer uma análise

de tudo o que foi colocado. Importa, ainda, trazer as considerações doutrinárias das obras básicas, já que a elas foram feitas referências por todos aqueles que opinaram.

TÍTULO III

As doutrinas das liberdades espíritas

1. A liberdade de pensamento

2. A liberdade de expressão

3. A liberdade de ação

4.

que

seguir

o caminho

da liberdade

de expressão

de pensamento, Art. 1º

da Constituição

de 1988

Art. 1º

da Constituição

de 1988

CAPÍTULO III

A opinião contrária das lideranças espíritas

*“OS HOMENS DEVEM ESCOLHER ENTRE A
VIDA E A MORTE. A VIDA ESTÁ NO ESPÍRI-
TO; A MORTE, NA CARNE.”*

L. TOLSTOI

Os pensamentos expressos em livro e pela imprensa por aqueles que defendem a tese de que Chico Xavier é Allan Kardec reencarnado encontraram forte oposição. Este é um dado concreto. Contra Arthur Massena, Adelino da Silveira, Jarbas Leone Varanda e Marlene Nobre se levantaram nomes como José Herculano Pires, Ary Lex, Nazareno Tourinho, Jorge Rizzini e muitos outros. Já em 1972, José Herculano Pires debateu o assunto em seu programa, “No Limiar do Amanhã”, da Rádio Mulher, apresentando um depoimento por escrito de Chico Xavier. Foi naquele

ano que Arthur Massena divulgou, pela primeira vez, a opinião: Chico seria Kardec. O depoimento do Chico é o seguinte:

“Até hoje, pessoalmente, eu nunca recebi qualquer notícia positiva a respeito da presença de Allan Kardec, reencarnado no Brasil ou alhures. Entretanto, eu devo dizer que em se tratando de vultos veneráveis do nosso movimento, tenho muito receio de receber qualquer notícia, porque temo pela minha fragilidade e estimaria não ser médium de notícias tão altas. Quando Allan Kardec surgir ou ressurgir, ele dará notícias de si mesmo pela sua grandeza, na presença que venha mostrar”.¹⁷

A opinião de Chico Xavier tem dois aspectos importantes: 1º) Foi dada por escrito ao jornalista e escritor Herculano Pires. Grande parte das informações sobre uma possível reencarnação de Allan Kardec, atribuídas a Chico Xavier, são meramente verbais. O mesmo acontece quando partidários da tese Chico/Kardec atribuem a ele, Chico, indicações que supostamente vão na direção da confirmação de que ele é o próprio Kardec. São informações baseadas em lembranças e quase sempre se transformam em fonte de deduções e hipóteses, mas como documento legítimo não possuem qualquer valor.

2º) O fato de Herculano Pires ter levado o assunto ao ar em seu programa de rádio revela a sua preocupação. Herculano era, como ainda é,

uma autoridade incontestável em matéria de doutrina espírita, autoridade essa reconhecida também, e de forma enfática, por Chico Xavier. O médium mineiro tinha por Herculano um respeito e uma admiração pouco vista em relação a outros intelectuais espíritas e tamanha era sua confiança no professor que deu-lhe, mais de uma vez, carta branca na condução de estudos e análises do seu trabalho mediúnico.

As posições do Dr. Ary Lex, do escritor Nazareno Tourinho, do jornalista e escritor Jorge Rizzini e de Ariston Santana Telles sobre Chico/Kardec estão na edição de agosto de 1998 do “Jornal Espírita”, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, publicadas, respectivamente, sob os seguintes títulos: 1ª) “Francisco Cândido Xavier – reencarnação de Allan Kardec?”; 2ª) “Uma tese insustentável”; 3ª) “Chico Xavier desabafa: “A condição humana é uma bênção, mas a mitologia é dura de agüentar”; 4ª) “Duas personalidades bem distintas”.

O Dr. Ary Lex, médico, é ex-fundador e ex-presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME), como a Dra. Marlene Nobre, e sua larga experiência no campo espírita é reconhecida publicamente. Nazareno Tourinho, escritor e dramaturgo premiado, tem, além de longa experiência em pesquisas mediúnicas, a seu favor também o fato de conhecer de perto o médium mineiro e com ele haver partilhado várias experiências. Rizzini é conhecido por sua verve polêmica, sua atuação jornalística em casos de grande repercussão na imprensa, premiado escritor e mé-

dium com obras elogiadas pela crítica.

Todos os quatro autores escreveram seus artigos de maneira fatual, isto é, em cima da entrevista da Dra. Marlene, motivados por sua publicação no mês de junho de 1998 e atendendo pedido do “Jornal Espírita”. Como se viu, a posição dos quatro aparece logo em seguida, em agosto do mesmo ano. Não tiveram, portanto, tempo para aprofundamento da análise, o que explica o fato de tratarem o assunto sem preocupações de ordem científica. Nem por isso suas opiniões têm menor valor; ao contrário, podem ser analisadas sob o crivo do bom senso e da lógica, entre outros aspectos. Além do mais, oferecem a possibilidade de um cotejamento doutrinário, permitindo que a questão seja vista também segundo as interpretações do pensamento dos Espíritos que ditaram a Codificação.

O Dr. Ary Lex anota logo na abertura do artigo: “Já há décadas, vimos notando a preocupação de alguns espíritas fanáticos em procurar quem é a reencarnação de Allan Kardec, o grande codificador. Vários Espíritos desencarnados têm sido apontados; outros ainda vivos”. Nazareno Tourinho, a seu turno, viu no pensamento da Dra. Marlene uma única “virtude”: “a de suscitar entre nós polêmicas apaixonadas sem nenhum proveito doutrinário”, no que é seguido por Rizzini, que classifica essas declarações de fantasiosas “que não ridicularizam, apenas, a reencarnação, que é uma lei divina, mas o próprio movimento espírita”.

Logo depois de Adelino da Silveira entregar seu

livro ao público, em Uberaba, a cidade em que reside o médium Chico Xavier, o Sr. Antônio Corrêa de Paiva publicou o livro “Será Chico Xavier a Reencarnação de Allan Kardec?”, com o seguinte subtítulo: “Refutação ao livro “Kardec Prossegue”. O Sr. Antônio é, também, um dos amigos do médium mineiro que há mais de 40 anos priva de sua intimidade, colocando-se, portanto, no lado contrário daqueles que defendem a tese Chico/Kardec.

ANÁLISE DOS ARGUMENTOS PRÓS E CONTRAS

Ao que tudo indica, o primeiro a tratar publicamente da questão foi o jornalista Arthur Massena, do Rio de Janeiro, em 1972, quando presidia a Associação de Medicina e Espiritismo. Tomando por base uma mensagem mediúnica que teria sido recebida pelo Dr. Levindo Mello, contendo hipotética confirmação da reencarnação de Kardec na figura de Chico Xavier, não a publicou. Pelo menos é o que se tem notícia.¹⁸ Isso não invalida, contudo, suas opiniões nem reduz o nosso trabalho de análise. Caso a mensagem fosse do conhecimento público, poderíamos tentar obter ali indícios que pudessem levar à pesquisa e, então, comprovar ou não a informação, como fizeram os pesquisadores Ian Stevensson e Banerjee com os casos semelhantes que analisaram.

Aliás, esta seria a melhor e mais importante providência, especialmente diante das repercus-

sões do caso e em vista da figura pública que é o médium Francisco Cândido Xavier. Não há, no momento, outro meio mais capaz de oferecer um resultado seguro sobre assunto dessa natureza, que não seja através de um estudo profundo acompanhado de uma pesquisa que possibilite confrontar as informações. Trabalham contra isso duas coisas: a ausência de indicações precisas dos Espíritos desencarnados nas manifestações que vieram a público e a própria postura do médium, contrária à opinião dos seus amigos e admiradores.

As informações sobre o druida Allan Kardec, que aparecem na literatura espírita, não foram fornecidas no sentido de encaminhar pesquisas; são apenas informativas, indicando a Kardec, que no início do seu trabalho tinha dúvidas sobre a realidade da reencarnação, uma sua existência antiga. Levando em consideração uma quantidade muito grande de outras informações concordantes e da conclusão a que chegou, sobre a seriedade dos informantes e o grau de interesse público que apresentavam, o Codificador utilizou-se da indicação e adotou o pseudônimo.

Eduardo Carvalho Monteiro seguiu aquelas indicações e elaborou um interessante trabalho sobre o druidismo e suas relações com o Espiritismo, confrontando, inclusive, a doutrina druídica com a espírita. Tudo isso está no livro por ele escrito, de título "Allan Kardec, o Druida Reencarnado". Além de descobrir pontos de contato interessantes, Eduardo mostra que a relação com os druidas não se limitaria a Kardec,

estendendo-se a outros personagens ligados ao grupo do Codificador, como Léon Denis. Indica, também, fatores coincidentes, como o nome Denizard, constante no nome civil de Allan Kardec: Denizard Hippolyte Léon Rivail. Enfim, se o livro não serve como prova cabal e definitiva da existência anterior de Kardec, vale como uma tentativa de aprofundar o assunto.

No presente caso da tentativa de ligação entre Chico Xavier e Kardec, não há indicações claras. Como vimos, a primeira mensagem, que teria sido recebida por Levindo Mello na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e foi mencionada por Arthur Massena, é desconhecida do público. Sobre a segunda, recebida por Antônio Baduy Filho, conforme se deduz de seu texto, também não apresenta indicações. Pode-se, é verdade, fazer uma análise dela, à luz dos fatos, na tentativa de extrair o melhor.

É isto o que faremos, a seguir.

A MENSAGEM “A VOLTA DE ALLAN KARDEC”

A interpretação literal do texto deste documento poderia ser feita da seguinte forma: trata-se de um relato sobre uma hipotética reunião havida numa região elevada do espaço, na qual estaria presente o Codificador, Allan Kardec. O objetivo era este: tratar do seu retorno ao corpo físico. O cenário mostrava que havia no movimento espírita brasileiro muitas disputas, com forte presença dos adeptos que defendiam os aspectos filosó-

ficos e científicos da doutrina, negando o aspecto religioso. Isto nos leva ao final do século passado, pois, como se sabe, naquela época aconteceram fatos dessa natureza.

Diante disso, era necessária uma ação forte para recolocar o Espiritismo no seu lugar e estabelecer providências que pudessem unir os adeptos. Kardec recebe a notícia, pela voz do representante de Jesus, de que chegara o momento do seu retorno à Terra, ao que responde positivamente. Daí para a frente, desenvolve-se um diálogo entre os dois grandes Espíritos, em que o primeiro apontava as dificuldades do trabalho e o outro respondia com segurança, dizendo estar preparado e disposto a enfrentá-lo.

Depois do diálogo, o representante do Cristo teceu considerações sobre os acontecimentos futuros, pedindo para Kardec as bênçãos do Alto. A reunião se encerra com Kardec recebendo o apoio e a solidariedade dos presentes. E a mensagem termina com a indicação de que o Espírito do Codificador renasceu no fim da primeira década deste século, ou seja, por volta de 1910.

Vamos, agora, analisar o assunto.

Mensagens desse teor não permitem senão dois caminhos: aceitar ou não o seu conteúdo. Não há como garantir, de fato, que aquela reunião aconteceu. A única prova que temos disso é o testemunho do Espírito que deu a informação. Sequer o médium pode entrar aí para reforçar essa certeza, porque não esteve presente na referida reunião. Por uma questão pessoal, de foro íntimo, podemos acreditar que ela aconteceu. Mas, em

termos probatórios, não há garantia disso.

Temos, ainda, dois detalhes: o nome do Espírito e a credibilidade do médium. Hilário Silva é um nome conhecido e suas páginas escritas através de Chico Xavier e Waldo Vieira tiveram grande aceitação pública. Ninguém poderá dizer que não se trata de um Espírito sério. Ainda assim, pode-se questionar se foi ele quem transmitiu a mensagem ou se foi de fato o mesmo Hilário Silva que se conhece. Não há nenhum problema nesse questionamento e não será nenhuma desconsideração para com o Espírito de Hilário Silva apresentar essa dúvida. Como se sabe, o próprio Allan Kardec declarou que os Espíritos elevados não ficam contrariados com questionamentos dessa natureza, tendo em vista saberem que o que se quer é conhecer a verdade. Ele afirma em “O Livro dos Médiuns”, capítulo da identidade dos Espíritos: “...não há má comunicação que possa resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos com isso não se ofendem jamais, uma vez que eles mesmos a aconselham, e porque nada têm a temer do exame; somente os maus se melindram e a desaconselham, porque têm tudo a perder, e por isso mesmo provam o que são”.

Juntem-se aí outros detalhes de ordem doutrinária e um deles diz respeito àquilo que de fato o Espírito sabe, ou seja, a condição de Espírito não confere sabedoria e a pessoa nesta condição só fala do que pode e segundo sua própria capacidade. Pois bem, o nome do Espírito não é suficiente para dar foros de verdade ao conteúdo da

mensagem.

Quanto ao médium, a questão se reveste de iguais dificuldades. Nada conhecemos que desabone a vida do Sr. Antônio Baduy Filho, seja sua vida particular, seja sua atuação como médium. Portanto, não podemos colocar em cheque sua credibilidade. Pelo contrário, todas as informações que nos foram passadas revelam que se trata de um homem íntegro. Mas, assim como acontece com o Espírito que assinou a mensagem, o médium não pode dar por si mesmo garantia do conteúdo da mensagem. Sendo apenas o intermediário na sua recepção, pode dar o seu testemunho e esse testemunho tem valor, mas não é suficiente para uma conclusão definitiva acerca dos fatos ali apresentados. Todos sabem das dificuldades que se apresentam no terreno da mediunidade, para Espíritos, médiuns e destinatários das mensagens.

Não podendo ter a garantia sobre a realização da aludida reunião, fica também eliminada qualquer tentativa de comprovar a presença de Kardec e dos demais Espíritos nela, bem como de outros detalhes anotados. Resta analisar o conteúdo geral.

Desde já, é preciso destacar um fato inconteste: todos os dados apresentados na mensagem já eram do conhecimento público. Não se trata de informações novas, totalmente desconhecidas. Quando a mensagem foi recebida, em 31 de outubro de 1997, todos sabíamos que Chico Xavier nascera em 1910, tinha então 87 anos e sua vida estava repleta de exemplos extraordinários. Sa-

bia-se, também, conforme destacamos, da parte da história do Espiritismo no Brasil mostrando as dificuldades de entendimento entre as lideranças do final do século passado e início deste, de tal modo que a sua presença no texto conduz à conclusão que se trata de uma crônica com informações de época, acrescidas de detalhes nascidos da imaginação criadora do autor.

Afora a realização da reunião, cuja veracidade está posta em dúvida, nenhum outro dado objetivo há na mensagem do qual se possa dizer: isso era desconhecido ou podemos trabalhar sobre esse dado e procurar comprovação. Haveremos de convergir numa coisa: qualquer cronista, encarnado ou desencarnado, poderia escrever um texto semelhante. De maneira que a parte das informações existente no texto se mostra como fator contrário à aceitação do conteúdo da mensagem. Se nos limitássemos somente a isso é fora de dúvida que a mensagem seria descartada. Sob este aspecto, o diálogo que se desenrola entre o Espírito dito representante do Cristo e Kardec procura conduzir o leitor numa direção determinada, além de estabelecer um “link” entre o que iria reencarnar com alguém já ligado ao corpo físico, e aí a maior probabilidade é de que este alguém seria Chico Xavier. Esta intenção é evidente e não contém em si nenhum mal desde que seja verdadeiro o que está sendo revelado. Caso contrário, terá de ser condenada, porque seria reveladora de outros objetivos, indignos.

Temos, ainda, a questão da qualidade para analisar.

Seria o texto mediúnico uma peça à altura de um bom Espírito? Esta foi uma das perguntas freqüentemente feita por Kardec para selecionar mensagens ditadas através dos médiuns e auferir sua qualidade. Não foi um critério único, é verdade, mas foi dos mais importantes, porque, por ele podia-se eliminar de imediato trabalhos cuja linguagem não fosse compatível com o que se pode esperar de uma inteligência séria e desenvolvida. No capítulo sobre a identidade dos Espíritos do “Livro dos Médiuns”, Kardec coloca a questão com clareza: “Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem; se um Espírito se apresenta sob o nome de Fênelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, é bem certo que esse não pode ser ele; mas se não diz senão coisas dignas do caráter de Fênelon, e que este não desaprovava, há, senão uma prova material, pelo menos toda a probabilidade moral de que deve ser ele”.¹⁹

Outro detalhe da linguagem refere-se às intenções contidas na mensagem. É possível que um Espírito bem intencionado produza um texto cuja linguagem não seja a melhor, e nem por isto mereça reprovação total. Tal não ocorre, porém, se este mesmo Espírito toma de um nome respeitável para se fazer aceito no meio em que se introduz, visando disseminar certas idéias para provocar confusões. É para o que procura chamar a atenção Kardec, no mesmo capítulo do “Livro dos Médiuns”:

“A posição é diferente quando um Espírito, de ordem inferior, se adorna de um nome

respeitável para dar crédito às suas palavras, e esse caso é tão freqüente que não seria demasiado ter-se em guarda contra essas espécies de substituições; porque é graças a esses nomes emprestados e com a ajuda, sobretudo, da fascinação que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram dar crédito às idéias mais ridículas”.²⁰

Até aqui, não pusemos em dúvida a autoria da mensagem em foco, assinada com o nome de Hilário Silva, Espírito que tem trazido páginas pela pena de Chico Xavier e Waldo Vieira de indiscutível teor moral. Mas não podemos deixar de colocar a questão na pauta da análise, visto ser ela necessária. E para não alongar aqui o assunto, estudemos mais estas palavras de Kardec, no mesmo capítulo e livro citado:

“Não é preciso julgar os Espíritos pela forma material e nem pela correção do seu estilo, mas sondar-lhe o sentido íntimo, esquadriñar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Todo desvio de lógica, de razão e de sabedoria não pode deixar dúvida quanto à sua origem, qualquer que seja o nome com o qual se vista o Espírito”.²¹

Vejam, pois, o assunto observando o sentido do texto. Se, como já dissemos, a mensagem não traz nenhuma informação nova e se não pode-

mos ter certeza da realização da reunião a que se refere, mas fica, porém, ressaltada uma intenção de conduzir o leitor para uma determinada direção, a qual levaria indiscutivelmente a Chico Xavier, estamos claramente diante de um diálogo de mau gosto e literariamente ruim. O autor usa de uma linguagem “piedosa”, pondo na boca do suposto representante de Jesus colocações claramente destinadas a validar o objeto da mensagem, que seria a volta de Kardec no corpo de Chico Xavier, e na boca de Kardec respostas “melosas”. Tudo se passa como se os dois personagens estivessem incapacitados para desenvolver um diálogo inteligente e elevado, o que, em última análise, pode também nivelar com eles os próprios leitores. É um diálogo extremamente infantil e, do ponto de vista de seu desenvolvimento, ridículo, capaz de deixar agastado o leitor que quisesse esquadrihar as palavras, “pesá-las friamente”, como orientou Kardec, o Codificador.

O Espírito representante de Jesus fala como se o seu interlocutor não pudesse saber nada do futuro que lhe estava reservado, e este responde como se o outro desconhecesse as disposições íntimas de alguém que deveria renascer em missão de alta envergadura. Tudo começa assim: “Chegou a hora, meu filho... – Estou pronto e confiante”. O diálogo, daí para a frente, se desenrola a fim de ressaltar detalhes de uma futura vida que, por evidentes, já estão presentes na história de Chico Xavier, como se pode relacionar:

a) condições adversas no nascimento (Chico nasceu em lar muito pobre, perdeu cedo a mãe,

viveu com uma madrastra que o maltratava, etc.);

b) início do trabalho cedo e com sacrifícios (foi o que ocorreu com o médium);

c) ausência de títulos acadêmicos (Chico só fez o primário);

d) desconfianças, falta de fidelidade de companheiros, sofrimentos físicos (são inúmeros os problemas de saúde de Chico e já passou ele por decepções com amigos);

e) mediunidade – “serás instrumento” (foi o que notabilizou a sua vida);

f) celibato (Chico sempre foi solteiro);

g) trabalho espírita (Chico assumiu o Espiritismo muito jovem e se dedicou a ele com devotamento e abnegação).

Há outros ingredientes no texto que valem a pena destacar, além da exploração de fatos conhecidos como se ainda fossem acontecer, como, por exemplo, a situação criada para demonstrar que o Espírito que se dirigia a Kardec era superior (“preposto de Jesus, iluminado benfeitor”), e para isso ele fala a Kardec “com bondade”, num clima de emoção, em que todos os presentes (seria preciso que eles existissem) se encontravam recolhidos e em expectativa. Tudo isso acontecia numa das regiões “mais elevadas da Espiritualidade”, com a “presença marcante de Kardec”. A reunião termina com uma rogativa de bênçãos ao Senhor, para o missionário que, “no final da primeira década deste século”, renasceu “em pequena cidade do interior brasileiro”. Não fora preciso ser mais explícito e dizer: “do interior mineiro”. Tudo estava montado para atingir os

fins desejados.

Resumindo, temos o seguinte quadro em relação à mensagem “A Volta de Allan Kardec”:

a) não há garantias de que a reunião referida no documento tenha de fato acontecido;

b) a linguagem da mensagem, apesar de gramaticalmente correta, não é própria de um Espírito superior, bem como do Espírito Hilário Silva que estamos habituados a ler, especialmente através de Chico Xavier;

c) é totalmente improvável que Espíritos de ordem elevada se expressem segundo os pensamentos contidos no diálogo desenvolvido na mensagem;

d) havendo sido a mensagem escrita já com a vida de Chico Xavier conhecida publicamente, os dados ali apresentados não podem ser levados à conta de previsão ou profecia;

e) o documento todo é de uma pobreza muito grande, com ênfase para o diálogo que mostra dois Espíritos, aos quais se quer atribuir superioridade, conversando com infantilidade sobre assunto de grande importância.

Por tudo isso, devemos rechaçar a tentativa de validar a mensagem como documento comprobatório da reencarnação de Allan Kardec como Chico Xavier.

DUAS OUTRAS MENSAGENS DE HILÁRIO SILVA

Juntamente com o estudo da linguagem e do conteúdo das mensagens mediúnicas, bem como das personalidades que as assinam, a análise comparativa é também um excelente instrumento para aferição de seu verdadeiro valor. Kardec a utilizou com clareza em várias ocasiões no sentido de verificar semelhanças e controvérsias para uma possível conclusão posterior. Trata-se, porém, de um trabalho difícil, pois o terreno é bastante perigoso e propício a enganos. Ao estabelecer a análise de três mensagens atribuídas ao mesmo autor espiritual, no caso São Vicente de Paulo, Kardec mostra isso. As referidas mensagens tinham uma linguagem com muitas semelhanças e correção gramatical. Aparentemente, eram todas de elevado nível. Quando, porém, o Codificador fez ver os detalhes contidos no sentido de certas frases e aquilo que surgia de suas entrelinhas, ficamos sabendo que apenas uma delas poderia ser realmente atribuída ao Espírito. Até chegar a esta conclusão, muita gente pode se enganar.

Outros autores e pesquisadores das fontes mediúnicas utilizaram-se desse expediente, também. Seja no sentido de comparar informações, seja para fins de análise de conteúdo. Dessa forma, e como o assunto aqui está a exigir nosso cuidado, vamos reproduzir outras duas mensagens atribuídas ao mesmo Espírito e recebidas, respectivamente, por Waldo Vieira e Chico Xavier.

Estas duas últimas estão publicadas, respectivamente, no “Anuário Espírita 1966” e no livro “A Vida Escreve”, em que Chico e Waldo dividem a autoria psicográfica. O leitor poderá fazer suas análises e tirar as devidas conclusões.

Antes porém, não deixe de considerar os problemas inerentes à recepção mediúnica, sempre muito complexos, que podem dificultar ao Espírito a expressão clara de suas idéias, entre os quais se situam os fatores do relacionamento fluídico entre médiuns e comunicadores. Isto porque, segundo Kardec em “O Livro dos Médiuns”, não é preciso “julgar os Espíritos pela forma material e nem pela correção do seu estilo, mas sondar-lhe o sentido íntimo, esquadrinhar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Todo desvio de lógica, de razão e de sabedoria não pode deixar dúvida quanto à sua origem, qualquer que seja o nome com o qual se vista o Espírito”.

APENAS COM ÁGUA

Espírito: Hilário
Silva

Médium: Waldo Vieira

O Dr. Paulo Abrantes e senhora terminavam o culto do Evangelho no Lar, em companhia de Tárzia,

VISÃO DE EURÍPEDES

Espírito: Hilário
Silva

Médium: Chico Xavier

Começara Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo da mediunidade, em Sacramento, no Estado

a filhinha de seis anos, e o chefe da casa rematou os comentários, falando sobre a necessidade de pureza nos costumes domésticos.

Logo após, o distinto casal espírita conduziu a pequenina, pela primeira vez, aos serviços de assistência.

Tratava-se de visita fraterna aos irmãos internados na cadeia pública.

Na rua, formou-se o grupo maior dos companheiros de ideal e, a breve tempo, estavam todos no grande casarão, distribuindo livros e cobertores.

Numa cela estreita, um homem francamente embriagado pedia socorro em alta voz.

A menina condoída, puxou o braço paterno e indagou:

– Papai, por que

de Minas Gerais, a observar-se fora do corpo físico, em admirável desdobramento, quando, certa feita, à noite, viu a si próprio em prodigiosa volitação. Embora inquieto, como que arrastado pela vontade de alguém num torvelinho de amor, subia, subia...

Subia sempre.

Queria parar, e descer, reavendo o veículo carnal, mas não conseguia. Braços intangíveis tutelavam-lhe a sublime excursão. Respirava outro ambiente. Envergava forma leve, respirando num oceano de ar mais leve ainda... Viajou, viajou, à maneira de pássaro teleguiado, até que se reconheceu em campina verdejante. Reparava na formosa paisagem, quando, não longe, avistou um homem

* * *

prenderam um homem que chora tanto?

E o Dr. Abrantes, conciso:

– Filhinha, o juiz mandou trazer este homem para a cadeia porque ele vive bebendo...

A pequena empalideceu, levando as mãos ao coração e estava a ponto de cair, quando o Dr. Paulo perguntou preocupado:

– Mas, o que tem você, minha filha?

A menina, contudo, respondeu receosa:

– Ah! papai, estou com medo do juiz mandar prender o senhor e mamãe, pelas bebidas que o senhor e ela estão sempre bebendo lá em casa.

– Os espíritas entrefitaram-se mudos, e daquele

que meditava, envolvido por doce luz.

Como que magnetizado pelo desconhecido, aproximou-se...

Houve, porém, um momento em que estacou, trêmulo.

Algo lhe dizia no íntimo para que não avançasse mais...

E num deslumbramento de júbilo, reconheceu-se na presença do Cristo.

Baixou a cabeça, esmagado pela honra imprevista, e ficou em silêncio, sentindo-se como intruso, incapaz de voltar ou seguir adiante.

Recordou as lições do Cristianismo, os templos do mundo, as homenagens prestadas ao Senhor, na literatura e nas artes, e a mensagem d'Ele a ecoar entre os homens, no curso de quase vinte séculos...

Ofuscado pela grandeza do momento, começou a chorar...

dia em diante o Dr. Paulo e senhora determinaram que a mesa do próprio lar fosse servida apenas com água.

Grossas lágrimas banhavam-lhe o rosto, quando adquiriu coragem e ergueu os olhos, humilde.

Viu, porém, que Jesus também chorava...

Traspassado de súbito sofrimento, por ver-lhe o pranto, desejou fazer algo que pudesse reconfortar o Amigo Sublime... Afiagar-lhe as mãos ou estirar-se à maneira de um cão leal aos seus pés...

Mas estava como que chumbado ao solo estranho...

Recordou, no entanto, os tormentos do Cristo, a se perpetuarem nas criaturas que até hoje, na Terra, lhe atiram incompreensão e sarcasmo...

Nessa linha de pensamento, não se conteve. Abriu a boca e falou, suplicante:

– Senhor, por que

choras?

O interpelado não respondeu.

Mas desejando certificar-se de que era ouvido, Eurípedes reiterou:

– Choras pelos descrentes do mundo?

Enlevado, o missionário de Sacramento notou que o Cristo lhe correspondia agora ao olhar. E, após um instante de atenção, respondeu em voz dulcíssima:

– Não, meu filho, não sofro pelos descrentes aos quais devemos amor. Choro por todos os que conhecem o Evangelho, mas não o praticam...

Eurípedes não saberia descrever o que se passou então.

Como se caísse em profunda sombra, ante a dor que a resposta lhe trouxera, desceu, desceu...

E acordou no corpo de carne.

Era madrugada.

Levantou-se e não mais dormiu.

E desde aquele dia, sem comunicar a ninguém a divina revelação que lhe vibrava na consciência, entregou-se aos necessitados e aos doentes, sem repouso sequer de um dia, servindo até à morte.

Alguns fatores sobressaltam claramente das duas mensagens acima, em relação à primeira. A narrativa, em Chico e Waldo, flui solta, leve, imaginativa. Há um sentido de concisão que não fere em nada a beleza do texto, nem o torna endurecido. O diálogo é também imaginativo e fértil nas duas outras mensagens, enquanto na primeira

prima pela ingenuidade.

Leve-se ainda em consideração outro fator: as manifestações de Hilário Silva através de Waldo Vieira e Chico Xavier se caracterizam por peças em que o cotidiano fornece os ingredientes para o autor, que os transforma em mensagens de fundo moral com um fino espírito de otimismo. Não é comum a este Espírito abordagens polêmicas, do tipo “A Volta de Allan Kardec”.

Mesmo quando utiliza, como fez na última mensagem, de um exemplo dado por um nome de expressão como Eurípedes Barsanulfo, mantém-se coerente com sua linha de utilizar os exemplos para ilustrar um ensinamento que deseja passar. Hilário é assim em Waldo e em Chico. É de estranhar, pois, que altere o estilo que adotou e escreva um texto totalmente oposto e pleno de contradições consigo mesmo, revelando um empobrecimento nos diálogos e sabendo, de antemão, que pisaria num terreno movediço, onde as disputas auxiliam em



Waldo Vieira e Chico Xavier fizeram uma parceria mediúnica que proporcionou o aparecimento de diversos livros importantes

demasia a expressão das vaidades humanas. Com um agravante, que nenhum Espírito de escol, até hoje, forneceu: sem nenhuma preocupação com os fatos.

O Hilário Silva que se conhece por Waldo e Chico não oferece nenhum precedente do mesmo teor. Talvez por isso (bem como a pobreza do conteúdo) foi que Jorge Rizzini o classificou como “mistificador”; não Hilário Silva, mas aquele “que se faz passar por ele”. Rizzini é, aliás, incisivo também quanto ao médium e ao teor da mensagem, dizendo que “uma informação de tamanha gravidade, se verdadeira fosse, jamais a Espiritualidade Superior incumbiria um Espírito evoluído, mas de menor expressão, de divulgá-la. E, note-se, através de um médium cujo nome é hoje desconhecido no movimento doutrinário”.

A “revelação” deste Hilário, bombástica, foge de fato das que são comuns a Espíritos sérios e compenetrados de sua missão.

TODOS OS RIOS CAMINHAM PARA O MAR

“NADA, EM SUMA, DESCARTA O RISCO DE QUE ESTEJAMOS ENGANADOS NÃO APENAS EM DETALHES, MAS NO ESSENCIAL, TRANSFORMANDO A TRAMA DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES VIVOS NUMA ESPÉCIE DE DOM CASMURRO SEM CAPITU.”

EDUARDO GIANNETTI

Antes de entrarmos na análise do pensamento de defensores e condenadores da tese de que Allan Kardec está reencarnado como Chico Xavier, tor-

na-se necessário esclarecer o seguinte: todos aqueles que até aqui tornaram público seu pensamento através de matérias na imprensa ou de livros específicos, defendendo a tese, formam um grupo de pessoas comprometidas com a idéia há muitos anos e que começaram juntos bem jovens. A informação é do conhecimento público e foi confirmada pela Dra. Marlene Nobre, na entrevista que fez publicar no jornal que dirige, "Folha Espírita", edição citada. Diz ela: "...muitos dos companheiros de Uberaba e de outras regiões, que conviviam conosco, tomando parte nessas reuniões dos primeiros tempos da CEC (Comunhão Espírita Cristã), tinham certeza de que Chico Xavier era Allan Kardec. Cito alguns deles: Corina Novelino, Maria da Cruz e Heigorina Cunha, de Sacramento; Isabel Bueno, Dora Vilela, Lygia Alonso Andrade, Cleuza e Weimar Muniz de Oliveira, Gabriel, Jarbas Leone Varanda, Eurípedes Tahan Vieira e eu mesma, da turma de Uberaba". Dos que aqui estamos analisando, o único que parece não fazer parte do grupo é Arthur Massena, do Rio de Janeiro. Adelino da Silveira, não citado na entrevista, faz parte também do grupo. Assim como o meio influencia as pessoas, também as pessoas se influenciam dentro de um grupo, seja para o bem seja para o mal, nas boas e nas más idéias.

Esta informação é importante para o nosso estudo, mas é preciso deixar claro que se há no grupo quem interprete os fatos a favor da tese Chico/Kardec, há também os que não os aceitam. A este respeito, as informações mostram que

o assunto sempre foi um divisor de águas entre os colaboradores diretos do médium, os quais poderiam ser reunidos em três subgrupos: os que aceitavam Chico como a reencarnação de Kardec, os que acreditavam ser ele a reencarnação de outras personalidades apontadas e, finalmente, os que não se afinavam com as discussões do assunto, assumindo uma postura prudente. Claro, Chico terá de ser a reencarnação de alguém, isto é fora de dúvida.

Para que se tenha uma idéia razoável de como a questão interessava a muitos do círculo de relacionamento de Chico Xavier e, ao que tudo indica, não interessava ao próprio médium, vejamos os seguintes casos que recolhemos em depoimentos diretos ou na imprensa.

Entre os componentes do grupo, corriam muitas informações contraditórias; uns diziam que Chico era uma personalidade do passado, outros diziam que era outra. Assim, foi tido como a reencarnação de uma das irmãs Baudin, Caroline ou Japhet, conforme depoimento de Antônio César Perri de Carvalho. A relação aí parece clara: um médium ligado a outro. As irmãs Baudin, como se sabe, tiveram participação direta na recepção mediúmica das questões que compõem “O Livro dos Espíritos” e trabalharam com Allan Kardec. Rizzini cita a edição de julho de 1997, do jornal “O Imortal”, onde aparece dito que “na época de Kardec, Chico encontrava-se reencarnado em Paris e teve, como médium, participação decisiva na elaboração da primeira versão de “O Livro dos Espíritos”.

Segundo ainda Perri, corria outra informação: Chico teria dito ser a reencarnação de uma religiosa na França do século XVIII (anterior, portanto, à vida de Allan Kardec). Por outro lado, dizia-se, também, que ele seria a reencarnação da poetisa inglesa Elizabeth Barrett, a qual tivera contato com médiuns, à sua época.

O jornalista e escritor Jorge Rizzini, em depoimento a mim e registrado no meu livro “Uma Janela para Kardec”, afirma que foi testemunha - juntamente com D. Orquídea, esposa do editor Batista Lino, fundador da LAKE-Livraria Allan Kardec Editora, e do parapsicólogo Henrique Rodrigues (este nos confirmou também o fato) - de uma conversa entre Chico Xavier e o professor José Herculano Pires, na qual o médium mineiro teria afirmado ser a reencarnação de Maria, a louca, mãe de D. João VI, rei de Portugal. O mesmo Herculano, contra sua vontade e opinião, era tido, por algumas pessoas como sendo ele a reencarnação de Allan Kardec. Como se vê, a questão parece interminável.

A partir de 1991, os depoimentos relacionando a figura de Chico Xavier com Allan Kardec passaram a surgir na imprensa com mais insistência, através de uma orquestração mais ou menos afinada que teve início com o livro “Kardec Prossegue”, de Adelino da Silveira, editado pelo Francisco Galves, do Centro Espírita União, de São Paulo, o qual, juntamente com sua esposa, Nena, integra o grupo do círculo do médium mineiro. O desdobramento se deu com a mensagem “A Volta de Allan Kardec”, do médium Antônio Baduy Fi-

lho, e, na seqüência, com as entrevistas dadas pela Dra. Marlene Nobre e pelo Dr. Jarbas Leone Varanda.

A LÓGICA DA EMOÇÃO E A EMOÇÃO DA LÓGICA

Como vimos no capítulo II, o Dr. Jarbas afirmou, incisivo, que a mensagem do médium Baduy era uma manifestação do Alto e colocava uma pá de cal na questão. Isto, entretanto, não se confirma, seja pelas várias manifestações contrárias a ela, seja pela análise da referida mensagem. O mesmo argumento serve para as demais opiniões, que colocam aquela mensagem como um documento favorável à tese Chico/Kardec. Na edição do jornal “Folha Espírita”, em que foi publicada a entrevista da Dra. Marlene, a mensagem foi estampada na primeira página, como matéria de fundo, o que demonstra a importância dada a ela também pela equipe do jornal dirigido pela entrevistada. Disse ela na ocasião que recebia a mensagem “com naturalidade (...), um misto de alegria e alívio”.

Ocorreu o mesmo com a revista “Goiás Espírita”, publicando a mensagem na edição em que estampou a entrevista do Dr. Jarbas, entrevista feita, como se viu, pelo presidente da Federação daquele Estado. Este é também um caso típico de adesão à mensagem e às opiniões do entrevistado, não sendo demais assinalar, ainda, que a revista deu à matéria destaque de capa. Weimar é um dos componentes do grupo citado pela Dra.

Marlene, daí o seu interesse no assunto e o amplo apoio às idéias favoráveis à tese Chico/Kardec. Finalmente, podem ser colocados neste rol os integrantes da direção da União Espírita Mineira, em cujo jornal a mensagem do médium Baduy foi publicada pela primeira vez, com certo destaque.

Está claro que todos os que se manifestaram favoravelmente à mensagem “A Volta de Kardec” estavam sob o domínio de uma forte emoção, na razão direta de uma aparente confirmação que ela dava à tese Chico/Kardec. Esqueceram mesmo de uma condição básica apontada pelo Codificador na introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, onde Kardec afirma que “a única garantia segura do ensino dos Espíritos está na concordância das revelações feitas espontaneamente, através de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros e em diversos lugares”.

* * *

Normalmente, quando se tem embasamento seguro para defender uma tese as idéias costumam acompanhar a consistência das informações, mas se isto não acontece corre-se o perigo da cair no ridículo e na ingenuidade. Massena parte de uma premissa certa e tropeça na ingenuidade quando afirma: “Se Kardec voltaria (...), quem teria mais gabarito espiritual, dentre os maiores médiuns do Globo, do que Chico Xavier para ser Allan Kardec?”. Ou seja, Kardec deveria voltar na pele de um médium e este não poderia

ser outro senão Chico. Nada, porém, valida tal argumento e o que mais impressiona é que Massena era presidente de uma sociedade médica, em nome da qual falava. Falhou duplamente: esqueceu-se de que uma sociedade desse nível deveria ser mais criteriosa em seus pareceres e de que não tinha nenhuma base técnica para suas idéias.

A questão Chico/Kardec passou do campo da razão para o da emoção, deixando à mostra a pouca disposição dos defensores da tese de buscar embasamento científico. A Dra. Marlene, que também preside uma sociedade médica, deixa claro que não se importa muito com isso, dizendo que a certeza que tinha de que Chico era Kardec foi adquirida havia 40 anos e era proveniente de “uma experiência pessoal e intransferível”, seguindo Adelino da Silveira no encerramento do seu livro “Kardec Prossegue”, quando disse aos que quisessem saber a razão de sua certeza: “eu me lembro e somente Jesus poderá anular a minha memória”. Marlene teve, portanto, 40 anos para sedimentar a certeza em bases racionais, mas nada fez para isso. Sua entrevista comprova.

A especulação da presidente da AME carregou-lhe o dissabor das opiniões contrárias, opiniões às vezes duras, como ocorreu no artigo publicado no “Jornal Espírita” pelo Dr. Ary Lex, fundador e ex-presidente da AME. Primeiramente, anota ele o seu espanto: “Para surpresa de todo o meio espírita paulista, vem a brilhante escritora Dra. Marlene Rossi Severino Nobre declarar que Francisco Cândido Xavier é a reencarnação de Allan

Kardec”. A seguir, diz, enfático: “A autora usa afirmações que não pode provar, permanece no campo das expressões emocionais e, para desapontamento nosso, faz sua autopromoção de ponta a ponta”.

A autopromoção, pelo que se pode depreender, está ligada diretamente a uma espécie de endeusamento que fazem do médium Chico Xavier muitos dos seus admiradores. Herculano Pires diria, conforme seu livro “Na Hora do Testemunho”, com muita ênfase: “Os que pretendem apresentar um médium como Chico Xavier, aos olhos do povo, como uma espécie de semideus, perturbam a própria missão do médium, que sempre se esforçou para mostrar-se como um simples homem, sujeito às deficiências humanas. A autenticidade de Chico Xavier e de sua mediunidade ressaltam de suas constantes declarações públicas, sempre marcadas por uma consciência nítida, jamais disfarçada, de sua fragilidade humana”. Ele mesmo concluiria: “No fundo, os endeusadores do médium nada mais fazem do que endeusar-se a si mesmos. É a tendência natural da criatura humana de querer engrandecer-se à custa da grandeza alheia: do mestre, do chefe, do sacerdote, do pastor ou do médium”.²²

Herculano foi, a seu tempo, um severo crítico do comportamento liberal irresponsável dentro do movimento espírita. Em diversas ocasiões, levantou-se para defender o respeito aos textos da Codificação e os procedimentos compatíveis com o espírito da doutrina. Foi, assim, uma pena respeitada; todos sabiam que ele estava sempre a

postos, numa prontidão senão intimidativa, pelo menos preocupante. Após sua desencarnação, coincidentemente ou não, ocorreram fatos que não ficariam sem sua intervenção se ainda estivesse no corpo físico, como traduções de obras de Kardec com supressão de textos e alteração de sentido de pensamentos. Inclua-se aí a tese Chico/Kardec. Aqueles que estão envolvidos com esses fatos - não todos, é óbvio, mas boa parte - foram ou são contemporâneos de Herculano Pires. Não foi sem razão que alguns daqueles que o criticavam sentiram-se mais livres com sua partida para o mundo espiritual. Podiam, agora, expressar-se sem preocupação.

* * *

Nas palavras do Dr. Ary está implícita toda a sua insatisfação com a ausência de critérios científicos no pronunciamento de sua colega de profissão, especialmente porque ocupa ela um cargo que, a rigor, exigiria uma postura mais concernente com os objetivos da instituição. Mas, aos olhos do crítico agravou-se a situação ante o desejo da Dra. Marlene, embutido nas entrelinhas, de se autopromover com a publicação da entrevista. O Dr. Ary não poupou sequer a forma como a matéria foi apresentada no jornal: “Esse artigo – diz ele – ela o publica como se fosse uma entrevista dada a Conrado Gonçalves Dantas, que ninguém conhecia como jornalista, pois é funcionário da Dra. Marlene, incumbido da composição gráfica do seu jornal, a *Folha Espírita*”.

Ao especular em torno da tese da reencarnação de Allan Kardec como Chico Xavier, a Dra. Marlene eximiu-se do dever de examinar com atenção, averiguar minuciosamente, como seria de se esperar de alguém com sua responsabilidade pública. Ela especulou no sentido mais criticável, ou seja, valendo-se “de certa posição, de circunstância, de qualquer coisa para auferir vantagens”, conforme anotam nossos melhores dicionários. É o que se depreende das colocações feitas pelo médico Ary Lex e das declarações da presidente da AME, como se pode ver.

Essa ambigüidade curiosa tem desafiado as inteligências mais destacadas. Como médica e presidente da AME, Marlene Nobre sabe que está comprometida com a busca da evidência nos fatos, mas como crente da reencarnação de Kardec como Chico Xavier, opta pelo caminho das afirmações sem provas. Vai em sentido contrário até mesmo às observações de seu marido, o ex-deputado Freitas Nobre, que no prefácio do livro “A Reencarnação no Brasil” afirma: “Mesmo quando todas as evidências saltam, revelando um quadro real e reforçando hipóteses já estudadas, o pesquisador exigente, o cientista rigoroso não assume o risco de afirmar: *esta é a verdade*”. O livro é de autoria de Hernani Guimarães Andrade, articulista permanente do jornal “Folha Espírita” que Marlene dirige, onde mantém uma seção voltada exatamente para assuntos científicos.

Aliás, no prefácio de outro livro do mesmo autor - “Renasceu por Amor”, editado pela “Fé” - a própria Dra. Marlene reconhece a importância da

pesquisa feita com método ao afirmar: “Pesquisadores criteriosos da reencarnação, como Ian Stevenson e Hernani Guimarães Andrade, têm enorme contribuição a dar para a mudança do paradigma materialista em que a ciência se fundamenta”. Portanto, as posições divergentes que assume, de um lado destacando o valor da pesquisa em reencarnação e, de outro, apresentando a tese Chico/Kardec sem provas, evidencia a ambigüidade.

* * *

Puxando pela memória, ela se lembrou de uma noite do distante ano de 1959, quando estava em trabalho de atendimento público com Chico Xavier. Ao virar-se para atender seu chamado, diz: “Não o vi. Era Allan Kardec que eu via”. Chamou-o de professor, utilizando-se de palavras das quais não tinha certeza: “Se não disse isso, foi algo assim”. É o caso de perguntar: não estaria vendo apenas o que queria ver? Não se contentando com o que “viu”, busca reforço num fato que teria acontecido em 1976, ocasião em que Toulouse Lautrec, por intermédio do médium Luís Antônio Gasparetto, teria agradecido a Chico, dizendo: “Merci, Allan”. É coincidência demais para alguém que há 40 anos tem certeza do incerto. E a certeza é tamanha que dispensa provas mais consistentes, mesmo que a interessada seja presidente de uma instituição da área científica.

Adelino da Silveira, no caso, tem a atenuante de ser um simples admirador do médium minei-

ro, o que dá às suas opiniões uma responsabilidade menor do que à da presidente da AME. Essa condição fica, também, esclarecida pelo próprio Adelino, que se declara, no livro referido, um “chiquista”, ou seja, um seguidor incondicional de Chico Xavier e deveras ligado a ele por laços emotivos muito fortes. Diz ele: “Cristão, kardecista e chiquista. É o que tento ser todos os dias de minha vida, com a graça de Deus”. Não é relevante a constatação nesta declaração de uma dose de ironia e desabafo, que deve ser creditada a essa profunda ligação emocional existente. Mas é importante saber que o aspecto emotivo funciona como anestesiante da razão quando se trata de efetuar julgamentos.

O Dr. Ary Lex reconhece que a presidente da AME “usa afirmações que não pode provar, permanece no campo das expressões emocionais e, para desapontamento nosso, faz sua autopromoção de ponta a ponta”. Segue ela, portanto, os passos do seu colega Arthur Massena, da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

A linha de raciocínio para sustentação da tese Chico/Kardec apresenta, por parte dos seus diferentes defensores, argumentos semelhantes e, portanto, eivados do mesmo vício. Tomemos de volta Arthur Massena, quando diz: “Se a obra de Allan Kardec, no século passado, o Espiritismo, é algo monumental, não voltaria ele, evidentemente, para realizar, no século atual missão de proporções discretas, próprias de Espírito de menor evolução, mas outra que com ela pelo menos

ombreasse, e a obra de Chico Xavier, de evangelização mundial, em proporções ciclópicas, é a única que pode com ela emparelhar”. O Dr. Jarbas Varanda se junta aí, ao dizer: “A obra mediúnica de Chico Xavier é Jesus e Kardec de ponta a ponta”. Seria necessário perguntar o que Massena entende “missão de proporções discretas” e se não haveria



*O médium, aos 72
anos de idade,
psicografando
mensagens*

outra atividade missionária na qual Espíritos como o de Kardec pudessem prosseguir seu trabalho? Por que deveria ser como médium e na pele de Chico Xavier? Varanda deveria, também, responder se o fato de Chico Xavier ser “Kardec de ponta a ponta” é indicativo seguro para comprovar que é ele a reencação do Codificador. Ou será que Léon Denis, Herculano Pires e Deolindo Amorim, para citar apenas estes, não são?

NA BERLINDA, CHICO NADA CONFIRMA

Curiosamente, Adelino da Silveira e outros defensores da tese Chico/Kardec, ao que tudo indica, buscaram constantemente formas de envere-

dar o médium mineiro para o caminho da confirmação de que seria ele a reencarnação do Codificador. A Dra. Marlene demonstra quando diz: “Em nossa convivência mais íntima, porém, no período das atividades iniciais da CEC, tivemos muitas respostas veladas”. Ou seja, o médium estaria sugerindo que era o Codificador reencarnado.

Um dos mais entusiastas admiradores de Chico Xavier, R.A. Ranieri, em seu livro “Chico Xavier, o Santo dos Nossos Dias”, declara com honestidade: “Nunca ouvimos o Chico dizer que ele era Allan Kardec e nem ouvimos dizer que ele afirmasse isso”. Jorge Rizzini, com base em suas observações e experiências, diz o mesmo: “Chico Xavier, ao longo de sua vida, jamais proclamou ser Allan Kardec reencarnado. Interrogado, sempre negou...”.

Quando Adelino pergunta a Chico se “Kardec reencarnou realmente no início do século” está, com certeza, fazendo a tentativa de obter uma resposta positiva. O raciocínio de Kardec sobre a possibilidade de voltar ao corpo físico é uma conjectura sobre vir em fins do século XIX ou princípio do século XX. Como Adelino parte do princípio de que Chico é Kardec, esquece parte da conjectura e define que Kardec reencarnou no princípio do século.

Chico poderia responder de duas maneiras: confirmando a sua volta nos termos da interpelação feita, ou não. É de se crer que Adelino ansiasse por uma resposta afirmativa, para resolver de vez seu dilema e, aí sim, por uma pá de cal na

questão. Se Chico dissesse que Kardec havia voltado no início do século soaria como uma confirmação de que ele próprio era Kardec (pois reencarnara em 1910) e Adelino ficaria livre para proclamar a sua crença, utilizando-se do próprio médium como a fonte da confirmação da tese. Afinal, era consenso entre seus pares que ninguém, jamais, em parte alguma do mundo, reunia então tantas qualidades para ser a reencarnação de Kardec. (Estranhamente, não percebiam que era também quem mais reunia atributos contrários à tese.)

Tudo o que Chico dissesse nessa direção traria, ainda, a chancela de Emmanuel, seu guia espiritual, uma vez que as duas personalidades, Chico e Emmanuel, se confundem ao longo de todo o trabalho mediúnico desenvolvido pelo médium mineiro nos últimos setenta anos. Essa espécie de fusão de duas personalidades tem levado a que se imagine que tudo o que Chico diz expressa o que Emmanuel pensa, de tal maneira que nunca o Chico pensa e decide sozinho coisa alguma. Funciona também como se Chico tivesse Emmanuel sempre a tiracolo, podendo sacá-lo para resolver seus problemas ou atender as vontades dos consulentes a qualquer momento. Forma-se um paradoxo curioso: ora é Chico que domina Emmanuel, mais adiante dá-se o inverso, é Emmanuel o dominador de Chico. Sabe-se, porém, pela experiência, que o processo de dominação costuma envolver personalidades de conduta moral reprovável, seja entre nós, encarnados, seja no mundo dos Espíritos.

Tudo isso se completa no fato de Emmanuel ser visto como um Espírito Superior que, portanto, tudo sabe e tudo pode. Os discípulos do Chico dirão, ainda, que de um Espírito Superior como Chico, somente outro Espírito Superior poderia ser guia. Estes excessos são compreensíveis, mas põem por terra o bom senso quando estabelecem parâmetros discutíveis para definir quem é Espírito Superior.

O Dr. Jarbas Varanda é, nesse ponto, enfático, dizendo que “Chico Xavier é um Espírito Superior, ninguém pode duvidar, pois sua vida e seus exemplos demonstram à sociedade sua condição de superioridade ao meio em que vive”. Uma coisa é ser superior ao meio em que se vive e outra, bem diferente, é poder afirmar que este ou aquele é um Espírito Superior, especialmente porque essa condição deverá levar em consideração os valores utilizados por Kardec na escala espírita. O jogo de palavras aí é um fator complicador.

A Dra. Marlene Nobre também se utiliza da postura responsável de Chico ante o assunto para reforçar sua convicção. Diz ela: “Chico sempre foi muito discreto. Aos que lhe perguntavam sobre suas vidas anteriores, afirmava ser “cisco” e nada saber sobre o assunto”, confirmando o que dissemos, ou seja, os partidários da tese Chico/Kardec sempre procuraram ocasião para obter do médium pareceres favoráveis sobre o assunto. A presidente da AME, entre espantada e feliz, ainda aduz: “Não é curioso que, sendo a antena psíquica mais apurada do mundo, Emmanuel não nos dê notícias de Allan Kardec, por seu intermê-

dio?”

Como se viu, a resposta do Chico não confirmou a vinda de Kardec “no início do século”. Afinal, Chico não tomaria uma posição cabotina, contrária a tudo o que vem fazendo e pregando pela vida afora. Assim, Adelino e seus pares se valem desse fato para alardear que este é mais um fator favorável à classificação do médium como Espírito Superior o que, em última análise, é também ponto positivo para os defensores da tese Chico/Kardec. Mais adiante se verá o contrário. Na resposta do médium estaria subentendido que Emmanuel não fala que Chico é Kardec por razões íntimas, porém, se algum dia falou a Chico sobre isso, confirmou ser ele Kardec, mas ordenou que não revelasse absolutamente nada. Assim, tudo o que acontece vale para referendar a tese, segundo o raciocínio que serve aos interesses do grupo em que Adelino está situado.

Uma prova disso são os argumentos utilizados por Adelino em seu livro, especificamente nas páginas 122 e 123, quando relaciona 13 itens sobre Kardec e os compara com Chico Xavier, com finalidades óbvias. Vejamos o texto (os grifos são meus):

“Allan Kardec foi sepultado no dia 2 de abril.

Chico Xavier nasce no dia 2 de abril.

Kardec codificou o espiritismo.

Chico Xavier explica-nos a Codificação.

Kardec pesquisou o fenômeno.

Chico Xavier traz o fenômeno até o povo.

Kardec consolou milhares de pessoas.

Chico Xavier estende a consolação a milhões.

Kardec trouxe Jesus de volta.

Chico Xavier nos ensina a estarmos com ele.

Kardec reacendeu a lâmpada da fé.

Chico Xavier ilumina os nossos caminhos.

Kardec disse que a fé pode encarar a razão.

Chico Xavier alia a fé à razão.

Kardec afirmou que fora da caridade não há salvação.

Chico Xavier vive a caridade em sua plenitude.

Kardec explicou-nos a lógica da reencarnação.

Chico Xavier prova-nos a reencarnação.

Kardec elucidou as manifestações dos Espíritos.

Chico Xavier recebe milhares de Espíritos.

Kardec foi considerado o bom senso encarnado.

Chico Xavier é o discernimento em pessoa.

Kardec veio para pesquisar.

Chico Xavier veio para demonstrar.

Kardec é o começo.

Chico Xavier é o complemento.”

Com base nestas observações, Adelino conclui, depois de citar a frase de Jesus dizendo “que Elias já veio e não o conheceram”: “Para mim, também Kardec já veio e não o conheceram”. Erasto de

Carvalho Prestes, que entendeu ser seu pai a reencarnação de Kardec, também diria a mesma coisa. O leitor poderá fazer sua análise das comparações acima e observar que vários pontos dela poderiam ser discutidos, o que não faremos aqui por não julgar importante, já que se trata de opiniões pessoais apresentadas por alguém que deseja apenas validar idéias com as quais está comprometido.

Há que registrar, contudo, a postura muito forte do Sr. Antônio Corrêa de Paiva no livro de refutação ao do Sr. Adelino da Silveira, acusando-o de plágio. No que tem razão, como o leitor verá. Está em discussão a mensagem “O Mestre e o Apóstolo”, de Emmanuel, ditada através de Chico. Ei-la:

Jesus, o Mestre.

Kardec, o Professor.

Jesus refere-se a Deus, junto da fé sem obras.

Kardec fala de Deus, rente às obras sem fé.

Jesus é combatido, desde a primeira hora do Evangelho, pelos que se acomodam na sombra.

Kardec é impugnado desde o primeiro dia do Espiritismo pelos que fogem da luz.

Jesus caminha sem convenções.

Kardec age sem preconceitos.

Jesus exige coragem de atitudes.

Kardec reclama independência mental.

Jesus convida ao amor.

Kardec impele à caridade.

Jesus consola a multidão.
Kardec esclarece o povo.
Jesus acorda o sentimento.
Kardec desperta a razão.
Jesus constrói.
Kardec consolida.
Jesus revela.
Kardec descortina.
Jesus propõe.
Kardec expõe.
Jesus lança as bases do Cristianismo entre fenômenos mediúnicos.
Kardec recebe os princípios da Doutrina Espírita, através da mediunidade.
Jesus afirma que é preciso nascer de novo.
Kardec explica a reencarnação.
Jesus reporta-se a outras moradas.
Kardec menciona outros mundos.
Jesus espera que a verdade emancipe os homens; ensina que a justiça atribui a cada um pelas próprias obras e anuncia que o Criador será adorado, na Terra, em espírito.
Kardec esculpe na consciência as leis do Universo.
Em suma, diante do nosso acesso aos mais altos valores da vida, Jesus e Kardec estão perfeitamente conjugados pela Sabedoria Divina.

Jesus, a porta.
Kardec, a chave.

Após mostrar essa mensagem de Emmanuel, que teve ampla repercussão nos meios espíritas do Brasil, o Sr. Antônio aduz: “é oportuno já dei-

zar, aqui, esclarecido que, com estes conceitos de Emmanuel, referentes a Jesus e Kardec, fica refutado, pelo próprio Emmanuel, o plágio malfeito, sem sentido, distorcido, absolutamente inconseqüente, com que o Sr. Adelino da Silveira forçou a deturpação da personalidade impoluta de Allan Kardec, assim como desvalorizou o mais grandioso trabalho já realizado, em todos os tempos, pelo progresso da humanidade”.²³ Tem o Sr. Antônio razão? É o que parece.

DE PRECES E OUTROS ARGUMENTOS INCONSISTENTES

Maria Pena Xavier, irmã do médium Chico Xavier, sofria de terrível obsessão. De família católica, ela e seus familiares nunca haviam lido qualquer obra de Kardec, e o próprio Chico, muito moço, não tinha conhecido a doutrina na época. Conversando sobre o assunto com a Dra. Marlene, segundo as palavras desta, o médium mineiro lhe teria revelado que o Espírito obsessor da irmã falava: “Eu odeio a família de Allan Kardec”.

Este detalhe chama a atenção da médica, especialmente porque ninguém na família era espírita ainda e o fato só poderia significar que o Espírito estava se referindo à figura de Allan Kardec presente na pessoa de Chico Xavier. E mais: que não só Chico era Kardec, mas, também, que a família toda estava ligada ao Codificador. Daí, conclui: “Tudo indica que esse Espírito acompanhava a vida da família havia muito tempo”.

Não lhe ocorreu que o obsessor só poderia ser um Espírito inferior e que, sendo inferior, teria poucas condições de obter tal informação; sequer imaginou que, ao perturbar a vida de um membro da suposta família de Allan Kardec revelava, *ipso facto*, o grau de comprometimento dos familiares e, portanto, do próprio Codificador, retirando-lhe a condição de Espírito Superior. Também não cogitou ela que, em sendo verdadeira a afirmação do Espírito obsessor, poderia estar se referindo à própria assistência dada por espíritas à irmã do Chico, o que, por si só, colocava os espíritas na condição de membros da família de Allan Kardec. Não, evidentemente, da família carnal, mas da numerosa família formada pelos adeptos da Doutrina Espírita, que então se espalhavam por diversas regiões do Brasil praticando os princípios doutrinários e exercendo atividades em favor dos necessitados. Ninguém, em sã consciência, negará a existência deste agrupamento de pessoas em torno de um ideal e que, por isso mesmo, pode ser classificado como a família de Allan Kardec.

Entretanto, se a referência do Espírito obsessor não é argumento suficiente para validar a tese, a Dra. Marlene tem outros na algibeira, para uso que imagina eficiente. Em suas andanças e nas atividades espíritas que desenvolve, notou que muitos Espíritos são requisitados nas preces, como intermediários da Espiritualidade Maior, mas ninguém, jamais, solicitou de Allan Kardec tal procedimento. Eis, então, que afirma: “Não tenho visto ninguém (...) fazendo preces direta-

mente a Allan Kardec”. É de se acreditar em sua sinceridade, mas é, também, preciso dizer que se observar melhor há de encontrar em diversos locais essa solicitação. Como não assistiu a nenhuma cena desse tipo, acredita que não exista ninguém fazendo preces a Kardec porque inconscientemente, todos sabemos “que Kardec está reencarnado”. A isto, o Dr. Ary Lex classifica de “argumento infantil”.

Prosseguindo, a Dra. Marlene cita que o Chico lhe revelara detalhes e frases inteiras de possíveis correspondências que Kardec mantivera com George Sand, escritora francesa, dizendo que Canuto de Abreu, que conseguira colecionar muitos documentos de Kardec, “não sabia da existência” dessas correspondências. Portanto, se os documentos existiram um dia, estavam agora perdidos. Ora, como Chico sabia disso, ou, como pergunta a médica, “de onde tirava tudo isso?”, dando a entender que, se sabia, sabia por si mesmo porque era ele próprio Allan Kardec. Vemos, portanto, que entre todas as virtudes de Chico Xavier, tem ele uma a mais: a de se lembrar da vida anterior e com tal requinte de detalhes que faria a alegria dos investigadores da reencarnação, como, por exemplo, o Dr. Hernani Guimarães Andrade, colunista do próprio jornal dirigido pela presidente da AME. Não consta, porém, que Hernani e qualquer outro tenha dirigido pesquisas sobre o médium mineiro, direcionadas para sua reencarnação, o que é uma pena neste caso. É interessante, também, anotar o seguinte: ao mesmo tempo que se atribui a maioria das coisas

que Chico diz aos Espíritos, se quer utilizar supostas declarações suas como prova de que é Allan Kardec, sem nenhum espírito científico.

É preciso esclarecer que não coloco em discussão a credibilidade de Chico Xavier. Portanto, o fato de ter ou não dito o que a Dra. Marlene lhe atribui é uma questão de menor importância. Mesmo porque, para tratar disso seria preciso verificar, também, a qualidade das memórias da presidente da AME. Não se pode, todavia, ficar apenas nas argumentações verbais. No caso da escritora George Sand, sabe-se, pelo menos, de uma carta que lhe endereçara Allan Kardec, conforme transcrição feita no segundo volume da obra “Allan Kardec”, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, página 17. Encimando a transcrição, aparece a foto de George Sand e a seguinte legenda: “Carta de Allan Kardec à célebre escritora francesa George Sand, “la bonne dame de Nohant”, carta extraída do artigo de Suzanne Misset-Hopès – “George Sand, spiritualiste”, publicado em “La Tribune Psychique”, de Paris, 4º trimestre, 1976”. Datada de 20 de maio de 1857, um mês, portanto, após o lançamento de “O Livro dos Espíritos”, com ela Kardec encaminha um exemplar da obra à escritora, observando ser importante conhecer a sua opinião acerca do livro e de seu conteúdo.

Rizzini, porém, tem mais informações a respeito, colocando em cheque as palavras da Dra. Marlene. Reproduz ele uma declaração da médica, dizendo: “Ficamos sabendo (através de Chico) que em uma de suas cartas George Sand disse a Allan Kardec que ela e Chopin viviam como duas

freiras e mais, que ela havia se tornado espírita, mas preferia manter-se em silêncio, para não prejudicar o desenvolvimento da doutrina iniciante” etc. Rizzini faz o seguinte questionamento: “Teria Chico Xavier, realmente, cometido dois equívocos em tão curto parágrafo? O primeiro aqui está. O genial Chopin e sua bela amante George Sand (pseudônimo da célebre escritora francesa baronesa Dudevant) não viviam como freiras. Ao contrário. Chopin, não obstante moço franzino e tuberculoso, jamais foi, sexualmente, abstinente. (...) Chopin e Sand só deixaram de ter relações íntimas quando ela regressou a Paris, abandonando o compositor em uma das ilhas espanholas. O fato é histórico”.

Sand espírita

Sobre o segundo equívoco referente ao silêncio de Sand sobre suas convicções espíritas, diz Rizzini: “Essa notável mulher jamais ocultou sua conversão ao Espiritismo. O mundo inteiro sabia”. E Rizzini relaciona fatos a esse respeito, inclusive correspondência trocada entre Sand e Victor Hugo sobre o assunto, sendo que Hugo era declaradamente espírita.

Conforme se pode constatar, as conclusões da Dra. Marlene aparecem, sempre, de forma precipitada, sem nenhum cuidado de ordem documental. É o que se pode ver, também, no seguinte caso. Baseando-se, ainda uma vez, nas informações que Chico lhe teria passado e na sua capacidade de recordar fatos ocorridos há muitos anos, já que, apesar da importância do assunto não tivera o cuidado de fazer as devidas anotações, refere-se ela a uma festividade que teria acontecido

no plano espiritual, em comemoração ao centenário de lançamento de “O Livro dos Espíritos”. Na ocasião, “todos os trabalhadores do Brasil e de outros países foram festejar, em um Grande Encontro. (...) O médium falou da comoção de toda a assembléia com a comemoração. Diante do relato, eu quis saber quem presidira tão importante conclave. Chico respondeu-me simplesmente: “Léon Denis presidiu a reunião”. Por que Denis, e não Kardec, se indaga Marlene. Mas, refeita do impacto da notícia, logo se recorda que quem lhe estava dando a informação era o próprio Kardec reencarnado. Com isso, conclui: “Mais um indicativo de que Kardec está reencarnado, se não estivesse, evidentemente, a direção do conclave seria dele”. E somou essa “prova” ao seu já extenso acervo de recordações. Por oportuno: se todos os trabalhadores do Brasil e de outros países foram participar, sob a responsabilidade de quem permaneceram os trabalhos e compromissos deles aqui na Terra enquanto lá estavam? Essas coisas ilógicas perturbam tanto quanto as idéias estapafúrdias.

TERIA SIDO UMA FARSA O CASAMENTO DE KARDEC?

Continuemos com as colocações da Dra. Marlene. Em documento que o Dr. Canuto de Abreu lhe teria mostrado estava escrito do próprio punho de Kardec “mais ou menos o seguinte: depois que Zéfiro me contou que eu fui Platão é que pude compreender melhor a minha missão”. Veja

bem, a médica não se lembra perfeitamente dos dizeres da carta, mas utiliza a informação como fato favorável às suas convicções. Mais tarde, atendendo a um pedido de Chico, ela levou-o à casa do Dr. Canuto, onde trocaram idéias e gentilezas por um bom tempo, mas, por estranho que pareça, o importante documento não foi mostrado ao médium. Ainda lá, a Dra. Marlene se perguntou mentalmente: “Se Platão não se casou, se Chico não se casou, por que teria Allan Kardec se casado?”. Ou seja, admitiu que Kardec fora mesmo Platão, era agora Chico e permitiu-se ilações coincidentes.

Numa ocasião posterior, ao reencontrar-se com o médium, este ter-lhe-ia dito de forma espontânea e inesperada: “Allan Kardec não foi casado, de fato, com Amélie Boudet. Houve um acordo tácito entre os dois: Amélie, mais velha que ele nove anos, cuidaria de todos os afazeres domésticos e administrativos, enquanto ele ficaria inteiramente livre para trabalhar pela doutrina”.

Foi tal a indignação do Dr. Ary Lex ao tomar ciência da afirmação da Dra. Marlene que exclamou: “Esta invenção não merece qualquer comentário”. Mas, Nazareno Tourinho foi mais longe e classificou a afirmação de “mirabolante e eticamente condenável”. E disse: “basta lembrarmos um pormenor (aliás, *pormaior...*) esquecido pela Dra. Marlene ou pelo Chico, ou por ambos: o homem que adotou no fim da vida o pseudônimo de Allan Kardec casou legalmente com Amélie-Gabrielle Boudet no dia 6 de fevereiro de 1832, vinte e cinco anos antes do surgimento da Dou-

trina Espírita”. A data do casamento é confirmada pelos biógrafos de Kardec.

Nazareno apresenta, ainda, uma observação seguida de um questionamento que não pode ser deixado de lado, pela lógica do seu raciocínio. Diz ele que “Marlene Nobre nos revela, ou pretende nos revelar em sua entrevista, não somente que Francisco Cândido Xavier é Allan Kardec, mas ainda que Allan Kardec foi Platão”. Diante disso, indaga: “como ela explica o fato de que a mais importante mensagem de “O Livro dos Espíritos” (vide o capítulo Prolegômenos) foi assinada também por Platão, se o próprio Kardec era Platão?” Surge daí uma trama curiosa, possivelmente explicada da seguinte forma pelos partidários do Chico/Kardec: ora, ora, em estado de vigília ele assinava como Kardec (ou Rivail), mas durante o sono podia ser Platão (e assinar como Platão). E eu acrescento: e assassinar o bom senso!

Rizzini entra também aí, classificando a afirmação de “historieta das arábias posta por Mar-



*Amélie-Gabrielle Boudet,
que se casou com Allan
Kardec em 1832, época
em que ele ainda não
sabia que um dia faria
a obra espírita*

lene na boca de Chico”. Raciocina ele com base nos dados historicamente comprovados referentes ao casamento de Kardec com Amélie em 1832, acrescentando: o “fato de o casal não haver procriado não significa que Kardec e Amélie dormissem em quartos separados. A vida sexual é natural e faz bem à saúde”. E porque é importante reunir todos os argumentos possíveis para compreender a situação, Rizzini afirma: “Só os que guardam no inconsciente saudade dos velhos conventos medievais é que sentem repugnância pelo sexo, consideram-no “imundície”, “pecado”...”.

A respeito da afirmação sobre o “passado platônico” de Kardec (Nazareno bem lembrou a assinatura do filósofo grego nos Prolegômenos), Rizzini aponta outro detalhe que a isto se soma. Diz: “na obra básica inseriu Allan Kardec na questão 1.009, sobre a “Duração das penas futuras” uma mensagem enviada por Platão. Ora, se Kardec era a reencarnação de Platão, logo a referida mensagem não é mediúnica... E não sendo mediúnica, é mistificação. Na verdade, Platão é uma individualidade e Kardec é outra. E Chico Xavier, outra ainda”.

O fato lembrado por Rizzini é bastante grave. Se a assinatura de Platão nos Prolegômenos pode deixar alguma dúvida, a questão 1.009 derruba-a totalmente. Para se ter uma idéia de sua magnitude, vejamos o seguinte: trata-se de uma pergunta feita por Kardec aos Espíritos, assim formulada: “Segundo isso, as penas impostas jamais seriam eternas?” A resposta é longa, ocupa mais de três páginas e, fato curioso, metade dela é de

Platão e a outra metade de Paulo de Tarso, duas personalidades históricas. A resposta de Platão é direta, feita ao interlocutor, não deixando margem à dúvida sobre se falava com Kardec ou não. Como se pode observar em sua formulação: “Consultai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai se uma condenação perpétua, em consequência de alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus (...)”. Lembre-se, ainda, que a figura de Platão é expressiva na doutrina espírita, estando colocada por Kardec como um precursor dela. Assim, quando a ela Kardec se refere, fala do filósofo grego que nos deu a conhecer Sócrates e não de qualquer outro. Foi este mesmo Platão que assinou os Prolegômenos e parte da resposta da questão 1.009. É, também, a este Platão que se refere a Dra. Marlene quando pretende ligá-lo a Kardec.

Fica-se, portanto, diante de um novo impasse: ou Kardec não foi Platão ou, se foi - o que precisaria ser provado - atestou a autoria de uma mensagem que não era de Platão. O impasse na verdade não existe; é apenas aparente. Por uma simples questão de lógica, à qual já nos referimos acima: Kardec, como Codificador, contou com a participação de Platão na elaboração da doutrina. Isso é indubitável. Rizzini, pois, está certo ao enfatizar que Kardec é uma personalidade e Platão outra.

* * *

Entrando na discussão, assinala Herculanopires, conforme seu livro “Na Hora do Testemunho”: “Chico Xavier é um homem, um médium, com missão mediúnica específica, e não um líder, um dirigente, um oráculo grego. Compreendamos isso e procuremos poupá-lo, para que ele possa concluir sua missão em paz”.²⁴ Não se trata de uma resposta direta

à Marlene; o “oráculo grego” no texto de Herculanopires é apenas ocasional. Ocasional? Bem, continuemos.

O escritor e dramaturgo paraense Nazareno Tourinho vai além. A hipótese que “transforma em farsa o casamento de Allan Kardec, como se uma vida conjugal desqualificasse um homem ou uma mulher para exercer elevada missão espiritualizante neste mundo” – afirma, não pode



Tendo sido amigo de Chico Xavier, Herculanopires dividiu com o médium a autoria de livros e saiu em sua defesa em 1972, quando Massena declarou, pela primeira vez, que acreditava ser Chico a reencarnação de Kardec

ser vista com bons olhos. E, referindo-se ainda ao filósofo grego, diz: “Platão não casou, mas Sócrates, maior que ele, pois foi seu mestre, teve esposa”.

De fato, é absolutamente impossível dar crédito às afirmações da Dra. Marlene. Senão porque lhe faltam provas, também porque jamais houve quem quer que seja que fizesse qualquer alusão a um acontecimento dessa natureza. As exaustivas pesquisas dos biógrafos de Kardec mostram exatamente o contrário.

André Moreil, já citado, assim se refere ao casal que viveu uma união de trinta e sete anos: “No mundo da literatura e do professorado que freqüentava em Paris – escreve Henri Sausse – Rivail encontrou a senhorita Amélie Boudet, professora com diploma de primeira classe. Pequena, muito bem-feita de corpo, gentil e graciosa, filha única de pais ricos, inteligente e viva, seus sorrisos e seus dotes atraíram Rivail. Percebeu a jovem que as maneiras finas, a grande dignidade, o espírito amável, franco e comunicativo de Rivail encobriam um pensador sábio e profundo”.²⁵

Moreil não deixa de anotar o seguinte: “Esse retrato lisonjeiro é destinado a fazer esquecer que a esposa tinha nove anos mais que Rivail. O estado civil de Amélie-Gabrielle Boudet revela que era filha de Julien Luis Boudet, proprietário e antigo tabelião e de Julie Louise Seigneat de Lacombe, tendo nascido em Thiais, no departamento do Sena, em “2 de frimário do ano IV”, isto é, em 23 de novembro de 1795”. A seguir, informa sobre o

casamento: “O contrato de matrimônio foi assinado em 6 de fevereiro de 1832 e o jovem par instalou-se no Instituto Técnico, Rua de Sèvres, 35”.²⁶

Completando suas anotações, Moreil informa que “tudo ignoramos da vida conjugal do casal, mas podemos supor que os dois esposos se entendiam muito bem, pois colaboraram harmoniosamente. Amélie ajudou o marido, tanto na fase da sua atividade pedagógica quanto no período da fundação do espiritismo científico”.²⁷

Apesar desta dificuldade em se obter informações sobre a vida privada do casal Rivail, que vale tanto para Amélie quanto para Kardec (se é que isto é relevante para o assunto em questão), todas as informações existentes revelam ter sido ela uma mulher de caráter, com excelente formação intelectual e moral. Tendo nascido nove anos antes do marido, sobreviveu à sua morte por mais catorze anos, cuidando com zelo e energia do patrimônio doutrinário.

Em “Allan Kardec”, Wantuil e Thiesen fazem a seguinte observação: “Revela-nos o Dr. Canuto Abreu – cujas pesquisas espíritas em Paris, principalmente nos anos de 1921 e 22, levaram-no a uma série de documentos – que a senhorinha Amélie também fora professora de Letras e Belas Artes, trazendo de encarnações passadas a tendência inata, por assim dizer, para a poesia e o desenho. Culta e inteligente, chegou a dar à luz três obras, assim nomeadas: “Contos Primaveris”, 1825; “Noções de Desenho”, 1826; “O Essencial em Belas Artes”, 1828”.²⁸

Os autores de “Allan Kardec” concluem suas observações sobre o casal com a seguinte nota: “Ela tinha nove anos a mais do que ele, mas tal era a sua jovialidade física e espiritual, que a olhos vistos aparentava a mesma idade do marido. Jamais essa diferença constituiu entrave à felicidade de ambos. É curioso lembrar que Pestalozzi igualmente se consorciara com uma mulher de boa situação financeira e sete anos mais idosa que ele. Até nisto o discípulo quis seguir o mestre? Ou foi apenas coincidência?”²⁹

Seria um absurdo sem igual imaginar que duas figuras da mais alta reputação, como Kardec e sua esposa, pudessem estabelecer um “acordo tácito”, referendando uma farsa matrimonial, mesmo que a título de uma causa importante. Por outro lado, como lembrou Nazareno Tourinho, o casamento se deu em 1832, quando ambos eram professores e estavam voltados para o magistério, sem nenhuma previsão do que viria a acontecer vinte e dois anos depois. Não se poderia falar, no distante ano do casamento, em doutrina espírita e em missão a ela relativa, nem mesmo que o então Rivail tivesse alguma noção do que viria a fazer a partir da segunda metade do século XIX. Afinal, se dependesse dele, apenas dele, com certeza não teria se encaminhado ao estudo dos fenômenos que deram origem à Codificação espírita.

AS DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS DE KARDEC E CHICO XAVIER

Quem levantou, pela vez primeira, a questão das diferenças profundas entre as personalidades do Codificador e Chico Xavier não se sabe. É certo, porém, que o argumento surgiu tão logo apareceu a tese Chico/Kardec. Isto levou os defensores da tese a apresentar seus contra-argumentos, como faz a Dra. Marlene Nobre, quando rebate: “Não creio que, na Terra, sejamos peritos em perfil psicológico e planejamento de reencarnação. Creio que muitos vultos do Cristianismo já voltaram à Terra, em outros tempos, e não o reconhecemos”.

Por sua vez, o Dr. Ary Lex assim pondera: “A Dra. Marlene não traz uma prova, um argumento forte em favor de suas idéias. Apenas, quase no fim do artigo, procura refutar o argumento de que Chico “não tem o perfil psicológico de Allan Kardec” e o faz de maneira não convincente”. Está clara, para ele, a imensa diferença existente entre as duas personalidades: “Kardec foi um pensador e pedagogo ilustre, com numerosas obras, antes de se tornar espírita. Em todos os livros da Codificação e em todos os volumes da Revista Espírita, é com enorme brilhantismo que expõe suas idéias e que refuta as objeções mais perigosas. Foi um organizador, um esclarecedor, um líder nato, escolhido a dedo pelos mentores espirituais. Cultura invulgar, clareza de pensamento, expositor cristalino”.

Por aí também segue o pensamento de Ariston

Santana Teles: “Entre Chico Xavier e Allan Kardec vamos encontrar, ao fazermos uma comparação, duas personalidades bem distintas: uma, a personificação do racionalismo clássico, pesquisador introspectivo, metódico e perspicaz; a outra, alma sensível, sonhadora, bondosa, quase ingênua. Cérebro e coração”. Rizzini diria que “o corpo de Chico abriga uma alma feminina de altíssimo nível evolutivo, cuja capacidade de amar transcende a de nós outros. Ele irradia a pura luz do amor. Do amor maternal pelo próximo”.

E Chico, como é visto por Ary Lex? “Chico Xavier nenhuma dessas qualidades possui de si mesmo. Tudo de grandioso e profundo que saiu de sua pena proveio de luminares da Espiritualidade; mas é um médium portentoso. As idéias dele mesmo são expressas sem conteúdo filosófico ou científico”.

Nesta mesma posição se coloca Nazareno Tourinho. Para ele, “todos os traços psicológicos de Allan Kardec, todas as características da sua personalidade diferem profundamente daquilo que vemos em Francisco Cândido Xavier, sendo impossível alguém mudar tanto em tão pouco tempo”.

Arthur Massena não se contenta com a lógica dos fatos e busca meios de explicar as diferenças psicológicas, deixando implícita sua percepção de que Chico Xavier tem um perfil feminino. Assim, em vez de negar, explora o aspecto com o seguinte argumento: “O Espírito reencarna tanto como homem quanto como mulher, pois precisa evoluir sob esses dois aspectos do ser humano”. Até aí,

nada a contestar; trata-se de um ponto doutrinário evidente e conhecido dos estudiosos. O mesmo não se pode dizer das explicações seguintes. Diz o jornalista: “Quando Kardec elaborou “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, há de ter começado com ar paternal (severo, durão, intransigente), mas, ao terminar, já deveria estar com ar maternal (de condescendência, compreensão, meiguice) tal a magia da reforma interior que a obra promove em quem a lê de ponta a ponta, meditadamente...”. Como se vê, são suposições nascidas a partir de um raciocínio infantil, medíocre mesmo.

Mais difícil ainda é responder em termos racionais e lógicos à pergunta feita pelo diretor do jornal “Flama Espírita”, de Uberaba, que desfrutava, também, de longa experiência no convívio com Chico Xavier. Questiona ele: “não parece ao leitor que 40 anos de intervalo (de 1869 a 1910 menos 9 meses) seriam insuficientes para uma tão radical mudança da feição individual do espírito?”.³⁰

Em pronunciamento feito durante o VIII Congresso da USE, União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, o médium e tribuno Divaldo Pereira Franco também se posicionou a respeito do assunto, mostrando as diferenças de personalidade: “A personalidade de Chico, em uma análise dos próprios conteúdos doutrinários, difere frontalmente da linha direcional do caráter e do comportamento de Kardec. A tarefa do Chico foi desdobrar as informações da Codificação, ampliando-lhes o significado. Quando Kardec disse que logo mais reencarnaria, não

quer dizer que seja ainda neste século. A questão de tempo é relativa. Não podemos anuir que ele seja a reencarnação de Kardec. Isso não o tornaria maior ou menor”.³¹



Divaldo Pereira Franco, reconhecido tribuno, também reconhece as diferenças de personalidade entre Chico e Kardec

As referências a respeito do homem Allan Kardec mostram-no como uma criatura dotada de sentimentos admiráveis e elevada estatua moral. Diz Henri Sausse em seu estudo biográfico que “erraria quem acreditasse que, em virtude dos seus trabalhos, Allan Kardec devia ser uma personagem sempre fria e austera. Não era, entretanto, assim. Esse grave filósofo, depois de haver discutido pontos mais difíceis da psicologia e da metafísica transcendental, mostrava-se expansivo, esforçando-se por distrair os convidados que ele freqüentemente recebia na Vila Ségur; conservando-se sempre digno e sóbrio em suas expressões, sabia adubá-los com o nosso velho sal gaulês em rasgos de causticante e afetuosa bonomia. Gostava de rir com esse belo riso franco, largo e comunicativo, e possuía um talento

particular em fazer os outros partilharem do seu bom humor”. Wantuil e Thiesen afirmam que “o grande missionário da doutrina era muito polido, de fina educação, sério, mas não sisudo, circunspecto e moralista por excelência”.³²

O retrato que Deolindo Amorim faz de Allan Kardec, inserto nos “Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil”, ano 1964/1970, é de grande valia, pela agudeza de raciocínio: “Os Espíritos que ditaram as bases da doutrina viram nele o instrumento capaz e, por isso, na França culta do século XIX, onde havia tantos outros homens de valor intelectual, foram escolher, como que “a dedo”, como se costuma dizer, exatamente aquele que sintetizava em sua formação moral e intelectual tudo quanto se pudesse exigir para uma obra verdadeiramente missionária: honestidade, humildade, perseverança, espírito analítico, desinteresse material”. Deolindo vai além, afirmando que “Allan Kardec era humanista, isto é, um homem de grande cultura humana: conhecia línguas, literatura, história, ciências básicas. (...) Era um espírito frio no raciocínio crítico, não era frio no sentimento...”.

Um outro retrato do homem Allan Kardec é apresentado pela Sra. Anna Blackwell e pode ser encontrado no livro “História do Espiritismo”, escrito pelo conhecido criador de Sherlock Holme, Arthur Conan Doyle. Blackwell conheceu Kardec pessoalmente e foi a primeira tradutora de seus livros para o idioma inglês. Eis como ela se refere ao Codificador:

“Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, macia, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, in-

crédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo. Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava discussão mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida. Recebia com afabilidade



Sir Arthur Conan Doyle, autor de obras espíritas, registrou o depoimento de Anna Blackwell sobre a figura de Allan Kardec

de os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo a perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação. De rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, conquanto tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se ouvia dele uma gargalhada. Entre milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica. O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele nas Tulleries, sobre a doutrina de “O Livro dos Espíritos.”

Apesar de tudo, o Dr. Jarbas Varanda considera que as diferenças de perfil psicológico “são apenas aparentes, se levarmos em consideração que os Espíritos Superiores podem, na multiplicidade de suas missões, limitar ou exteriorizar características já conquistadas em outras existências”. Como ele parte do princípio de que Chico Xavier é um Espírito Superior, apega-se a este aspecto para justificar o fato evidente. Nazareno Tourinho alcança, porém, o ponto nevrálgico ao perguntar se é possível uma mudança tão profunda no curto espaço de uma

encarnação e outra. Mas poderíamos perguntar também se seria necessária essa mudança. Não é mais fácil acreditar que um outro Espírito que não fosse Kardec poderia realizar trabalho idêntico ao que Chico Xavier desenvolve?

A Dra. Marlene Nobre não se dá por vencida e afirma que a dificuldade à aceitação de Chico como Kardec “está no total despojamento com que Chico se apresenta na atual reencarnação. É difícil visualizar Kardec em uma criatura pobre, que fez somente o curso primário, que trabalhou e se aposentou como simples escriturário de uma repartição pública e apagou-se para que os Benfeitores Espirituais fossem exaltados”. Enfim, são argumentos que não conferem com as objeções apresentadas, porque não representam o cerne da questão.

Talvez, por tudo isto e alguma coisa mais foi que Antônio César Perri de Carvalho, em seu livro “Chico Xavier, o Homem e a Obra” resolveu dizer: “A figura de Chico Xavier como pessoa é muito pouco conhecida. Tende-se a idolatrá-lo, esquecendo-se de reações mais simples e naturais do ser humano...”.³³

AS MENSAGENS QUE KARDEC NÃO TERIA ENVIADO

Um dos argumentos utilizados a favor da reencarnação de Kardec como Chico Xavier é a hipotética ausência do Codificador nas psicografias, ou seja, Kardec não teria se manifestado mediunicamente após seu retorno à

Espiritualidade. Considera-se que se ele está de fato na Espiritualidade deveria, forçosamente, estar acompanhando o desenvolvimento de sua obra e opinando; e se manifestaria, sem nenhuma dúvida, através do médium mineiro, o mais indicado para recebê-lo.

O Dr. Jarbas Varanda coloca o assunto: “Na verdade, de longa data, registra-se a ausência de comunicações do Codificador, principalmente através de Chico Xavier, a maior “antena psíquica” do século XX”. Parece implícito que os nomes mais destacados deveriam utilizar-se de Chico para suas possíveis manifestações; Kardec, porém, não poderia jamais se omitir, já que é a figura central da Codificação e o maior interessado no seu sucesso. Mesmo correndo o risco de não sermos levados em consideração, por razões óbvias, é preciso assinalar que a extraordinária relação de personalidades que já se manifestaram através do Chico, acima de mil, não contempla todos os nomes importantes do Espiritismo, nem mesmo alguns que tiveram presença acentuada ao lado de Kardec. Não se conhece, por exemplo, manifestações pelo Chico, de Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Delanne e tantos outros. Assim, a questão colocada para Kardec deverá valer para outros. Estariam todos eles, necessariamente, reencarnados pelo simples fato de não se terem manifestado? A resposta é: não! Uma coisa não tem que ver com outra.

Mas, ao mesmo tempo em que figuras expressivas não se manifestaram e possivelmente não se manifestem, dezenas há que o fizeram cujo

nome não figura em nenhuma lista de notória importância pública. Há até mesmo aqueles que só se tornaram conhecidos e admirados depois que surgiram pelas vias mediúnicas. Quem era André Luiz, por exemplo, antes de apresentar suas obras psicografadas pelo Chico? Analisando seus livros, fica fácil, hoje, determinar o valor de sua inteligência e, portanto, considerar a importância de sua presença no contexto teórico do Espiritismo, na era pós-Kardec. Antes, porém, era um desconhecido. Das razões verdadeiras que determinam a presença de uns e a ausência de outros, pouco ou nada se sabe. Pode-se especular e pode-se, mesmo, inferir as informações contidas na literatura doutrinária, mas não há como garantir que seja por esta ou aquela razão que fulano se apresenta e sicrano não, afora os casos explícitos.

Pela expressão “longa data” poderíamos entender que o Dr. Jarbas estivesse se referindo à inexistência de comunicações mediúnicas de Kardec somente no período relativo ao trabalho do Chico e realizadas através deste. Mas, logo se vê que o referido médico fala do período que vai da sua desencarnação até os dias atuais. É o que se constata: “Por que tal silêncio? Por que a ausência do Codificador desde sua desencarnação? Não deveria ele continuar, na Espiritualidade, a sua obra, ditando livros visando desenvolver os ensinamentos dos Espíritos, principalmente através da mediunidade missionária de Chico Xavier, que melhor reuniu, como reúne, as condições espirituais de credibilidade na Terra para recebê-la?”

O texto conduz a diversas observações. Em primeiro lugar, devemos perguntar: por que Kardec teria de continuar escrevendo livros? De onde o Dr. Jarbas tirou essa conclusão? Onde está a exigência para que isso acontecesse? Não se sabe, e não se sabe porque inexistem razões claras que determinassem a Kardec o prosseguimento da sua obra por esta via, e apenas por esta via. Mesmo que houvesse razão para tanto poder-se-ia ainda perguntar: por que deveria ser através do Chico? O fato de ser ele um extraordinário médium, de grande credibilidade, será determinante para que faça inevitavelmente a intermediação entre o Espírito do Codificador e o nosso plano? Seria forçoso vir através do Chico? Se se manifestasse por outra via estaria desconsiderando de alguma maneira o valioso trabalho do médium mineiro? A conclusão do Dr. Jarbas, logo se vê, demonstra certo grau de superficialidade, tanto em relação ao bom senso quanto aos princípios e mecanismos da mediunidade, tão amplamente desenvolvidos por Kardec. E confirma o que asseverou Descartes no Discurso do Método: o bom senso é a coisa mais bem repartida que existe, porque cada um tem dele uma parcela tal que julga não precisar de mais.

Vemos, pois, que Kardec poderia prosseguir na Espiritualidade o seu trabalho por numerosas outras vias, sem que uma delas fosse obrigatoriamente a mediúnica. Do estudo e da observação resulta claro que os Espíritos, e com muito mais razão os mais evoluídos, possuem um vastíssimo

campo de atuação na Espiritualidade e mesmo quando se trata de influírem objetivamente na sociedade terrena, possuem variados meios. Um deles é, sem dúvida, a mediunidade.

Passemos à questão da “ausência” de Kardec no desenvolvimento da doutrina. Será mesmo verdadeiro que ele não transmitiu nenhuma mensagem após seu retorno ao plano espiritual? É uma questão a ser analisada e para tanto vamos recorrer aos documentos, a fim de que cada um tire sua conclusão.

Começemos por André Moreil e seu livro “Vida e Obra de Allan Kardec”. Está lá escrito: “Na segunda-feira da Páscoa de 1910 (note bem o leitor, 1910), no centro “Esperança” de Lião, por intermédio da Srta. Bernadette em estado de sonambulismo, Allan Kardec manifestou-se para agradecer ao que fora até então o seu único biógrafo, o espírita Henri Sausse”.³⁴ A Páscoa de 1910 coincide exatamente com o retorno ao corpo físico do Espírito que hoje conhecemos por Chico Xavier. Como se sabe, Chico nasceu em 2 de abril de 1910. Se André Moreil merece crédito e, na opinião de José Herculano Pires, que prefaciou o livro, merece, então teremos que esclarecer a seguinte questão: no mesmo período em que Chico preparava seus primeiros vagidos, Allan Kardec se manifestava mediunicamente para agradecer seu amigo e primeiro biógrafo Henri Sausse. Se ainda assim considerarmos seja possível uma coisa e outra ao mesmo tempo, temos outra questão tão importante quanto: será crível que um Espírito possa, no período mais crítico de seu re-

torno à matéria, aquele em que todas as suas faculdades obscurecem, ainda assim se manter plenamente lúcido a ponto de acompanhar o que se passa longe dali e opinar com plena lucidez?

De qualquer modo e antes mesmo de chegar a uma conclusão, devemos analisar o que disseram os Espíritos na questão 351 de “O Livro dos Espíritos”. Lá está: “Desde o instante da concepção, a perturbação começa a envolver o Espírito, advertido, assim, de que chegou o momento de tomar uma nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado, durante o sono do corpo. À medida que o momento do nascimento se aproxima, suas idéias se apagam, assim como a lembrança do passado se apaga desde que entrou na vida”.

Mas, voltemos a André Moreil. Dá-nos ele a conhecer um trecho da mensagem ao biógrafo Henri Sausse: “Sabeis que a minha tarefa está longe de haver terminado; considerada em seu foco verdadeiro, não é mais que imperfeito esboço; pois o infinito nos penetra e nos confunde; mas a bondade do Pai recompensa nossos esforços muito além do que podíamos esperar. Agradeço o zelo amigo e consciencioso de que usastes para escrever a minha biografia. Aprovo-a totalmente; os retoques não seriam mais que insignificantes; agrada-me tal como está. Muito obrigado!”.³⁵

Vamos em frente. Em seu livro “Allan Kardec”, volume III, Wantuil e Thiesen falam de várias mensagens transmitidas por Kardec pouco após

sua desencarnação, todas elas publicadas na “Revue Spirite” de 1869, muitas recebidas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas por diferentes médiuns e outras em locais diversos. Em uma delas, era médium a conhecida espírita Miss Anna Blackwell e estava presente o Sr. Peebles, redator do “Banner of Light”, jornal espiritualista de Boston (EUA). Kardec pede que suas obras sejam traduzidas para o inglês e lançadas nos Estados Unidos, tendo sido atendido pela própria Sra. Blackwell. Uma das mensagens foi dada em novembro de 1869 e está transcrita no livro “Obras Póstumas”. Dizem, então, os biógrafos: “Muitas outras instruções foram posteriormente ditadas pelo Espírito de Allan Kardec, e os que o conheceram na existência terrena tiveram assim mais uma indubitável confirmação de que a vida continua”.

Os registros de comunicações dadas por Kardec já na condição de Espírito fora do corpo físico não ficam apenas no período imediatamente posterior à sua desencarnação. Avançam no tempo e uma dessas mensagens merece destaque, apesar de ser bem conhecida dos estudiosos. Foi dirigida ao extraordinário filósofo Léon Denis no ano de 1925 (mais uma vez, anote o leitor a data), contendo um veemente apelo de Kardec para que comparecesse ao congresso espiritualista daquele ano, em virtude da importância do evento para o Espiritismo. As informações davam conta de que a doutrina precisava então de um defensor lúcido e enérgico, para evitar prejuízos futuros à sua disseminação. Denis era o homem. Apesar de sua

idade avançada, pois tinha mais de 80 anos, e dos problemas físicos que a idade acarretava, Denis aquiesceu ao chamado, tendo sido, de fato, a figura de maior expressão do congresso, por sua atuação, o que lhe valeu inúmeras homenagens prestadas pelas destacadas personalidades presentes.

José Herculano Pires se refere a essa mensagem remetida a Denis, em seu livro “Na Hora do Testemunho”, dizendo: “Em 1925, quando se reuniu em Paris o Congresso Espiritualista Internacional, o próprio Kardec, através de comunicações mediúnicas, teve de forçar Léon Denis, já velho e cego, a sair de Tours, na província, para defender o Espiritismo dos enxertos que lhe pretendiam fazer os representantes de várias tendências, com a aceitação ingênua de ilustres mas desprevenidos militantes espíritas”.³⁶

Dois documentos importantes, no caso, são os livros “Léon Denis, Vida e Obra”, de Gaston Luce, e “O Gênio Céltico e o Mundo Invisível”, do próprio Léon Denis. No primeiro, o biógrafo refere-se à manifestação mediúnica de Kardec estimulando Denis a ir ao Congresso de 1925. O registro fica apenas nesta menção. Já em “O Gênio Céltico e o Mundo Invisível”, derradeira obra de Denis, o famoso filósofo transcreve outras mensagens do mesmo Espírito, dadas na época em que Chico já passava dos 15 anos de idade, o que torna ainda mais improvável fossem ele e Kardec a mesma personalidade. Mesmo que se queira utilizar o argumento de que o Espírito encarnado não está totalmente impossibilitado de se manifestar

mediunicamente, o que é verdadeiro em certa medida, uma análise das referidas mensagens vai demonstrar que as preocupações ali anotadas pelo manifestante são próprias de quem está acompanhando os acontecimentos de um posto de observação diferente de um Espírito preso ao corpo físico.

Devemos registrar um outro fato. Denis faz uma anotação interessante no livro, a respeito de uma notícia que então se divulgava, dando conta de que Kardec estaria na época reencarnado. Ora, isso demonstra como a questão é antiga. Denis escreveu o livro em 1927, quando Chico estava com 17 anos de idade e dava início à sua tarefa mediúnica. Já havia na ocasião aqueles que admitiam estar Kardec reencarnado mas não como Chico, note-se! Era ele um francês, com cerca de 30 anos de idade, portanto, teria reencarnado antes do novo século. Eis o registro de Denis: “Uma outra objeção consiste em pretender que Allan Kardec está reencarnado no Havre, desde 1897. Trinta anos teriam passado de sua nova existência terrestre. Ora, pode-se admitir que um espírito deste valor tenha esperado tão longo tempo para se revelar por obras ou ações adequadas? Além disso, Allan Kardec não se comunica unicamente em Tours, mas também em muitos outros grupos espíritas da França e da Bélgica. Em todos esses lugares ele se afirma pela autoridade de sua palavra e a sabedoria de seus conhecimentos”.³⁷

Como se observa, Denis não só não aceitava a informação que dava conta da reencarnação de

Kardec como, também, informava que o Codificador vinha se manifestando ali, em seu grupo, e em outros da França e da Bélgica. E mais: acreditava nestas manifestações, em que via presente a “autoridade de sua palavra (do Codificador) e a sabedoria de seus conhecimentos”.

* * *

Wantuil e Thiesen reproduzem, ainda, na mesma obra, uma mensagem transmitida por Kardec no dia 14 de junho de 1979, no Grupo Espírita Ismael, do Rio de Janeiro. A íntegra do documento aparece ao final do volume III, fechando a biografia. Como se vê, há uma farta documentação tratando das manifestações do Espírito de Allan Kardec ao longo dos últimos 140 anos.

Ao supor a ausência do Codificador e concluir que ele deveria, forçosamente, continuar sua obra transmitindo mediunicamente outros livros (através de Chico Xavier) caso estivesse ainda na Espiritualidade, o Dr. Jarbas demonstra que não tem conhecimento histórico ou, então, entende que os documentos são destituídos de valor, o que seria o mesmo que dizer que todos os médiuns que os receberam e todos os homens que os analisaram e aceitaram estão equivocados. É lícito, entretanto, acreditar que um homem culto, como o Dr. Jarbas, com sua experiência e talento não desconhece, em absoluto, aqueles documentos, seja porque estão amplamente divulgados, seja porque dizem respeito diretamente à questão que ele preza e apóia. Assim, resta-nos

admitir a segunda hipótese, a única que pode justificar o enfático posicionamento tomado por ele, quando declara que “se Chico Xavier não for a reencarnação de Allan Kardec, então o Codificador, lamentavelmente, foi omissso no desdobramento da Codificação, deixando de oferecer sua contribuição através da obra mediúnica do médium de Pedro Leopoldo”.

É preciso não esquecer outro detalhe: a posição do Dr. Jarbas Varanda conta, com certeza, com o apoio do ex-presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, Weimar Muniz de Souza, o qual, como se viu, ainda na condição de presidente daquela instituição, fez com ele a entrevista e a publicou na revista “Goiás Espírita”, colocando ao lado a mensagem “A Volta de Allan Kardec”, do médium Baduy Filho, e dando destaque de capa. Com isso, não só o Dr. Jarbas fica em uma situação difícil de resolver como o próprio Weimar que, como autoridade naquele Estado e relacionado intimamente com a Federação Espírita Brasileira, que publicou os documentos referentes às mensagens póstumas de Kardec, certamente conhece de sobejo.

Finalmente, é oportuno recordar a mensagem atribuída a Allan Kardec, recebida pelo médium português Fernando de Lacerda, em Lisboa, em 1907, conforme mencionamos no segundo capítulo, incorretamente utilizada a favor da tese Chico/Kardec por Maria Gertrudes Coelho. Ao aceitar a mensagem como profética em relação ao retorno do Codificador, a autora do livro “Chico Xavier, Coração do Brasil” atribuiu-lhe

credibilidade e, por conseguinte, estendeu essa credibilidade ao médium português. Resta saber se ela mantém a posição. De qualquer maneira, trata-se de mais um fato prejudicial à opinião de que Kardec não transmitiu nenhuma mensagem depois de sua desencarnação.

NO CLIMA DO PASSADO, UMA OPINIÃO E UMA DECLARAÇÃO DISCUTÍVEIS

O conjunto das manifestações favoráveis à tese Chico/Kardec constitui uma peça repleta de informações amplamente discutíveis e em grande parte nulas. Outro argumento utilizado pelo Dr. Jarbas Varanda a favor de Chico/Kardec é o de que os sofrimentos físicos por que passou e passa ele na vida são inerentes à sua condição de Espírito encarnado, o que, de modo geral, ocorre com qualquer um. Para firmar esse ponto ele diz: “Negar essa condição de Espírito Superior a Chico Xavier, pelo fato de sua vida ter sido pontuada de sofrimentos – características comuns de Espíritos imperfeitos – é esquecer a lição de André Luiz quando classifica a Dor como originária de três fontes: evolução, expiação e missão”. Esta classificação da dor faz sentido, mas não podemos incorrer em outro tipo de confusão: misturar tudo num mesmo saco. Há muita diferença na dor resultante da vida de um Espírito em processo de expiação e na que sofre o Espírito em missão na Terra. Não vai aqui nenhuma alusão a Chico ou a quem quer que seja, porque esse tipo de situação não deve entrar em julgamento. Assinale-se, con-

tudo, que a dor que sofre um Espírito imperfeito, em razão de causas diversas nas quais entra a expiação, e até mesmo a provação, é diferente da que se submete um Espírito que vem ao planeta para realizar trabalho em prol do progresso humano simplesmente. Neste caso, diz o bom senso que o Espírito se submete às vicissitudes do corpo físico e fica à mercê da imperfeição da matéria, embora se saiba que em boa parte consegue superar muitas dessas vicissitudes.

Vejamos, por exemplo, a vida de Allan Kardec: não há nela sinais evidentes de dores resultantes de outras causas, senão daquelas a que não poderia se furtar e que resultaram na necessidade de cuidados naturais, até que, num dado momento, o corpo sucumbiu. O que ocorre com os Espíritos em provação é, entre outras coisas, um somatório de causas, ou seja, aquelas que provêm de suas imperfeições e as que são naturais à vida material. Estas causas se juntam e fixam uma situação comprometida com o passado e o presente. Em ambos os casos, as dores serão de ordem física e de ordem moral, mas refletirão situações completamente diferentes.

Este olhar sobre a questão da Dor, elemento tão destacado nas especulações filosóficas e hoje em dia muito valorizado pela ciência médica e psicológica, oferece outros elementos de análise e possibilita melhores condições para um resultado final.

* * *

Observando ainda as declarações da Dra. Mar-

lene Nobre em sua entrevista na “Folha Espírita”, o Dr. Ary anota o seguinte texto e em seguida o comenta: “Era como se o Chico nos devolvesse o clima dos primeiros tempos do Cristianismo na Galiléia distante”. Devolver quer dizer restituir, reenviar. Chico estava, portanto, trazendo, ao vivo, a Marlene daqueles primeiros tempos do Cristianismo”. O Dr. Ary demonstra assim, com certa ironia, a intenção contida na declaração, de tentar passar a idéia que ela, Marlene, estivera presente nos saudosos tempos da missão de Jesus e tinha, portanto, saudades daquela época. Análises dessa natureza não são, ao contrário do que se possa pensar, sem importância para o contexto geral do assunto, uma vez que ajudam a entender que há outros interesses por trás das intenções declaradas.

Por isso, o Dr. Ary continua, ainda na colocação da Dra. Marlene, dizendo que, como Chico Xavier “Kardec superou-se a si mesmo”, temos a seguinte “tradução: Chico é Kardec mais evoluído; Chico superou a Kardec”. E fecha com uma exclamação que é ao mesmo tempo um verdadeiro desabafo: “Precisa a Dra. Marlene possuir alta dose de irresponsabilidade para dizer isso”.

É ainda o Dr. Ary quem afirma: “Na última coluna de seu infeliz artigo declara (a Dra. Marlene) que Chico Xavier “possui um patrimônio intelectual e sentimental extraordinário, próprio de Espírito Puro...”. Esta afirmação é uma verdadeira aberração, que afronta o conceito de Espírito Puro explicitado na Codificação Espírita. Chico Xavier é, a nosso ver, o melhor médium que o Brasil já

teve, em todos os tempos. Suas qualidades morais são inexcedíveis e desempenhou-se magnificamente das tarefas a ele confiadas. Mas, considerá-lo Espírito Puro vai uma distância muito grande”.

Como se observa, submetidos ao domínio da emoção, os adeptos da tese reencarnacionista de Kardec como Chico Xavier ora classificam o médium mineiro de Espírito Superior, ora de Espírito Puro e nos dois casos cometem imprudência. Mas é de fato quando o classificam como Espírito Puro que mais agriDEM as informações de “O Livro dos Espíritos”, conforme observa Ary Lex. Vale, pois, conferir na fonte se o Dr. Ary Lex tem ou não razão. Na questão 111 do referido livro aparece a seguinte definição de Espírito Superior:

“Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira benevolência, é sempre digna, elevada, e freqüentemente sublime. Sua superioridade os torna, mais que os outros, aptos a nos proporcionar as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é dado conhecer. Comunicam-se voluntariamente com os que procuram de boa fé a verdade e cujas almas estejam bastante libertas dos liames terrenos, para compreender; mas afastam-se dos que são movidos apenas pela curiosidade ou que, pela influência da matéria, se desviam da prática do bem. Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para cumprir uma missão de pro-

gresso, e então nos oferecem o tipo de perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.”

Dentro das limitações dos nossos conhecimentos, a classificação de Espírito Superior atribuída a Chico Xavier poderia ser relevada, embora discutível sob diversos ângulos. Afinal, até onde vai a nossa capacidade de entender o que é reunir “a ciência, a sabedoria e a bondade” num grau tão elevado, como será de esperar de um Espírito que foi alçado à segunda classe, ou seja, a segunda em importância na escala dos Espíritos. A forma magistral como Chico vem se desincumbindo de seus compromissos e superando todo tipo de prova física e moral é compatível com essa classificação? Em sã consciência, não há como garantir, o que não diminui em nada a extraordinária vida do médium mineiro.

A classe imediatamente acima dos Espíritos Superiores é a dos Espíritos Puros, a mais alta de todas, e para essa Kardec apresenta a seguinte conceituação:

“Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus.”

Como se pode observar, a Dra. Marlene se excedeu incrivelmente ao atribuir a Chico Xavier a condição de Espírito Puro. Mas tudo isso se relaciona com outros detalhes de ordem psicológica, como se depreende das observações feitas pelo Dr. Ary Lex. Segundo ele, a Dra. Marlene procura mostrar “a grande intimidade que tem com o médium de Uberaba, recebendo dele as maiores atenções e acompanhando de perto os seus trabalhos. Se Chico é Kardec, sua intimidade é também com Kardec e, como este, tem ela “imensa responsabilidade perante Jesus”. Ora, se Kardec é Chico e Chico é um Espírito Puro, logo a Dra. Marlene e os demais íntimos do Chico estão muito bem acompanhados. Esta é a conclusão a que se pode chegar.

Na edição de setembro de 1998 da “Folha Espírita”, a Dra. Marlene fez publicar matéria contendo respostas aos questionamentos contrários suscitados pela sua entrevista, a maioria deles aqui apresentados. Reafirma ela sua posição em relação à tese Chico/Kardec e tenta elucidar alguns aspectos doutrinários, sem, no entanto, apresentar argumentos convincentes e, menos ainda, provas efetivas ou documentos que amparassem suas opiniões. Permaneceu no terreno das emoções e dos sentimentos, jogando com eles inclusive para desmerecer aqueles que se opuseram de maneira contundente. Sequer se deu ao trabalho de apreciar com meridiana serenidade as opiniões contrárias, preferindo tomá-las a priori

por errôneas e inconvenientes, agressivas e desrespeitosas.

Convém registrar que a mesma “Folha Espírita”, nos números posteriores à publicação da entrevista da Dra. Marlene, continuou falando do tema, mas apenas através de matérias assinadas por articulistas favoráveis à tese, com destaque para Fernando Ós e João Cuim. Apesar disso, nada de novo foi apresentado; os trabalhos buscaram unicamente reforçar os argumentos que analisamos aqui. Em vista disso, dispensamo-nos de apreciá-los.

* * *

Poderíamos concluir este capítulo apresentando um resumo geral de tudo o que foi levantado, mas acreditamos que isso seja perfeitamente dispensável. Há aspectos que não podem ser negados, como, por exemplo, o fato de não haver nenhuma prova concreta a favor da tese da reencarnação de Kardec como Chico Xavier. Como também não há em relação a qualquer outra pessoa e isso deveria ser suficiente para colocar o assunto no seu devido lugar perante a doutrina espírita. Entretanto, de tudo o que foi dito uma coisa nos parece certa: para ser grande, Chico Xavier não precisa necessariamente ter sido Kardec.

CAPÍTULO IV

O que Chico de fato disse a seu respeito

A FAMILIARIDADE CEGA.

EDUARDO GIANNETTI

Ninguém desconhece que muitas coisas atribuídas a Chico Xavier fazem parte de uma espécie de folclore criado em torno de sua figura lamentavelmente mitificada ainda em vida. Mas, o que ele de fato disse? Essa é uma questão a ser respondida. Inúmeros registros são feitos, em livros, na imprensa espírita e através de depoimentos pessoais, tendo por fonte única a memória. E, diga-se de passagem, em boa parte baseadas em relatos de fontes secundárias, distantes do foco dos acontecimentos, dando margem a que se cumpra o dito popular: “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Algumas vezes, ao Chico se imputou determinadas idéias que geraram tremendos dissabores ao movimento espírita. “O Chico disse” virou expressão para validar desejos de médiuns de pu-

blicar livros psicografados, de pessoas para justificar problemas reencarnatórios e, até, de instituições para alterar textos da Codificação. Dirigentes de todo o Brasil passaram a se dirigir a Pedro Leopoldo e depois a Uberaba à procura do médium. Queriam ouvir sua palavra e não poucos retornaram às suas casas decididos a estabelecer mudanças por conta de “revelações” do médium mineiro. Perri afirma em seu livro: “No período em que Chico Xavier atendia numeroso público, sempre notamos que muitos dirigentes e médiuns procuravam-no para que ele referendasse suas ações e propostas”.³⁸

Alguns do grupo mais chegados valeram-se de sua intimidade para obter informações dessa convivência em dois mundos de Chico e utilizá-las como moeda de troca num mercado extremamente desfavorável ao consumidor. Ganharam a admiração de muitos, especialmente daqueles que não alcançavam o médium senão depois de horas numa fila interminável. Abastardaram as informações e as meteram na bolsa da memória, para dali sacá-las sempre que precisavam se livrar de situações inoportunas ou satisfazer vaidades.

Vimos como isso ocorre de maneira acentuada nas declarações dos partidários da tese Chico/Kardec, com a agravante das informações virem destituídas de bom senso e aparecerem aos olhos mais exigentes como ridículas ou que ridicularizam o médium e, quando não, o movimento espírita. Adelino da Silveira, como lembra Antônio de Paiva em seu livro de refutação, refere-se às respostas que o Chico lhe teria dado. Em uma delas,

obtivera uma preciosa revelação: o fumante, após a morte, teria a oportunidade de deixar o vício de uma forma branda. Eis a nota: “Se uma pessoa desencarna com o hábito de fumar, no Mundo Espiritual ela recebe cinco cigarros por dia por mais um ano; depois, passa a receber dois cigarros por dia por mais um ano. Decorrido esse prazo, ela já está com forças e é convidada a deixar o hábito inconveniente”.

Assustado com tão mirabolante revelação, Paiva não se contém: “Coisas assim não deviam ser publicadas, ainda mais tratando-se de Chico Xavier, que, para muitos, é um ídolo, cuja palavra acaba tendo mais peso que os próprios ensinamentos da Doutrina Espírita...”. É o que realmente acontece. Muitos espíritas, com o reforço de afirmações atribuídas a Chico Xavier, se permitem dispensar as obras básicas onde estão de fato os estudos que deveriam nortear o seu conhecimento.

Precisamos ouvir Chico, sim. Não apenas o que dizem que ele disse. Preferencialmente, o que de fato afirmou por escrito ou em gravações de fita ou vídeo. O testemunho de outras pessoas é importante, mas o que vem do próprio médium é indiscutível do ponto de vista tanto do que ele pensa como, também, do que pensam os Espíritos. Claro, não vamos nos permitir o mesmo engano dos que se deixam envolver emocionalmente em excesso e dos defensores da tese Chico/Kardec, que lançam mão de tudo o que o médium mineiro diz como se o Emmanuel estivesse sempre por detrás dele, quando não falando direta-

mente.

Kardec, o Codificador, ensina que uma das formas de conhecer como agem os Espíritos fora do corpo físico é analisar a própria sociedade humana. E o que sabemos dela? Por mais que se possa contar com os conselhos e as orientações dos amigos sempre presentes, temos nossas próprias convicções, tomamos decisões por nossa conta consoante o livre-arbítrio, o que nos dá a responsabilidade dos nossos atos e permite colher os resultados. Não é diferente no mundo dos Espíritos. Também não é na relação dos médiuns com seus mentores. Chico Xavier, portanto, quando opina pode e deve ser visto como uma pessoa normal que expressa os seus pensamentos.

A questão da tese Chico/Kardec acaba por envolver outros aspectos ligados ou não à reencarnação. É por isso que as manifestações do médium mineiro são também importantes. Vamos, pois, ouvi-lo.

Chico sempre se mostrou uma pessoa comum. Quando os críticos o classificam de ingênuo em alguns episódios, não o fazem com o fim de o denegrir. Absolutamente. Desejam apenas mostrar essa faceta humana do médium, natural e em nada desmerecedora de sua atividade. Isso estende o raciocínio para outros focos, como, por exemplo, os sofrimentos pelos quais passa desde a infância, próprios de Espíritos comprometidos em outras existências, na vida particular e na vida pública. Espíritos missionários e Espíritos em provação estão submetidos às mesmas dificuldades em termos físicos quando reencarnam, como

se depreende de “O Livro dos Espíritos”. A matéria possui sua própria realidade, da qual não pode fugir nenhum Espírito ao contato com ela. Os mais adiantados conseguem sobrepujar, por seus conhecimentos, grande parte das dificuldades que o corpo oferece, mas ainda assim estão submetidos às leis da matéria e às condições do planeta. Espíritos de menor condição, além de não conseguirem o mesmo intento, sofrem o agravante de seus laços anteriores e por isso é natural sofrerem em grau diferente. A dor, portanto, deve ser analisada sob estes e outros ângulos mais, tendo-se por analogia a vida dos grandes homens que já passaram por aqui. Kardec não fugiu à regra e sua vida esteve submetida às condições impostas pelo corpo físico, mas não há registros de sofrimentos em grau relativo aos Espíritos em provação. O mesmo não se pode dizer de Chico Xavier, que passa por grandes dificuldades desde a infância e aos vinte e um anos de idade já padecia de grave enfermidade no olho esquerdo. São marcantes os episódios em que esteve submetido a uma condição duríssima, moral e fisicamente, inexplicável em muitos dos seus lances para as necessidades de um Espírito que viria apenas em missão.

Vemos, assim, o homem em sua realidade. Uma realidade ainda mais admirável à medida que ele se constitui em exemplo de como pode a criatura, diante das mais adversas situações, desenvolver um trabalho magistral de superação pessoal, de maneira a poder, em meio às provas ingentes, consagrar-se ao próximo no sentido mais profun-

do do termo: ao homem comum e à coletividade. É, pois, altamente benéfico vê-lo por este espelho que ele mesmo revela em suas declarações, para compreender o homem, o médium e o mito.

Em entrevista a Elias Barbosa (Anuário Espírita 1968) Chico é abordado da seguinte maneira:

“- De que modo o casal Perácio iniciou você no Espiritismo?”

Ele responde:

“- Explicando-me o que eu sentia, em matéria de mediunidade, desde a infância, quando fiquei órfão de mãe, aos cinco anos de idade, amparando-me em minhas necessidades espirituais, ensinando-me a orar e presenteando-me com o “Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, os dois livros que me deram os alicerces de minha fé espírita-cristã e me orientaram para aceitar a mediunidade e respeitar os Bons Espíritos.”

Eis o Espírito, simples em sua verdade, sincero em sua humildade, revelando-se numa fotografia que bem lembra centenas de milhares de vidas comuns, que permaneceram no anonimato em grande parte, mas que, numa outra parcela, conseguiram inscrever seu nome na galeria dos grandes homens.

Em seguida, vai ele desmistificar qualquer possibilidade de virem classificá-lo além de sua pró-

pria realidade, ao falar do seu trabalho como médium. Elias Barbosa questiona:

“– Durante esse tempo, você foi vítima de mistificação alguma vez?

– Muitas.

– E até hoje isso acontece ou pode acontecer?

– Sim.

– Por que sucede isso a você, que já psicografou quase cem livros?

– Decerto que o Mundo Espiritual permite que eu passe por essas provas para mostrar-me que receber livros dos Instrutores Espirituais não me cria privilégio algum, que estou apenas cumprindo um dever e que sou um médium tão falível quanto qualquer outro, com necessidade constante de oração e trabalho, boa vontade e vigilância.”

Chico não fala por falar, não dá respostas em cima de interesses preestabelecidos, não cuida de construir uma imagem irreal. Enfim, não é humilde por conveniência. Vejamo-lo como homem ou como médium, como Chico ou como Kardec, vamos encontrá-lo usando de sinceridade para consigo mesmo, porque não pode e não quer se enganar. É por isto que diz, ainda, a Elias Barbosa:

“Cada amigo faz de nós um retrato para uso próprio e cada inimigo faz outro. Mas diante do Mundo Espiritual não somos aquilo

que os outros imaginam e sim o que somos verdadeiramente. Desse modo, sei que sou um espírito muito imperfeito e muito endividado, com necessidade constante de aprender, trabalhar, dominar-me e burilar-me, perante as leis de Deus.”

Com estas palavras, Chico confirma o retrato que dele fez Herculano Pires, no livro “Na Hora do Testemunho”, dizendo:

“Chico Xavier, à revelia dos que desejam endeusá-lo, reconhece de público a sua fragilidade humana e não pretende passar por criatura privilegiada. Longe dele essa pretensão orgulhosa. Chico, nosso irmão, nosso companheiro, marcha conosco nas provas do mundo.”³⁹

A visão de Herculano, contudo, tinha por base seus estudos pessoais acerca do médium mineiro e sua produção psicográfica, como também a imensa correspondência trocada entre os dois, onde Chico lhe revelava muitas intimidades e reforçava sua admiração e seu respeito pelo professor, a quem definiu como “o metro que melhor mediu Kardec”, consoante palavras de Emmanuel. Desta correspondência vêm à tona trechos importantes, como este, publicado no livro “Na Hora do Testemunho”, em que Chico fala de si:

“Na mediunidade, mesmo naquelas exercidas por longo tempo, o médium pode

ser acometido por acessos de invigilância, de vaidade, de orgulho, de intromissão na obra dos Bons Espíritos, e criar muitas faixas de sombras. Médium falível e talvez até mais falível que outros de minha singela condição, se estou bem, isso se deve à presença dos Benfeitores Espirituais em meus passos e se estou mal, o que acontece muitas vezes, é que estou em mim mesmo e por mim mesmo.”⁴⁰

Ainda no “Anuário Espírita”, edição 1967, em entrevista constante dos Arquivos da Exposição Espírita Permanente, encontramos o médium em auto-retrato:

“– Qual a sua missão pessoal?
– Sinto-me na maravilhosa máquina do serviço espírita à feição de insignificante peça de emergência, precisando repelões e consertos constantes pelas imperfeições que traz.”⁴¹

Chico fala a Ubiratan Machado, autor do livro “Chico Xavier, Uma Vida de Amor”. E diz:

“...a meu ver, tive três períodos distintos em minha vida mediúnica. O primeiro, de completa incompreensão para mim, é aquele dos cinco anos de idade, quando via minha mãe desencarnada, a proteger-me, até

os dezessete anos, época em que me via sob a influência de entidades felizes e infelizes, até que a misericórdia do Senhor penetrou nossa casa, em maio de 1927.”⁴¹

Aí está o homem, acossado por Espíritos de baixa categoria, incapaz de fugir por si próprio, mas merecedor do apoio espiritual em face dos compromissos reencarnatórios e, acima de tudo, por sua condição humana, porque todo ser, independentemente de ter ou não trabalho específico, de menor ou maior grandeza, recebe assistência espiritual. Chico é conduzido a um casal espírita, que o acolhe, orienta e coloca em suas mãos duas obras por ele desconhecidas, preparadas por um senhor francês há quase sessenta anos: Allan Kardec.

Em tais condições, Chico não poderia ser Allan Kardec, pois Allan Kardec foi um mestre na arte de conviver com os Espíritos de variadas categorias morais e intelectuais. Ele os estudou, analisou, pesquisou e classificou. Foi ele quem os revelou em obras tão profundas que quase cento e cinquenta anos depois permanecem como uma instituição construída sobre as pedras da verdade. Todo este cabedal, toda esta competência não dormiria a sono solto na memória profunda, totalmente impedida de vir à tona, mesmo que em doses inconscientes e diminutas. No corpo de Chico, estaria ele sendo vítima daqueles mesmos Espíritos atrasados que desmascarou e utilizou para reforçar a filosofia construída.

O médium mineiro revela que aprendeu a vida

toda. E aprendeu como um aluno insciente. Uma doença em 1940, diagnosticada como uremia, podendo provocar um colapso cardíaco, leva Chico a imaginar que vai morrer. Recorre ele a Emmanuel, que o repreende: “Não posso auxiliá-lo. Mas se você acha mesmo que chegou a sua hora, então recorra aos amigos do Luís Gonzaga. Você não é melhor do que ninguém”.⁴² É o Chico quem reproduz a história. Emmanuel, o mentor, o manda procurar os dirigentes do centro que freqüentava em Pedro Leopoldo. Emotivo, receoso, Chico teme estar próximo do fim. Como um homem comum.

Em outra oportunidade, Chico quis estudar a sua própria psicografia. Queria descobrir a intimidade dela. Disse: “Perguntei ao Emmanuel o que ele pensava. E ele me respondeu: “Se a laranjeira quisesse estudar pormenorizadamente o que se passa com ela, na produção de laranjas, com certeza não produziria fruto algum. Não queremos dizer, com isso, que o estudo para assuntos de classificação em mediunidade deva ser desprezado. Desejamos tão-só afirmar que, assim como as laranjeiras contam com pomicultores e botânicos que as definem, assim também os médiuns contam com autoridades humanas que os analisam pelo tipo de serviço que oferecem. Para nós, o que interessa agora é trabalhar”.⁴³

Chico imaginava poder auxiliar os pesquisadores e estudiosos, analisando as ocorrências mediúnicas que se passavam na sua própria intimidade física e espiritual. Kardec já o havia feito, com método, a seu tempo e todo pesquisador

que desejar utilizar dos estudos que deixou, os tem à mão, a tempo e a hora. Chico, não o fizera! Emmanuel o dissuadiu. Não era competência dele.

CHICO NÃO ACEITA SER CONFUNDIDO COM ALLAN KARDEC

Há um ponto em comum entre vários dos defensores da tese de que Chico Xavier é Allan Kardec: a honestidade. Há que destacar este aspecto. Embora digam que acreditam ser ele o Codificador de volta, em alguns de seus documentos registram as palavras do médium em que nega ser Allan Kardec. Pois é justamente neles que podemos encontrar parte do material que coloca o assunto no seu verdadeiro contexto.

Carlos A. Bacelli, claramente partidário da tese e um dos maiores divulgadores de casos do médium mineiro, no livro “Chico Xavier, Setenta Anos de Mediunidade”, reproduz entrevista estampada no jornal “Diário da Manhã”, de Goiânia, no dia 28 de agosto de 1998, na qual Chico responde enfaticamente à



*Foto de Chico Xavier
constante de um
“site” na Internet*

pergunta se era Allan Kardec. Eis sua resposta:

“Não, não sou. Não fico “brabo”, porque digo isso com serenidade. Não sou. Consulto a minha vida psicológica, as minhas tendências. Tudo aquilo que tenho dentro do meu coração é eu. Não tenho nenhuma semelhança com aquele homem corajoso e forte que em 12 anos deixou 18 livros maravilhosos. Acho que o exemplo de trabalho dele é tão grande, que devia comover mesmo os não espíritas, porque os 12 volumes da Revista Espírita eram todos escritos por ele, fora os livros clássicos do Espiritismo. De maneira que ele exerce realmente sobre mim uma influência muito grande. Não por ele, porque não o conheci, mas pelas idéias que deixou gravadas. Acho extraordinário como um homem trabalha tanto, durante 16 anos, pois ele começou em 1853, mas desencarnou em 1869, e deixou esta bagagem imensa que a cada dia fica mais atual. É interessante: a cada dia é mais atual. A verdade é como o diamante: não se quebra.”

Ou seja, Chico confirma o que já havia dito: qualquer um pode vê-lo como quiser, classificá-lo de gênio ou medíocre, mas somente ele sabe o que de fato é.

Na mesma linha, o apresentador de televisão, Gugu Liberato, em entrevista que fez com Chico pelo SBT, reproduzida nas páginas da revista “IstoÉ”, de outubro de 1995, perguntou-lhe se

sabia dizer quem foi em outras vidas. Chico respondeu:

“Ah... não sei exatamente. Tenho idéias relampejantes, mas não tenho certeza. Devo ter tido uma existência de pouco destaque e nenhum poder ou força. Naturalmente eu era dos menores. Desta vez voltei para a mediunidade que representou um serviço para mim. A mediunidade sempre foi a minha tarefa diária durante 68 anos.”

Há quem diga que Chico, por humildade, e apenas por isso, jamais iria responder afirmativamente a uma pergunta desta natureza. Esta colocação implica em admitirmos que, furtando-se a confirmar ser Allan Kardec, estaria mentindo ao dizer que não é. Não há possibilidade de imaginarmos o contrário. Sua resposta a Herculano Pires, afirmando: “até hoje, pessoalmente, eu nunca recebi qualquer notícia positiva a respeito da presença de Allan Kardec, reencarnado no Brasil ou alhures” também incorreria no mesmo tipo de erro. O que, convenhamos, não é admissível. Se fosse e soubesse que era o próprio Kardec, até poderia silenciar. Mas não mentiria, dizendo o contrário, nem para dissimular, nem com a finalidade de fugir do assunto. Este comportamento sério e honesto é da natureza de um homem que cresce dia a dia no conceito moral.

Mais correto, portanto, é ficar definitivamente esclarecido que Chico Xavier não aceita ser confundido com Allan Kardec e se essa confusão

acontece, ocorre por conta exclusivamente de seus admiradores mais entusiastas, cujos olhos emotivos conseguem ver além daquilo que de fato ele é. Isso é muito natural. A partir do momento em que o mito é projetado, escapa de qualquer controle e acaba se tornando um ente com vida própria. Em torno dele vão se formando camadas repletas de verdades e lendas, o que contribui para estimular gerações e ao mesmo tempo manter sob o véu o aspecto humano do ente que gerou o mito. Se o mito é necessário, como admitimos historicamente, com apoio em historiadores atuais, inclusive, devemos convir que não menos importante é tentar conhecer o homem, para que a beleza de um não subtraia a razão do outro.

Chico põe por terra a tese e as tentativas de incriminá-lo com ela. E dá razão àqueles que contrapõem as diferenças psicológicas entre ele e Kardec, como elemento fundamental da impossibilidade de ser o mesmo espírito que encarnou o Codificador. “Não tenho nenhuma semelhança com aquele homem corajoso e forte que em 12 anos deixou 18 livros maravilhosos”, afirmou. Quem melhor do que ele para chegar a essa conclusão? Quem mais do que ele poderia afirmar com tanta segurança: “Não, não sou”? Nenhum admirador, por mais íntimo e por mais vigilante em termos emocionais e racionais, observando-o, seria capaz de alcançar o íntimo dele e de lá, do fundo de sua alma misteriosa cujas vidas se perdem no tempo, arrancar as raízes delas. Um pesquisador, talvez! Mas Chico jamais demonstrou desejar isso, dando a entender que teria mais

e melhores coisas a fazer. Uma opção, que exerceu no pleno domínio de suas faculdades, mesmo que tenha sido estimulado a tomá-la por Emmanuel ou outro Espírito qualquer. É por isso que se compreende Adelino da Silveira dizendo que sabia que ele era Kardec, enfatizando o seu desabafo: “só o Cristo pode apagar minha memória”. Ou esta outra afirmação, reproduzida pelo mesmo Adelino, que teria sido feita por um casal: “Ou Chico Xavier é Allan Kardec, ou o Espírito de Verdade se enganou”. Na superfície subcutânea da emoção a verve racional costuma absorver as dores das picadas. E como só é possível em doutrina espírita crer por saber, tais frases surgem afrontando o bom senso e colocando a lógica sob os calcanhares. Ao ser arrancada dali, vai ela expor o ridículo destas posições.

Enquanto isso não ocorre, é preciso contrapor os fatos aos argumentos. Os testemunhos secundários têm sua validade, mas não se sobrepõem ao valor das provas. A palavra de Chico é uma prova contrária à tese. Caso venha a ser refutada por outras provas cabais, deixará de ter o mesmo valor. E então ele terá que admitir ser Allan Kardec reencarnado. Até aqui, estas provas não apareceram, não importa se por desinteresse dos defensores da tese de produzi-las, não importa mesmo que as desdenhem a favor de suas convicções, nem mesmo que entre os seus pares se encontrem figuras de destaque no plano das ciências. Porque estes, quando se pronunciaram, relegaram aquela condição e testemunharam como homens desprovidos de formação técnica, embo-

ra amparados pelos títulos obtidos nas instituições que dirigem. Maeterlinck, citado por Gabriel Delanne no fecho do livro “A Reencarnação”, lamenta que uma teoria importante como a das vidas sucessivas não tivesse no seu tempo “argumentos peremptórios” que pudessem prová-la definitivamente. Diz ele que a “doutrina das expiações e das purificações sucessivas

explica todas as desigualdades sociais, todas as injustiças abomináveis do destino”. E faz o seguinte destaque: “Mas a qualidade de uma crença não lhe atesta a verdade”.

O ônus da prova sempre cabe ao acusador, mas aqui deu-se o inverso. Por isso mesmo, têm mais valor as provas empíricas produzidas pelos “promotores de justiça” que encabeçaram a defesa da lógica da doutrina da reencarnação, expondo com firmeza a impossibilidade de Chico ser Allan Kardec. Seus argumentos e testemunhos, baseados em informações históricas, nas tradições e nos conhecimentos contidos nas obras do



Chico Xavier em foto recente: “Eu não sou Allan Kardec reencarnado

Codificador, formam um conjunto de admirável raciocínio, conduzindo-nos à seguinte conclusão:

Francisco Cândido Xavier,
mineiro, médium e figura des-
tacada do Espiritismo no Bra-
sil, não é Allan Kardec
reencarnado!

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, Hernani Guimarães. *Reencarnação no Brasil*. 2ª ed., Clarim, São Paulo, 1998.
- Andrade, Hernani Guimarães. *Renasceu por Amor*. 2ª ed., Fé, São Paulo, 1995.
- Baccelli, Carlos A. *Chico Xavier 70 Anos de Mediunidade*. 1ª ed., Didier.
- Baccelli, Carlos A. *Chico Xavier Mediunidade e Paz*. 1ª ed., Didier.
- Baccelli, Carlos A. *Chico e Emmanuel*. 1ª ed., Didier.
- Baccelli, Márcia Queiroz Silva. *Chico Xavier para Sempre*. 1ª ed., Didier.
- Barcelos, Walter. *Mediunidade e Discernimento*. 1ª ed., Didier.
- Bowman, Carol. *Crianças e suas Vidas Passadas*. 1ª ed., Salamandra, Rio de Janeiro, 1999.
- Bozzano, Ernesto. *Cérebro e Pensamento*. Trad. Wilson Garcia, a sair.
- Carvalho, Antônio C. P. de. *Chico, o Homem e a Obra*. 1ª ed., USE, São Paulo, 1997.
- Coelho, Maria Gertrudes. *Chico Xavier Coração do Brasil*. 1ª ed., Lírío, Araguari.

- Delanne, Gabriel. *A Reencarnação*. 10ª ed., FEB, Rio de Janeiro, 1996.
- Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*. 1ª ed., CELD, Rio de Janeiro, 1989.
- Denis, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 6ª ed., FEB, Rio de Janeiro, 1947.
- Doyle, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Pensamento, São Paulo
- Garcia, Wilson. *Uma Janela para Kardec*. 1ª ed., Capivari, Eldorado/EME, 1995.
- Gianetti, Eduardo. *Auto-engano*. 1ª ed., Cia. das Letras, São Paulo, 1998.
- Guimarães, Luiz P. *Vade-mécum Espírita*. 5ª ed., Nosso Lar, São Paulo, 1994.
- Jorge, José. *Chico Xavier sua Verdadeira História*. 2ª ed., Saber, São Paulo.
- Jorge, José. *Allan Kardec no Pensamento de Léon Denis*. CELD, Rio de Janeiro, 1978.
- Lacerdade, Fernando de. *Do País da Luz*. 1ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Luce, Gaston. *Léon Denis Vida e Obra*. 2ª ed., Edicel, São Paulo.
- Luce, Gaston. *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo*. 1ª ed., CELD, Rio de Janeiro.
- Miranda, Hermínio C. et Anjos, Luciano dos. *"Eu Sou Camille Desmoulins"*. 3ª ed., Lachâtre, Rio de Janeiro, 1993.
- Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, 12ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno*. Lake, São Paulo, 1973.
- Kardec, Allan. *Revista Espírita*. Edicel, São Paulo, vols. I a XII.

- Kardec, Allan. *A Gênese*. 2ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Kardec, Allan. *O Principiante Espírita*. 15ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 14ª ed., IDE, Araras.
- Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 1ª ed., EME, Capivari.
- Machado, Ubiratan. *Chico Xavier Uma Vida de Amor*. 4ª ed., IDE, Araras.
- Maior, Marcel Souto. *As Vidas de Chico Xavier*, 1ª ed., Rocco, Rio de Janeiro.
- Monteiro, Eduardo Carvalho. *Allan Kardec (o Druida Reencarnado)*. 1ª ed., Eldorado/EME, Capivari.
- Monteiro, Eduardo Carvalho. *Batuíra Verdade e Luz*. 1ª ed., Lumen, São Paulo, 1999.
- Monteiro, Eduardo Carvalho et Garcia, Wilson. *Cairbar Schutel o Bandeirante do Espiritismo*. 1ª ed., Clarim, Matão, 1986.
- Moreil, André. *Vida e Obra de Allan Kardec*. Edicel, São Paulo.
- Novaes, Alencar. *Reencarnação Processo Educativo*. 2ª ed., Lar Harmonia, Salvador, 1998.
- Paiva, Antônio Corrêa de. *Será Chico Xavier a Reencarnação de Allan Kardec?* 1ª ed., Vitória, Uberaba, 1997.
- Paula, José Antônio Vieira de. *Um Minuto com Chico Xavier*. 1ª ed., Didier.
- Paz, Organização da Comissão Nacional Pró-indicação de FCX ao Prêmio Nobel da. *Resumo das Obras Psicografadas por*

- Francisco Cândido Xavier*. São Paulo, 1981.
- Pires, J. Herculanio et Espíritos Diversos. *Chico Xavier Pedo Licença*. 1ª ed., GEEM, São Bernardo do Campo.
- Pires, J. Herculanio et Xavier, Francisco Cândido. *Na Hora do Testemunho*. 1ª ed., Paidea, São Paulo.
- Ranieri, R. A. *Chico Xavier o Santo dos Nossos Dias*. 2ª ed., ECO, Rio de Janeiro.
- Ranieri, R. A. *Forças Libertadoras*. 2ª ed., ECO, Rio de Janeiro.
- Rèmond, René. *O Século XIX*. 3ª ed., Cultrix, Rio de Janeiro, 1983.
- Rizzini, Jorge. *Antologia do Mais Além*. 3ª ed., Paulo de Tarso.
- Rizzini, Jorge. *Kardec, Irmãs Fox e Outros*. 2ª ed., Eldorado/EME, Capivari.
- Silva, Hilário et Xavier, Francisco Cândido et Vieira, Waldo. *Almas em Desfile*. 7ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Silva, Hilário et Xavier, Francisco Cândido et Vieira, Waldo. *A Vida Escreve*. 8ª ed., FEB, Rio de Janeiro.
- Silva, Luciano Napoleão da Costa e. *Novíssimas Revelações do Nosso Amigo Chico Xavier*. 1ª ed., Alf.
- Silva, Luciano Costa e. *Nosso Amigo Chico Xavier*, 5ª ed. Capivari, EME, 1997.
- Silveira, Adelino da. *Chico, de Francisco*. 1ª ed., Cultura Espírita União, São Paulo.
- Silveira, Adelino da. *Kardec Prossegue*. 1ª ed., Cultura Espírita União, São Paulo.
- Wantuil, Zeus et Thiesen, Francisco. *Allan*

Kardec (Pesquisa Biobibliográfica e Ensaios de Interpretação). 1ª ed., FEB, vols. I, II e III, Rio de Janeiro.

Vasconcelos, Manuela. *Fernando de Lacerda o Médium Português. 1ª ed., Lisboa, Portugal.*

Acervo Revista Manchete, ano 1981.

Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, vol. III, 1964/70, Rio de Janeiro.

Coleção do Anuário Espírita, diversos anos, IDE, Araras.

Folha de S. Paulo, Caderno Folha Ilustrada, 11 de julho de 1982.

Jornal Espírita, agosto de 1998.

Jornal O Clarim, 15 de setembro de 1998, pág. 5.

Jornal O Imortal, agosto de 1999.

Jornal Desobsessão, maio de 1978.

Jornal A Voz do Espírito, março/abril de 1996.

Revista Goiás Espírita, março/maio de 1998.

Revista A reencarnação, nºs 406 e 407.

NOTAS

1. Em “As Vidas de Chico Xavier”, o jornalista Marcel Souto Maior apresenta estes e outros aspectos em torno do tema da reencarnação do biografado. Revela, também, alguns daqueles que possuíam interesse em predizer o que fora Chico Xavier em vidas anteriores.

2. Todas as informações dão conta de que Chico sempre se negou a endossar qualquer opinião a respeito de suas vidas passadas. Os defensores da tese segundo a qual é ele a reencarnação de Allan Kardec acreditam que esse comportamento é revelador de sua superioridade. O que é estranho. Quando Kardec assumiu sua vida anterior como um sacerdote druida que vivera nas gálias francesas teve atitude contrária a essa.

3. Notícia publicada no “Anuário Espírita 1966”, editado pelo Instituto de Difusão Espírita de Araras, São Paulo.

4. Informações complementares sobre este livro estão na bibliografia. Esta foi uma das primeiras obras a retratar o médium mineiro que, em 1972, data de seu lançamento, aparecia com destaque na mídia nacional.

5. Em “Obras Póstumas”, página 243, 12ª edição, FEB.

6. Idem, página 262.

7. Idem, ibidem, pág. 266.

8. Ibidem, pág. 270.

9. Em “O Céu e o Inferno”, Segunda parte, edição Lake, 1973, pág. 158.

10. Obra referida, vol. III, 1ª edição, FEB, pág. 83.

11. Idem, pág. 85.

12. Idem, ibidem, pág. 85.

13. Em “Allan Kardec, o Druida Reencarnado”, 1ª edição, Eldorado/EME, pág. 19.

14. Idem, pág. 20.

15. Em “Chico Xavier Coração do Brasil”, pág. 144.

16. Em “Do País da Luz”, pág. 180.

17. O jornal “Correio Fraternal do ABC” publicou esta informação em sua edição de novembro de 1972, com destaque de primeira página. De fato, o assunto suscitava então fortes discussões, especialmente por causa das declarações de Arthur Massena.

18. Foram infrutíferas as tentativas para localizar a referida mensagem. Tudo indica que se de fato existiu, foi transmitida psicofonicamente, em círculo restrito. Outro detalhe: além de Arthur Massena, ninguém mais a divulgou pela imprensa e, mesmo hoje, 27 anos depois, não se encontra registro dela, nem mesmo quem possa testemunhar a sua veracidade.

19. “O Livro dos Médiuns”, pág. 294.

20. Idem, pág. 296.

21. Idem, ibidem pág. 302.

22. Em “Na Hora do Testemunho”, pág. 63.

23. Em “Será Chico Xavier a Reencarnação de Allan Kardec?”, pág. 25.

24. Obra citada, pág. 55.

25. Em “Vida e Obra de Allan Kardec”, pág. 41.

26. Idem.

27. Idem, ibidem.

28. Vol. I, pág. 115.

29. Idem.

30. Em “Será Chico Xavier a Reencarnação...”, prefácio.

31. Anais do VIII Congresso Estadual da USE, São Paulo.

32. Em “O Principiante Espírita”, pág. 7.

33. Em “O Homem e a Obra”, pág. 10.

34. Obra citada, pág. 239.

35. Idem.
36. Obra citada, pág. 13.
37. Obra citada, pág. 220.
38. Obra citada, pág. 19.
39. Obra citada, pág. 64.
40. Idem, pág. 69.
41. Obra citada, pág. 29.
42. Em "Chico Xavier, Uma Vida de Amor", pág. 62.
43. Idem, pág. 63.

Obras do Autor

1 - O Centro Espírita

- 1ª edição, 1978, Editora Nova Ação
- 2ª edição, 1990, co-edição USE/Correio Fraternal do ABC

2 - O Corpo Fluidico

- 1ª edição, 1982, Correio Fraternal do ABC
- 2ª edição, 1995, Editora Eldorado/EME

3 - Médicos Médiuns (opúsculo)

- 1ª edição, 1983, Correio Fraternal do ABC

4 - O Centro Espírita e suas Histórias

- 1ª edição, 1992, USE, São Paulo
- 2ª edição, 1995, USE, São Paulo

5 - Você e os Espíritos

- 1ª edição, 1993, co-edição Eldorado/EME
- 2ª edição, 1994, co-edição Eldorado/EME
- 3ª edição, 1996, co-edição Eldorado/EME
- 4ª edição, 1997, co-edição Eldorado/EME

6 - Cairbar Schutel, o Bandeirante do Espiritismo

- Parceria com Eduardo Carvalho Monteiro
- 1ª edição, 1986, Editora "O Clarim"

7 - VINICIUS - Educador de Almas

- Parceria com Eduardo Carvalho Monteiro
- 1ª edição, 1995, Eldorado/EME

8 - Você e o Passe

- Parceria com Wilson Francisco
- 1ª edição, 1995, Eldorado/EME
- 2ª edição, 1997, Eldorado/EME

- 9 - Uma Janela para Kardec
1ª edição, 1996, Eldorado/EME
- 10 - Você e a Obsessão
1ª edição, 1997, Eldorado/EME
- 11 - Kardec é Razão
(Os mais belos pensamentos de Herculano Pires, reunidos e interpretados livremente)
1ª edição, 1998, USE Editora
- 12 - Entre o Espírito e o Mundo
1ª edição, 1998 Eldorado/EME
- 13 - Você e a Reforma Íntima
1ª edição, 1998, Eldorado/EME
- 14 - Nosso Centro
Casa de Serviços e Cultura Espírita
1ª edição, 1999, Eldorado/EME
- 15 - Mensagens de Saúde Espiritual
(Antologia)
1ª edição (a sair), Editora EME
- 16 - Chico,
1ª edição, 1999, Eldorado/EME

Livros traduzidos

- 17 - Herculano Pires, Filósofo e Poeta (Humberto Mariotti/Clóvis Ramos)
1ª edição, 1986, Correio Fraterno do ABC
- 18 - Victor Hugo Espírita (Humberto Mariotti)
1ª edição, 1988, Correio Fraterno do ABC
2ª edição, 1996, Eldorado/EME

- 19 - Cérebro e Pensamento (e outras monografias)
(Ernesto Bozzano)
1ª edição - IDEBA (a sair)
Lançamento previsto: 1999

Livros traduzidos e complementados

- 20 - O Fantasma de Canterville (O. Wilde)
1ª edição, 1992, Correio Fraterno do ABC
2ª edição, 1996, Eldorado/EME
- 21 - O Destino de Lorde Arthur Saville (O. Wilde)
1ª edição, 1994, Eldorado/EME
2ª edição, 1995, Eldorado/EME

Participação

- 22 - Centros e Dirigentes Espíritas
1ª edição, 1996, Editora USE

LANÇAMENTOS



Nosso Centro - Casa de Serviço e Cultura Espírita
Wilson Garcia - Estudos s/ Centro Espírita • 14x21cm • 150 p.

Você vai encontrar amplo material informativo sobre o início do centro espírita, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos (SPEE), além de uma ampla reflexão sobre a interpretação doutrinário-espírita que facilitará o entendimento e a realização de práticas no centro espírita. Este é um livro que pode ser lido com facilidade por dirigentes, trabalhadores e freqüentadores dos centros espíritos.

CO-EDIÇÃO: USE-SP/ELDORADO – DISTRIBUIÇÃO: EDITORA EME

— **Além da Descoberta - Brasil 500 anos**

Antônio César Perri de Carvalho

História e Formação Espiritual do Brasil • 14x21cm • 96 p.

Este livro vale como valoroso passatempo, mas vale, acima de tudo, como instrumento de informação, permitindo ao leitor essa magnífica oportunidade de pensar alto, elevando-se, para ver e sentir a vida com sua riqueza material e espiritual, esses dois elementos que, juntos, esclarecem e, separados, impedem a boa compreensão do universo.

CO-EDIÇÃO ELDORADO/EME - DISTRIBUIÇÃO: EDITORA EME



Asas para o Infinito • Maria Eny Paiva

Educação e Estudos Espíritos - 14x21cm • 134 p.

O livro pretende oferecer sugestões práticas para que sua vida tenha equilíbrio. Ensina que, com esforço consciente, você pode encontrar a segurança na educação de crianças e jovens, motivo pelo qual se recomenda a obra para pais, educadores e evangelizadores.

Não encontrando os livros da EME na livraria de sua preferência, solicite através do Fone/Fax: (019) 491-7000, ou pelo e-mail: editoraeme@ncap.com.br o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.